

**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Música
Programa de Pós-Graduação em Música
Mestrado em Música e Cultura**

**O Panorama Atual da Marujada de Conceição do Mato
Dentro/MG:
Uma Análise da Interferência de Agentes Externos Sobre
Sua Cultura Musical Tradicional.**

Filipe Generoso Brandão Murta Gaeta

**Belo Horizonte
Novembro de 2013**

**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Música
Programa de Pós-Graduação em Música
Mestrado em Música e Cultura**

**O Panorama Atual da Marujada de Conceição do Mato
Dentro/MG:
Uma análise da Interferência de Agentes Externos Sobre
Sua Cultura Musical Tradicional.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música, linha de pesquisa Música e Cultura.

Filipe Generoso Brandão Murta Gaeta

Orientadora: Profa. Dra. Glaura Lucas

**Belo Horizonte
Novembro de 2013**

G129p

Gaeta, Filipe Generoso Brandão Murta

O panorama atual da marujada de Conceição do Mato Dentro/
MG: uma análise da interferência de agentes externos sobre sua
cultura musical tradicional / Filipe Generoso Brandão Murta
Gaeta. --2014.

123fls., enc. ; il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Música

Orientadora: Profa. Dra. Glaura Lucas

1. Etnomusicologia. 2. Chegança de mouro. 3. Conceição do Mato
Dentro/MG – Aspectos culturais. I. Título. II. Lucas, Glaura. III.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Música

CDD: 780.91



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Música
Programa de Pós-Graduação em Música

Dissertação defendida pelo aluno FILIPE GENEROSO BRANDÃO MURTA GAETA, em 04 de novembro de 2013, e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:

Profa. Dra. Glaucia Lucas
Universidade Federal de Minas Gerais
(orientadora)

Prof. Dr. Edilberto José de Macedo Fonseca
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Flávio Terrigno Barbeitas
Universidade Federal de Minas Gerais

*Dedico este trabalho a todos aqueles que, através da música,
encontram sentido para resistir às adversidades da vida.*

AGRADECIMENTOS

Ao Zé Geraldo, mestre da marujada de Conceição do Mato Dentro, pela confiança e amizade, fatores primordiais na realização de todo o trabalho desenvolvido.

À todos os demais membros da Marujada de Conceição do Mato Dentro, pelas conversas amigáveis, acolhimento nas viagens e por todas as novas experiências que, ao lado do grupo, vivenciei.

À Glaucia Lucas, por ter sido mais do que mera orientadora, demonstrando grande envolvimento e interesse com o tema proposto e enorme satisfação em ver os objetivos sendo realizados.

Aos meus pais, que me auxiliaram na pesquisa de forma ativa, além de me darem o suporte necessário para realizá-la, principalmente nos momentos em que precisei me dedicar a este trabalho de forma mais intensa.

Ao Ricardo Guerra Furtado (Secretário de Planejamento de Conceição do Mato Dentro), Regiane Ottoni (Secretária de Turismo de Conceição do Mato Dentro), Julia Celly (Secretária de Cultura e Patrimônio Histórico de Conceição do Mato Dentro), Marília Palhares Machado (Diretora de Promoção do IEPHA), Luiz Gustavo Molinari Mundim (Gerente de Patrimônio Imaterial do IEPHA) e todos aqueles que, de boa vontade, prestaram informações para esta pesquisa.

Resumo

A cidade de Conceição do Mato Dentro está localizada na região central do estado de Minas Gerais/Brasil. Nela se realizam manifestações culturais tradicionais como a Marujada. Esta é constituída por um grupo de pessoas devotas que cumprem funções específicas e de essencial importância para a realização da festa em honra a Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato Dentro. Como é próprio de acontecer com as tradições culturais em geral, a Marujada vem sofrendo várias mudanças ao longo dos anos, algumas delas ocasionadas por suas motivações internas, outras determinadas pela participação efetiva de agentes externos. Atualmente, vários agentes externos atuam ou visam interferir nestas manifestações culturais, muitas vezes causando impacto expressivo nestas tradições. Diante deste cenário, esta pesquisa busca compreender como um conjunto de ações empreendidas por instituições, pessoas e grupos sociais afetam a tradição da Marujada. Além disso, a pesquisa objetiva entender como os marujeiros reagem a estas interferências externas, como as percebem, se as consideram uma ameaça à suas tradições e quais mecanismos de defesa produzem. Finalmente, além de ser uma fonte de reflexão sobre a Marujada, a pesquisa também pode se tornar um suporte para o grupo pesquisado nos processos de defesa dessa expressão cultural e de suas tradições.

Palavras Chave: Marujada, Direito Autoral, Mineração, Tradição, Mudança Cultural.

Abstract

The city of Conceição do Mato Dentro is located in the central region of the State of Minas Gerais, Brazil. There, traditional cultural events, such as Marujada, take place. This consists of a devout group of people who fulfill specific and greatly important functions for celebrating the feast in honor of Our Lady of the Rosary of Conceição do Mato Dentro. As typically happens in the cultural traditions in general, the Marujada has undergone several changes over the years, some of them caused by their internal motivations, others determined by the effective participation of external agents. Currently, several external agents act or seek to interfere in these cultural manifestations, very often causing significant impact in these traditions. Given such a scenario, this research seeks to understand how a set of actions undertaken by institutions, individuals, and social groups affect the Marujada tradition. In addition, the research aims to understand how the marujeiros react to this external interference, how they notice it, whether they consider it a threat to their traditions, and which defense mechanisms they produce. Finally, in addition to being a source of reflection about the marujada, this research can also become a support for the surveyed group in the process of defending this cultural expression. And tradition.

Keywords: Marujada, Copyright, Mining, Tradition, Cultural Change.

Índice

Introdução	8
Objetivos	8
Justificativa.....	9
Metodologia.....	10
1 Histórico.....	16
1.1 Conceição do Mato Dentro.....	16
1.2 Marujada.....	17
2 Agentes Externos.....	25
2.1 Mineração – Anglo American	28
2.2 Prefeitura de Conceição do Mato Dentro - Cultura	44
2.3 Prefeitura de Conceição do Mato Dentro - Transporte	55
2.4 Artistas da Música Popular – Direitos Autorais	64
3 Tradição	84
3.1 Os Festeiros	94
3.2 A Música	98
3.3 A casa de Cultura e o Doce	101
3.4 A Farda	104
3.5 Fé e Devoção	105
3.6 Os Integrantes	108
Considerações Finais.....	110
Bibliografia.....	116
Anexos	121

Introdução

Objetivos

A cidade de Conceição do Mato Dentro está localizada na região central do estado de Minas Gerais/Brasil. Nela se realizam manifestações culturais tradicionais como a marujada. Esta é constituída por um grupo de pessoas devotas que cumprem funções específicas e de essencial importância para a realização da festa em honra a Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato Dentro. Como é próprio de acontecer com as tradições culturais em geral, a marujada vem sofrendo várias mudanças ao longo dos anos, algumas delas ocasionadas por suas motivações internas, outras determinadas pela participação efetiva de agentes externos. Atualmente, vários agentes externos atuam ou visam interferir nestas manifestações culturais, muitas vezes causando impacto expressivo nestas tradições.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário é realizada nas ruas da cidade, e para acontecer depende da colaboração e negociação com outros setores da sociedade, a exemplo do poder público, através das secretarias e prefeitura, ou pessoas comuns por meio de doações. Essas negociações se intensificam na medida que a cidade vem sofrendo novos impactos, como, por exemplo, através da atuação de empresas mineradoras. Além disso, observa-se atualmente um assédio maior de visitantes, para os mais variados fins.

Diante deste cenário, esta pesquisa busca compreender como um conjunto de ações empreendidas por instituições, pessoas e grupos sociais afetam a tradição da marujada, lembrando que eu, como representante da academia, também me enquadrado na categoria de “agente externo”. Apesar dos marujeiros não utilizarem esse termo, é perceptível a desconfiança dos membros dessa expressão cultural tradicional em relação a diversos atores, dentre os quais me incluo, que provocam tipos variados de interferência diretamente sobre ela, sentimento este gerado, principalmente, por um conjunto de experiências negativas até o momento vivenciadas.

Além disso, a pesquisa objetiva entender como os marujeiros reagem a estas interferências externas, como as percebem, se as consideram uma ameaça a suas tradições e quais mecanismos de defesa produzem. Por fim, ela enfatiza a necessidade

de compreensão, estudo e entendimento das tensões, negociações e outros fatores que evidenciam as diferenças interculturais de concepção e percepção sobre essa tradição afro-brasileira.

Em Conceição do Mato Dentro, há um grupo de marujada, composta por aproximadamente 30 integrantes, entre homens e crianças, todos do sexo masculino, que expressam sua fé em Nossa Senhora do Rosário. Sendo assim, a pesquisa objetiva compreender e analisar o grupo através de uma perspectiva de seus integrantes, tendo como real importância aquilo que tem significado para essa comunidade. Porém, mesmo tendo essa intenção, não foi possível, através do processo de pesquisa, recolher depoimentos de todos os componentes.

A princípio, meu objetivo era perceber especificamente o impacto da atuação da mineração sobre a marujada. Os trabalhos recentes de mineração na região se iniciaram em 2008, através da Anglo American. No entanto, nas conversas com o Zé Geraldo, mestre da marujada, percebi através de seus depoimentos que havia outras questões que o incomodavam de forma mais intensa, o que me levou a ampliar o escopo da minha análise.

Desta forma, o mestre da marujada também apontou algumas dificuldades e anseios do grupo, motivando a pesquisa na busca por resultados que trouxessem benefícios para os marujeiros, através de uma atuação que mediasse as tensões envolvendo seus membros e outros agentes externos.

Justificativa

A velocidade das transformações sociais e a agressividade dos processos de globalização na atualidade, demandam urgência na busca de compreensão de como grupos que vivem pautados em valores tradicionais reagem a todo esse contexto de mudanças.

Desta forma, os fatores motivadores para a realização da pesquisa em questão surgiram, inicialmente, pela grande curiosidade em entender a marujada, tanto como músico (fui professor de Harmônica Diatônica nas Escolas Cavallieri e Pro Music, em Belo Horizonte) quanto como Concepcionense por consideração (como meus avôs e minha mãe nasceram e moraram em Conceição do Mato Dentro, frequento a cidade desde a infância). Posteriormente, por ser graduado em Direito, e ter interesse especial

sobre Direitos Autorais, e suas especificidades no âmbito das culturas da oralidade. Finalmente, por ter atuado contrariamente à instalação de empresas mineradoras em Conceição do Mato Dentro, fato este que tem alterado substancialmente o panorama desta cidade onde passei momentos inesquecíveis da minha juventude.



Foto 1 - Grupo de marujeiros desfilando na rua Daniel de Carvalho, no Centro de Conceição do Mato Dentro. Presume-se que seja a festa de Nossa Senhora do Rosário, ocorrida em janeiro de 1985. Também apareço na foto, no colo da minha mãe.

A pesquisa também visa contribuir com a etnomusicologia, através da reflexão, em um âmbito regional, abordando temas tão discutidos na atualidade como Direitos Autorais e registro e salvaguarda de patrimônio imaterial.

Metodologia

A pesquisa em questão se realizou por meio de uma experiência etnográfica, com uma finalidade específica. Para isso, o trabalho de campo teve grande importância. Grande parte do conhecimento adquirido sobre a marujada se deu através de observações, conversas e entrevistas realizadas com o próprio grupo pesquisado. As viagens realizadas com os marujeiros para festas em outras cidades também foram de grande importância, o que possibilitou um convívio mais íntimo com grupo e a compreensão de como eles se comportam durante os festejos, desde a preparação até a finalização.

Durante o trabalho de campo realizei entrevistas com os marujeiros, filmagens das entrevistas, das viagens que realizei com o grupo e da festa de Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato Dentro.

Confesso que senti um incômodo grande ao realizar as referidas filmagens. Percebi que alguns grupos de congado que filmei não se incomodaram muito com as gravações, mas a tentativa de buscar os melhores ângulos muitas vezes tornavam essas filmagens um pouco agressivas, interferindo um pouco na manifestação.

Diante da desconfiança que os marujeiros desenvolveram em relação a grupos de pessoas externas à manifestação, em função de abusos e apropriações de seu patrimônio, eu não queria ser entendido como mais um “forasteiro” que poderia trazer algum dano à esta expressão cultural.

Além disso, deve ser levado em conta que uma pesquisa sempre interfere na comunidade na qual ela se desenvolve. O pesquisador ao realizar suas filmagens e entrevistas influencia na própria comunidade, e essa interferência às vezes é bastante agressiva.

Após os encontros realizados, sejam através de conversas com membros específicos ou através de viagens com todo o grupo, escrevi um relato etnográfico contando os fatos ocorridos, um diário de campo. Esses relatos aparecem ao longo de todo este texto, entremeados com as demais reflexões. Isso ocorre porque o trabalho de campo foi primordial para a escolha do tema, já que se buscam as temáticas que fazem sentido para os marujeiros.

Durante o desenvolvimento da escrita deste texto, um grande questionamento permaneceu do começo ao fim. Eu não sabia se seria plausível manifestar minhas opiniões, ou se deveria tentar adotar certa imparcialidade, apesar de sabermos que a total imparcialidade é algo utópico. Também me pareceu duvidoso se, caso escolhesse em manifestar minhas opiniões, se estas deveriam ser um pouco mais contidas ou se deveria apresentá-las com veemência.

Como não há possibilidades de desvincular a pesquisa do pesquisador, obviamente que aquilo que irei descrever representa a minha visão pessoal, em um determinado espaço de tempo, em um lugar específico.

De acordo com Vagner Gonçalves da Silva:

“Considerando, portanto que toda descrição já é em si mesma uma interpretação circunstanciada pelas condições de sua observação, descrição e interpretação não devem ser vistas como

antagônicas, tanto na construção de um texto etnográfico como em sua leitura.” (SILVA, Vagner Gonçalves da, 2000, p. 301).

Corroborando o pensamento acima também disse Malinowski (1935: 317):

"O antropólogo deve não só observar, mas constantemente interpretar, estruturar, construir, relacionando as bases de dados isoladas umas com as outras. Ser altamente auto-crítico, percebendo que muitas abordagens inevitavelmente levam a conclusões falsas e becos sem saída. E estar pronto para começar de novo. " ¹ (NETTL, Bruno, 1983, p. 250).

Consultei uma ampla bibliografia para dar suporte ao tema proposto. Para isso, pesquisei alguns livros sobre Conceição do Mato Dentro², legislação de Direitos Autorais³, textos etnomusicológicos que versam sobre mudança musical⁴, mudança cultural⁵, tradição⁶ e etnografia⁷, livros de história sobre estratégias de resistência negra, revistas de publicação da Anglo American⁸, teses de direitos autorais sobre músicas indígenas e literatura e teses de mestrado sobre o congado de outras regiões do estado⁹, sendo importante frisar que uma dissertação de mestrado sobre a marujada de conceição já foi realizada pelo mestre Daniel Magalhães também na UFMG, mas essa pesquisa foi referente aos toque dos pífanos da marujada de Conceição do Mato Dentro, sendo, desta forma, um assunto totalmente diverso daquele que trato na minha pesquisa.

Para dar suporte à pesquisa, realizei visitas a alguns órgãos públicos. Fui ao Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - IEPHA em 26/06/2012, onde conversei com alguns funcionários e pesquisei alguns documentos

¹“The anthropologist must not only observe but constantly interpret, structure, construct, relating isolated bits of data to each other. Be highly self critical, realizing that many approaches inevitably lead to false conclusions and dead ends. And be ready to start over.”

²Mato Dentro, Viagem através dos tempos e contratempos de Conceição (1994); COSTA (1975), GARDNER (1975).

³MALM (2008); SANDRONI (2007); TRAVASSOS (1999); MENESES (2007).

⁴NETTL (2006).

⁵DIAS (2001); REILY (1990).

⁶BOSI (1987); PEREIRA, GOMES (2000); SANDRONI (2011); BECKER (2007).

⁷SILVA (2000).

⁸Diálogo (2010).

⁹LUCAS (2002).

referentes ao registro da festa de Nossa Senhora do Rosário. Também estive presente nas secretarias de Cultura e de Turismo de Conceição do Mato Dentro, onde conversei com alguns funcionários da secretaria. Enviei também alguns questionários ao IEPHA, Secretarias de Cultura e Turismo de Conceição do Mato Dentro e à mineradora Anglo American.

O trabalho de campo foi preponderante para a melhor definição dos objetivos, em relação ao tema estudado, já que essa escolha se deu a partir do contato com a realidade dos marujeiros, levando à expansão do foco, em relação ao objetivo inicial, que se concentrava no impacto da presença da mineradora Anglo American sobre a marujada e a festa de Nossa Senhora do Rosário. O primeiro encontro com o Zé Geraldo, mestre da marujada de Conceição do Mato Dentro demonstra claramente um norteamento da pesquisa, e, deste modo, passei a ter como foco os elementos que o Zé Geraldo considerou de maior importância, como demonstrarei adiante:

Em meados de maio de 2012 fui até a casa do mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro. Apresentei-me, e disse que pretendia realizar uma pesquisa sobre a marujada.

O mestre se mostrou bastante desconfiado quando eu disse que ia realizar uma pesquisa. Perguntou se era um documentário. Eu disse que não, e prestei maiores informações sobre o meu mestrado.

Então o mestre da marujada começou a me contar como eram as relações sociais de antigamente (citou meu avô, conhecido em Conceição do Mato Dentro como Zé de Filó, dizendo que se alguém perguntar na cidade por José de Miranda Murta, ninguém saberá de quem se trata). Falou que no dia anterior alguém perguntou pra ele onde era o café Mariinha (cafeteria que possuo em Conceição do Mato Dentro) e ele deu o endereço, não falou apenas “é perto da igreja Matriz”.

Citou o Ginásio e Inhalina, locais próximos à cidade onde sua mãe lavava roupas e onde as pessoas iam nadar . Falou da Pedra dos Urubus que tinha esse nome porque em cima era o matadouro de gado. Concluiu que se eu quiser pesquisar a história de Conceição do Mato Dentro tenho que começar a “garimpar” por esses locais. E que tenho que ir com calma.

É interessante analisar como o mestre da marujada percebe a importância dos fatos históricos, nas relações sociais para o entendimento da própria tradição da marujada. Também é importante dizer que o fato de eu ser uma pessoa da cidade, cuja família é conhecida por ele, facilitou a quebra da resistência inicial do mestre da marujada com relação ao interesse de um ‘pesquisador’.

Quando perguntei sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário, ele comentou sobre os doces que são produzidos para a festa. Disse que atualmente, nos dias da festa você encontra os doces jogados nas ruas porque não são feitos com amor como eram feitos antigamente.

Perguntei se a chegada da Anglo American tinha realizado alguma interferência sobre a Marujada e a Festa de Nossa Senhora do Rosário, e ele disse que a mineração não faz diferença.

Embora a Anglo American já venha provocando um forte impacto na vida social, política e econômica da cidade, tais influências parecem não ter chegado (ou

sido percebidas) ainda pelo líder da marujada. No entanto, a mineradora já apresentou publicamente planos de ação na esfera cultural, que incluem intervenções nas tradições da cultura popular, a exemplo da marujada.

Quando perguntei ao mestre da marujada se ele já tinha sido procurado por algum pesquisador, curiosamente em sua resposta ele referiu-se a dois músicos profissionais da música popular de mercado, um deles, famoso por se apoiar nas sonoridades da tradição do congado mineiro para compor suas músicas. O marujeiro se mostrou bastante crítico com relação ao cantor, repreendendo o fato de ele e suas filhas terem roubado as músicas da marujada. Segundo o marujeiro trata-se de um problema que vem atingindo vários grupos da região, considerando ser fácil roubar uma música, já que é fácil gravar às escondidas. Além disso, criticou o fato desse músico alterar esteticamente as músicas roubadas, quando as trata em estúdio.

Falou que o fato da festa de Nossa Senhora do Rosário ter sido registrada só piorou a situação (com o desenvolvimento da pesquisa percebi que o registro ao qual o Zé Geraldo se referia era o Dossiê de Registro da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato Dentro). Afirmou também que nunca recebeu verba da prefeitura. Posteriormente, em outros diálogos com o grupo, compreendi que a piora após o registro era referente à burocracia necessária para se conseguir os serviços da prefeitura, a exemplo do transporte. Antes do registro bastava realizar um pedido informal, agora era necessário realizar um ato formal para conseguir esses serviços.

Depois disso, falou sobre o outro músico popular concepcionense, que também gravou músicas dos marujeiros, transformadas para a estética da música popular, e não incluiu o nome dos marujeiros, questionando assim a eficácia da lei de Direitos Autorais. Posteriormente, o mestre da marujada falou sobre as músicas da marujada, dizendo como e quando são tocadas e cantadas.

Ele me mostrou também as fotos tiradas por um pesquisador que, como o próprio mestre disse, foi embora e levou mais um pouco da história dos marujeiros com ele.

Perguntei sobre os festeiros¹⁰ da festa de Nossa Senhora do Rosário.

Sobre a escolha dos festeiros, afirmou que antigamente existia uma lista com os moradores da cidade que poderiam ser os festeiros. Quem queria ter seu nome retirado da lista dava uma contribuição financeira para ter seu nome retirado. Além disso, o congado tinha influência na escolha do festeiro. Afirmou que hoje em dia alguns festeiros estão preocupados apenas em fazer uma festa bem pomposa, com belas vestimentas e adereços, se esquecendo do verdadeiro sentido do reinado.

Fomos até um dos quartos da casa do mestre da marujada e ele me mostrou os instrumentos utilizados na marujada, dizendo que já estão bem velhos e com cupim.

Finalmente me convidou para encontrar com o resto do grupo dia 9 de junho de 2012, às 14 horas para saber a opinião dos outros membros da marujada.

Posteriormente a este encontro, realizei uma entrevista com o Zé Geraldo, tendo como referencia os assuntos que foram abordados por ele na primeira conversa

¹⁰ Os festeiros são os Reis e Rainhas da festa de Nossa Senhora do Rosário, responsáveis financeiramente pela realização dessa tradição a cada ano.

informal acima relatada. A partir desse momento, o foco da pesquisa passou a ser a fala do Zé Geraldo a respeito de vários pontos de conflito que afetam a marujada, sendo importante dizer que talvez a opinião do mestre da marujada possa não ser, em todos os temas tratados, unânime em todo o grupo. A entrevista foi realizada em 23/04/2013, gravada em áudio e vídeo, transcrita integralmente e utilizada em praticamente todos os capítulos, tornando-se a base para a escrita de toda a dissertação de mestrado que se segue. Alguns meses após a realização da entrevista conversei com o Zé Geraldo sobre a utilização, divulgação e publicação, para fins acadêmicos e culturais, do referido depoimento, e o questionei se ele tinha total certeza em estar em acordo com os termos acima descritos. Com a concordância do mestre da marujada, apresentei um termo de cessão gratuita de direitos de depoimento oral, que foi assinado pelo Zé Geraldo em 23 de agosto de 2013, e encontra-se nos anexos.¹¹

A partir da entrevista em questão foi possível encontrar o embasamento teórico para o tema objeto da pesquisa. Através da fala do mestre da marujada tornou-se evidente a importância do conceito de tradição em relação às mudanças ocorridas na marujada ao longo dos anos.

Além disso foi possível perceber a interferência de alguns agentes externos sobre a tradição da marujada, principalmente pela disparidade referente ao entendimento dos diversos grupos sobre o próprio conceito de tradição, que torna-se perceptível quando estabelecemos um paralelo entre a fala do mestre da marujada e algumas ações desses agentes externos em relação ao grupo pesquisado.

Estas celebrações, bem como a cultura popular dentro do qual se situam, são analisadas como “a tradição”, que tem como aval de autenticidade a manutenção de traços que, do exterior para o interior, lhes são facultados como essenciais. Assim, tradição ou é um estágio anterior do evento ou uma produção intelectual imposta às comunidades. Novamente a idealização atravessa o caminho da tradição, transformando-a num retrato do paraíso perdido ou numa projeção de desejos individualizados. (PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de M. 2000, p. 47).

¹¹O documento citado se encontra nos anexos, ao final da dissertação. Pag. 124.

1 Histórico

1.1 Conceição do Mato Dentro

A história de Conceição do Mato Dentro se iniciou em 1702, quando o bandeirante Gabriel Ponce de Leon fundou o arraial de Conceição que, em 1943, receberia o complemento “Mato Dentro”, compondo, assim, o nome atual da cidade. Gabriel Ponce de Leon também erigiu a primeira capela do arraial, erguida em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, e desta capela surgiu o nome da cidade. Em 1802, a referida capela foi transformada na igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde se realizava a festa do Divino e apenas “aos brancos” era permitida a entrada. Deste modo, em 1728, construiu-se a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, destinada aos negros, que introduziram a festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada, religiosamente, todos os anos.



Foto 2 – Festa de Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato Dentro ocorrida no dia primeiro de janeiro de 2012. Ao fundo, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

1.2 Marujada

Em várias cidades do Estado de Minas Gerais, grupos tradicionais com características singulares celebram o Rosário de Maria, compondo, assim, as Festas de Nossa Senhora do Rosário (também identificada como festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário).

Em Conceição do Mato Dentro, a festa do Rosário acontece a mais de duzentos anos, e em seu cortejo conta com a presença de grupos culturais tradicionais de várias regiões do estado, como, por exemplo, guardas de congado, catopés e caboclinhos. Além disso a festa também é composta por outros elementos típicos, que são os bonecos gigantes, as bandas de música, além dos Reis e Rainhas da festa e seus familiares, que se vestem com roupas similares às utilizadas nos tempos em que a corte portuguesa se estabeleceu no Brasil.

Em Conceição do Mato Dentro, o grupo cultural tradicional que realiza a festa é a marujada. De acordo com O Zé Geraldo, mestre da marujada de Conceição do Mato Dentro, a festa tem como data de início o ano de 1742.

*A história mesmo começou em 1742, a nossa festa aqui. É uma coisa que eu me friso bem por causa dessa data aí, porque não posso diminuir. Tá como no registro mesmo, quando começou a festa aqui. Já começa a realidade, essa lenda daqui de Conceição. É uma coisa assim que eu tenho que guardar isso aí, e dar prosseguimento pra alguém depois dentro da marujada pra não deixar perder essa data. Agora não sei o mês, e o dia, mas nessa época aí, que foi dito pra gente. Então eu tenho que dar continuidade dessa data.*¹²

As danças dos marujeiros - danças de origem portuguesa, relacionadas à vida dos marujos em suas viagens na época do descobrimento de novas terras, a exemplo do Brasil - se tornou popular em Minas a partir do começo do século XVIII, devido à instalação dos portugueses nessa região atraídos pelo descobrimento do ouro. Juntamente com o toque dos pífanos e o pipiruí (nome popular dado aos tocadores de pífanos de Conceição do Mato Dentro), a marujada se tornou de fundamental importância na festa do Reinado em Conceição do Mato Dentro.

¹²Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.



Foto 3 - A foto acima retrata Daniel de Lima Magalhães, autor da dissertação de mestrado “Pipiruí e Caixa de Assovio: Tocadores de Pífanos e Caixas nas festas do Reinado”, tocando junto ao grupo de pífanos e pipiruí, em Conceição do Mato Dentro.

O reisado - como também é chamado o reinado - trazia suas características do congado, que é uma festa afro descendente. No entanto, a dança dos marujos foi apropriada pelos negros, para suas festas em honra a Senhora do Rosário, passando a assumir sentidos e significados vinculados a essa prática.

Deste modo, a Festa de Nossa Senhora do Rosário possui elementos de origem portuguesa e africana, sendo importante ressaltar que esses elementos foram reinterpretados pelos negros em Conceição do Mato Dentro, quando estes assimilaram a fé cristã. Isso é de essencial importância pois a festa não é de origem africana ou portuguesa, e sim brasileira, já que representa uma releitura feita pelos negros brasileiros, através de um arcabouço conceitual particular desse grupo e uma visão de mundo própria desses marujeiros.



Foto 4 – Marujeiros ao lado da Igreja Matriz de Conceição do Mato Dentro, durante a festa de Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato Dentro, ocorrida em primeiro de janeiro de 2013.

“É natural que aqui relembremos alguns aspectos de suas exibições. Mas eles, todos gente simples, sem recursos para maior preparo no seu repertório, tudo o que apresentam é produto de aprendizagem oral – autos, danças e cantigas com que provocavam e ainda provocam o entusiasmo e as alegrias de tanta gente. Pena que a memória não ajude para o registro completo de tudo que havia. (...)”

(...)Os pífanos, em Conceição, talvez sejam mais antigos que os marujeiros. Vieram do Serro, e eram ligados ao corpo de militares do governo colonial. Já se fez referências a eles em outra parte. “O nome pipiruí, com que são popularmente chamados, parece expressão onomatopaica, pela semelhança com o toque por eles executado.” (COSTA, Joaquim Ribeiro, 1975, p. 225 a 228).

A citação acima representa uma visão de um autor folclorista, que escreveu sobre a história de Conceição do Mato Dentro na década de 70. Sua visão é um pouco preconceituosa ao afirmar que os marujeiros não apresentam recursos para o maior preparo de seu repertório, e também traz uma ideia de que a tradição é estática, na medida em que afirma que a memória não ajude para o registro completo de tudo

que havia, demonstrando considerar importante apenas o registro daquilo que está preso no passado e ignorando que a tradição está sempre se transformando. Porém, a citação acima traz informações interessantes para uma análise da marujada, sendo a única fonte bibliográfica encontrada sobre o grupo em um passado próximo. Por vezes, a visão folclorista apresenta uma visão fantasiosa, pois retrata uma opinião que não possui um embasamento teórico e científico, apenas uma visão momentânea baseada em sentimentos individuais.

“o folclorista se tornou o paradigma de um intelectual não acadêmico ligado por uma relação romântica ao seu objeto”(VILHENA, 1997, p. 22).

A marujada é composta por um grupo de aproximadamente 30 integrantes, entre homens e crianças, todos do sexo masculino, que expressam sua fé em Nossa Senhora do Rosário. Assim como em varias guardas de congado no Estado de Minas Gerais, a marujada se baseia em uma lenda.

O Congado se estrutura a partir da lenda da aparição e resgate de uma imagem de Nossa Senhora do Rosário por negros escravos. Segundo sua versão mais corrente nessas Irmandades, aqui narrada de forma sucinta, uma imagem da santa teria aparecido no mar, e, após a tentativa frustrada dos brancos de retirá-la com rezas e bandas de música, os negros conseguiram permissão para homenageá-la. (LUCAS, Glaura, 1999, p. 22).

O mestre da marujada confirma a sua crença nessa lenda e demonstra a forma como ela é interpretada pelo grupo.

*Como, na lenda mesmo, que foram os marujos que buscaram a Nossa Senhora no mar, outros já contam diferente que foi eles, ou já contam que foi outros diferentes. Nós aqui, mantemos a tradição que fomos nós aqui, que tem a lenda que nós aqui que buscamos, vamos manter viva essa lenda. Senão um dia essa lenda acaba como nos marujeiros estamos acabando aos pouquinhos. Nossa lenda tem que continuar. Queira ou não queira tem que continuar. Se aumenta ou diminui pelo menos ta mantendo nossa lenda. Nos meus quarenta anos de marujada to mantendo essa lenda. To com 47, então ta dando pra manter essa lenda.*¹³

¹³Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

Os marujeiros, em seus cortejos, utilizam vestimentas brancas, com um laço vermelho na cintura. Os mais antigos também carregam um crachá no peito com seus dados pessoais. Alguns utilizam um “chapéu” branco em forma de cone, com pequenos espelhos ovais colados como adereço. Outros utilizam boinas na cor vermelha ou azul. Assim afirma Zé Geraldo:

Bom, já vem o período da festa mesmo, principal no dia mesmo, é a roupa branca. Que é os capacetes, com fitas vermelhas, coloridas, fitas coloridas, calça e camisa branca. Uma perneira, que vem até o joelho, e botina. Agora já tem outro lado também que usamos as capas. As capas douradas. Azul, amarela.”¹⁴

Quanto à utilização das boinas, Zé Geraldo afirma:

É, que usam os bonés. Mais o responsável mesmo que usa. Já tem mais ou menos por dentro da história mais o limite de roupas são estes. Roupa branca, e uma capa azul, uma capa dourada ou então uma capa cor de rosa. É como simboliza as vestes de nossa senhora. E a roupa branca já é dos marinheiros. Tudo se encaixa é dentro do mar mesmo, entendeu?”¹⁵

O mestre da marujada utiliza uma capa azul sobre a camisa branca, e possui um cajado que é usado para guiar o grupo. De acordo com o mestre da marujada esse cajado é chamado de espada, bengala ou chibata, elementos utilizados como armas na época da escravidão e que são instrumentos da resistência que se mantém significativos dentro dos rituais de hoje.

*Por que a gente usa essa espada mas igual tem a bengala, a chibata. Vai mais é como chibata. Como se diz, na época, vinha Nossa Senhora do Rosário, a igreja, então não tinha arma, a única arma que nós tinha o mestre usava, entendeu? Era a espada. Os outros, um pedaço de pau.*¹⁶

Todos cantam, dançam e tocam algum instrumento musical, seguindo todo o cortejo em duas filas paralelas, com exceção de três integrantes que, além de não estarem fixos nas filas, também não tocam instrumentos: À frente de todos os marujeiros e no centro, aquele que carrega o estandarte com a imagem de Nossa Senhora do Rosário; em meio ao grupo e com bastante mobilidade, o mestre da

¹⁴Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

¹⁵Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

¹⁶Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

marujada, que guia os companheiros tanto na organização rítmica e na escolha das músicas quanto na organização do grupo, mantendo-os unidos; ao fundo, seguindo atrás de todos os membros, um integrante da marujada que dança girando e gesticulando com os braços, como se convidasse os espectadores a participar da tradição. De acordo com o Zé Geraldo, esse elemento tem a função de dar um suporte na organização do grupo, e na relação com as outras guardas que participam das festividades.

*É pra tentar se organizar. Lá atrás, pro cara não sair da fila, manter a fila reta. E ultrapassando igual você no caso perguntou. E os outros grupos que vem acompanhando também. Que já veio o catopé, já veio o congado, já veio o Moçambique. Então já vem ajudando a gente, porque um grupo, uma festa é quase doze horas, igual no nosso caso aqui, em pé, entendeu? Só a hora de almoçar só, pronto, e manter pela rua. É cansativo, então os grupos ajudam a gente, um ajudando o outro.*¹⁷

Normalmente contam com a presença de dois tocadores de caixa, um sanfoneiro, um violeiro. Os outros integrantes tocam pandeiro. Na ordem das filas segue à frente o sanfoneiro e o violeiro, um de cada lado, seguidos pelos tocadores de caixa. Por último, os pandeiristas, que se intercalam entre adultos e crianças, sendo estes últimos chamados de calafatinhos. O mestre da marujada explica que conduz o grupo utilizando sua espada ao centro, e cita os demais integrantes e suas funções, além de demonstrar a função dos instrumentos e comparar estes instrumentos com aqueles que eram utilizados no passado.

*Aí já vem os guias, que são os violeiros. Os dois violeiros guias. Já vem os pandeiros, que era feito de madeira. Hoje não é mais. Pra fazer barulho. E os tambores, de madeira. Hoje já não é mais aquele tambor original. Entendeu? Vai caindo. E o sanfoneiro, que brinca na turma ali. E o pequeno marujeiro. Aquele que brinca pra lá, que faz a alegria da gente, que é o menino calafatinho. Esse que faz a alegria da gente. Que é através dele, que ele vai tentar chegar um dia onde eu cheguei.*¹⁸

Percebemos assim, que as músicas da festa do Rosário em Conceição do Mato Dentro se constituíram a partir de referências sonoras oriundas tanto do congado afro

¹⁷Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

¹⁸Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

descendente trazido pelos escravos que vieram trabalhar nas minas, quanto da marujada de origem portuguesa, sendo que esta última chegou ao Brasil por meio dos próprios portugueses que vieram se estabelecer em sua colônia, principalmente no estado de Minas Gerais pelas atividades minerárias que se estabeleciam nesse estado no século XVIII.

Em relação à Conceição do Mato Dentro, particularmente, não há dúvida de que o distrito surgiu em função do ouro. (...) por volta de 1735, o arraial de Conceição do Mato Dentro reunia, com seus distritos 1449 escravos – 17% da população escrava da comarca -, que eram assim distribuídos:

ARRAIAIS	NÚMERO DE ESCRAVOS
CONCEIÇÃO	440
Paraúna	340
Tapera	250
Morro do Pilar e Sto. Antônio Abaixo	250
Itambé	104
Córregos	65
TOTAL	1.449

Fonte: ANTT, Manuscritos do Brasil, livro 2, fl. 229.

Não se pode precisar qual a ocupação dessa mão de obra, possivelmente, grande parte minerava. Com efeito, em carta ao governador Martinho de Mendonça, de março de 1735, o capitão José de Moraes Cabral, encarregado de informar quanto à conveniência de se manter a Casa de Fundação em Vila do Príncipe, faz referência a um número ainda maior de negros utilizados na mineração. Seriam 3.000, incluindo também os escravos vindos de fora. “Das lavras do Mato Dentro a informação que posso dar a V. Mercê é que, donde chamam os Córregos, Tapera, Rio do Peixe, Morro (do Pilar), e Rio de Santo Antônio, se tira algum ouro em faisqueiras e serviços, e o mesmo sucede no Itambé, Andrequissé e Distrito de Gouveia, ocupando-se em minerar mais de três mil escravos - sendo a maior parte deles os que vieram de fora a trabalhar nas terras dos diamantes... e vão continuando os serviços com despesas e mantimentos caros, o que faz presumir não serem tão diminutos os jornais como o afirmam... Nesta consideração será conveniente a Casa de Fundação, que não deixará de render como a das mais comarcas, sendo esta a que conserva mais terras minerais em si...” (DIAS, Maria Vitória (et al), 1994, p. 24/26).

O texto acima confirma a relação do surgimento do arraial de Conceição do Mato Dentro com o descobrimento do ouro na região, além de demonstrar que os escravos ali presentes (escravos estes que irão, posteriormente, criar a festa do Rosário) vieram para trabalhar nas minas.

Com o intuito de contextualizar a mineração no passado veremos as citações de um naturalista que percorreu a região de Alvorada de Minas e Conceição do Mato Dentro no passado, presentes no livro “A viagem ao interior do Brasil”, principalmente, nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. As descrições presentes nesse livro demonstram a decadência da atividade minerária e a situação das cidades após a mineração, muitas delas em estado de abandono.

Partindo da cidade do Serro e passando por uma região montanhosa, de mata mais densa e mais habitações que as que havíamos ultimamente atravessado, chegamos com quatro léguas de jornada ao Arraial de Tapanhuacanga, onde passamos a noite no rancho público. (...) Ao tempo da fundação do arraial descobriu-se ouro em abundância nas vizinhanças, mas está agora quase esgotado, existem atualmente apenas vinte ou trinta casas, na maioria caindo em ruínas, bem como duas igrejas em idênticas condições. Abaixo do arraial corre pequeno rio, em cujo leito uns miseráveis indivíduos ainda se esforçam por ganhar a vida com a lavagem do ouro. (...) Depois de viajar cerca de meia légua na manha seguinte, passamos pelo Arraial de N. S. da Conceição do Mato Dentro. Está situado num recôncavo, às margens de pequeno rio e cercado por altas e relvasas montanhas. Contém cerca de duzentas casas distribuídas em duas longas ruas paralelas e é um dos lugares de mais miserando aspecto que já vi. (GARDNER, George, 1975, p. 215/216).

Esse relato acima mencionado comprova que em meados do sec. XIX, com o fim da mineração, muitas cidades ficaram em situação deplorável, e foi o que ocorreu em Conceição do Mato Dentro.

2 Agentes Externos

Desde o século XVIII até os dias de hoje a marujada é composta por um grupo majoritariamente afro descendente, que homenageia a Nossa Senhora do Rosário, estando suas músicas e danças sempre presentes na festa de Nossa Senhora Rosário de Conceição do Mato Dentro. Coincidentemente ao ocorrido no século XVIII em que os portugueses vieram para a região atraídos pelo ouro, no ano de 2008 uma empresa inglesa denominada Anglo American ingressa na região objetivando retirar minério de ferro. A presença dessa mineradora trouxe grandes mudanças para a cidade, a exemplo do aumento populacional e destruição ambiental.

De acordo com alguns membros da marujada a presença da Anglo American em Conceição do Mato Dentro ainda não influenciou diretamente a festa de Nossa Senhora do Rosário. Porém a empresa tem interferido diretamente em algumas festas tradicionais em Tapera e Córregos, que são distritos de Conceição do Mato Dentro, conforme entrevista concedida por um diretor da Anglo American que será relatada no próximo item deste capítulo. A empresa em questão demonstra, através de uma publicação na revista *Diálogo*¹⁹ (revista esta publicada e distribuída pela própria empresa) sua intenção em atuar ativamente em novas manifestações culturais de Conceição do Mato Dentro. Além disso, a Anglo American, que ainda não começou sua fase operacional, mas já iniciou sua fase de instalação, tem trazido grandes mudanças dentro do cenário político e social da cidade. Deste modo analisaremos não somente a presença desse empreendimento e de seus impactos perante as manifestações culturais tradicionais de Conceição do Mato Dentro, mas também a visão da empresa sobre o significado de preservação das tradições.

Se a princípio, o objetivo da pesquisa era investigar o impacto das atividades da mineradora sobre as tradições culturais locais, em especial a marujada, nos diálogos com o mestre do grupo, ao longo do trabalho de campo, emergiram outras categorias de pessoas e instituições, cujas ações têm causado preocupação ao grupo, constituindo, para eles, interferências negativas às suas práticas.

Esses agentes externos vão desde presenças mais tradicionais nas festas, como o papel do Rei Festeiro, até intervenções propostas pelo poder público, passando por

¹⁹Ano dois. n° 8 – Setembro/outubro de 2010.

solicitações de pessoas de outras regiões, com interesses variados em relação à tradição da marujada, como pesquisadores e artistas. Apresento-as brevemente a seguir, para posteriormente desenvolver uma reflexão sobre cada uma ao longo deste capítulo.

Conversando com o mestre da marujada fui informado sobre a existência de um possível registro como patrimônio imaterial dessa manifestação cultural tradicional. O marujeiro em questão demonstrou certa insatisfação diante da realização desse documento, já que a comunidade nunca recebera um retorno financeiro da prefeitura. Sendo assim, descobri que o registro em questão se refere à festa de Nossa Senhora do Rosário, lembrando que a marujada é um elemento de grande importância para a realização dessa festa.

Esse registro, que fora feito pela prefeitura de Conceição do Mato Dentro, se encontra no IEPHA (Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais). O IEPHA tem o dever legal de destinar uma parcela de um imposto denominado ICMS (Imposto Sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e Sobre Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação) para o patrimônio cultural, conforme lei 18030 de 2009. Para isso, o IEPHA analisa o registro feito pela prefeitura, (no caso em questão, o registro da Festa de Nossa Senhora do Rosário) e estando em acordo com as exigências estabelecidas pelo patrimônio histórico, destinará para a prefeitura a parcela do ICMS referente ao bem imaterial que é a festa de Nossa Senhora do Rosário.

Porém, de acordo com o IEPHA o registro da festa de Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato Dentro necessita de complementação, e deste modo, a parcela do ICMS não fora recebida pela prefeitura, não sendo, deste modo, investida na festa e na marujada. O mestre da marujada concedeu algumas informações para a confecção do registro.

Através de conversas informais com o mestre da marujada foi possível compreender a importância da presença do festeiro para a realização da Festa do Rosário. O festeiro é um membro da cidade que, por escolha própria se torna responsável financeiramente pela festa a cada ano. A presença do festeiro não é algo específico de Conceição do Mato Dentro, estando presente em outras manifestações culturais tradicionais ao longo da história, principalmente na época da escravidão.

Para os brancos, estar patrocinando a festa negra significava, além de um meio de dissipar disposições revoltosas dos escravos, a oportunidade de ostentar publicamente seus negros cristianizados e bem vestidos, reforçando assim seu status perante a sociedade local. (DIAS, Paulo, 2001, p. 864).

Segundo o mestre da marujada, alguns festeiros realizam a festa de forma pomposa, utilizando vestimentas e outros ornamentos de grande valor, já que a festa pode representar para o festeiro certo status social. Porém, esse recurso financeiro pode não trazer maiores benefícios para a comunidade, já que este investimento termina com a festa, não suprimindo as necessidades dos marujeiros para a manutenção da tradição, a exemplo de alguns instrumentos musicais em precárias condições, os quais ele me mostrou em uma visita que fiz à sua residência.

O mestre da marujada mencionou também algumas questões referentes aos Direitos autorais que devem ser problematizadas.

A criação, em tradições da oralidade, assume feições particulares, diferentes das músicas de mercado, o que representa um noção de autoria que é em alguns casos diversa daquela presente na legislação de Direitos Autorais do nosso país.

Na medida em que a etnomusicologia toma como objeto as atividades musicais dessas sociedades, na medida, ainda, em que a comercialização da música avança, atingindo práticas que durante muito tempo se mantiveram afastadas do mercado, é praticamente inevitável deparar-se com casos de conflito em torno da autoria e dos direitos de reprodução de obras musicais. (TRAVASSOS, Elizabeth, 1999, p. 6).

Essa diferente noção de autoria ocorre principalmente porque alguns integrantes da comunidade continuam criando e recriando novas músicas para a marujada, e que esse processo de criação é feito por estes membros conjuntamente. Sendo assim, eles tanto cantam cânticos da tradição quanto criam novos continuamente. Esse processo de criação torna difícil o reconhecimento de autoria devido à impossibilidade de se determinar um número definido de indivíduos e que possam ser identificados com exatidão.

Refletindo sobre uma ação movida por um grupo de repentistas contra um artista da música popular de mercado, Elizabeth Travassos observa:

O conflito foi uma pista para a investigação dos valores dos repentistas e suas ideias sobre autoria, cujas implicações divergem bastante daquelas previstas na legislação. Entretanto, para reivindicar o que consideram direito seu, os cantadores têm que

acatar as bases legais que definem e garantem este direito. Caso contrário, pouco podem fazer além de queixar-se e suas queixas dificilmente têm qualquer consequência prática. (TRAVASSOS, Elizabeth, 1999, p. 7).

Infelizmente, sabemos que a legislação de Direitos Autorais vigente demonstra sua incapacidade em abranger a ampla diversidade musical e de práticas e funções musicais presente em todo o território nacional.

Sendo assim, devido a dificuldade em se definir os autores de grande parte dos repertórios tradicionais das comunidades culturais tradicionais brasileiras (a qual se inclui a marujada), estes cantos acabam sendo classificados como “domínio público”²⁰, o que é um grande absurdo.

O fato de as músicas serem consideradas de domínio público possibilita a apropriação destas por qualquer cidadão.

A questão dos direitos autorais se tornou relevante quando, ao perguntar ao mestre da marujada se algum outro pesquisador havia procurado a comunidade, surpreendentemente ele citou músicos do universo popular comercial mineiro como pesquisadores, além de um fotógrafo estrangeiro, demonstrando que esses “pesquisadores” interferem, de alguma forma, na marujada de Conceição do Mato Dentro.

2.1 Mineração - Anglo American

Em meados de outubro de 2010 soube que nos dias 16 e 17 deste mesmo mês seria realizada a festa de Nossa Senhora Aparecida na região conhecida como Água Santa, conhecida também como Mumbuca, que é uma área rural na divisa das cidades de Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, no Estado de Minas Gerais. Esta notícia me pareceu estranha, pois a festa de Nossa Senhora Aparecida é uma festa característica da região, e ocorre sempre no dia 12 de outubro.

Passei, então, a procurar informações sobre a referida festa, e descobri que uma empresa mineradora, denominada Anglo American estava patrocinando a festa em questão, exatamente na região onde esta empresa almeja realizar suas atividades minerárias.

²⁰ As questões referentes ao “domínio público” serão abordadas no item 2.4 que tem início na página 65.

Sendo assim, compareci à festa, fotografei, filmei, e realizei entrevistas.

Não posso ocultar o fato de que tive uma grande facilidade em me comunicar e interagir com todos que participavam da festa, pois meus pais possuíam uma propriedade rural nessa região (Mumbuca) e, portanto, frequentei a região por alguns anos e tenho uma boa relação com toda a comunidade.

Poucos dias depois da festa de Nossa Senhora Aparecida, encontrei uma entrevista com um diretor da Anglo American publicada em uma revista editada pela própria empresa, cujo nome é “Diálogo”.

Essa revista chegou em minha residência gratuitamente, sem o nosso consentimento, e representa uma “propaganda” para a mineração, trazendo uma visão própria da realidade, que parece ser voltada aos seus interesses.

Transcrevo, assim, um trecho da entrevista que considero de grande importância.

Diálogo: Conceição do Mato Dentro é uma cidade tradicional no estado, com uma história rica. O que vem sendo feito para preservar as manifestações culturais da região?

Newton Viguetti: É importante entender que as manifestações culturais pertencem à região. Estamos conversando com os representantes dos municípios, Ministério Público e ONGs, para implementarmos ações que permitam o resgate dessas manifestações culturais. Por exemplo: poderíamos ensinar o folclore da região e manter grupos, principalmente incentivando e despertando o interesse das crianças por essas tradições. Dentro do programa de Apoio ao Turismo, buscamos levantar datas e símbolos religiosos típicos. A gente quer registrar as manifestações populares, algumas ligadas diretamente à colonização portuguesa e à região. O barroco, as igrejas, o uso do adobe (tijolo de terra crua, água e palha). Isso tudo pode ser usado para atrair turistas para a cidade.

Diálogo: O que já vem sendo feito nesse sentido?

Newton Viguetti: Estamos catalogando e buscando o desenvolvimento dessas manifestações populares. Pretendemos criar alguns espaços onde essas manifestações possam ocorrer e também resgatar datas comemorativas, religiosas ou de cultos locais que tinham sido esquecidas. Em julho, por exemplo, a empresa ajudou em uma festa em Tapera que já não ocorria há mais de 30 anos. Em setembro, trabalhamos com uma manifestação em Córregos, a festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora Aparecida dos Córregos. Existe um projeto de criar espaços para essas manifestações populares, para que possam ser vistas por

crianças e jovens, e a tradição se perpetue por várias gerações.” (Diálogo, 2010, p. 28).

O discurso do diretor da Anglo American, nesta entrevista, me levou a conectá-lo a um texto de Samuel Araújo *et alli*²¹ cujo título é “Música e políticas públicas para a juventude: por uma nova concepção de pesquisa musical”. Transcrevo assim, um trecho do referido texto:

“Inicialmente, devemos não nos esquecer de que as ONGs estão inseridas dentro de um projeto político neoliberal que entende a ação do Estado descentralizada sob as rédeas da iniciativa privada. Nesse sentido, as diversas atividades promovidas pelas organizações não governamentais, na maioria dos casos, caracterizam-se pela substituição do poder público, resultando em produtos culturais mercadológicos (livros sobre violência, CDs de grupos musicais diversos, etc.) que objetivam angariar mais recursos para a manutenção das próprias instituições e assim realizar mais projetos sociais de cunho “salvacionista” e assistencial, um círculo vicioso perverso que pouco toca em questões de transformação de fato e concepção de um novo mundo.” (ARAÚJO, Samuel (et ali), 2006, p. 217)

O texto do Samuel Araújo, apesar de versar sobre as favelas no Rio de Janeiro e sobre o papel das ONGs que desenvolvem projetos sociais com essas populações, elabora uma reflexão que pode ser trazida para o caso em questão. A empresa Anglo American, que representa uma iniciativa privada, diz, através do seu diretor Newton Viguetti, que está buscando resgatar as manifestações culturais através de um diálogo com representantes dos municípios, ministério público e ONGs.

O que percebo aqui, é que a intenção da empresa não é garantir a preservação das manifestações já existentes, mas recriá-las, e, como o próprio diretor afirmou catalogar e buscar desenvolvimento dessas manifestações populares, demonstrando que a empresa percebe as tradições como fonte de renda e produto mercadológico.

Então proponho o seguinte questionamento:

As manifestações populares precisam ser desenvolvidas? E elas almejam esse desenvolvimento?

²¹Co-assinam o artigo os seguintes membros do grupo musicultura: Alexandre Dias da Silva, Diogo Vitor Araújo, Fernanda Santiago França, Gilmar Santos da Cunha, Humberto Salustriano, Ingrid Barreto da Silva Alves, Jaqueline Souza de Andrade, Jessica Andrade Correia de Macedo, Mariluci Correia do Nascimento, Mario Rezende Travassos do Carmo, Nathalia Faustino Pereira, Otacília dos Santos Silva, Rosana Lisboa, Samuel Araújo, Sibele D. Mesquita, Sinésio Jefferson Andrade Silva.

O diretor também fala em resgatar datas comemorativas, religiosas ou de cultos locais, ensinar o folclore na região, manter grupos, criar espaços para as manifestações populares. Além disso, demonstra o interesse em desenvolver todo esse processo com o intuito de atrair turistas para a região. Deste modo, a finalidade de preservar ou valorizar não visa a própria tradição e seus integrantes, e sim gerar renda através do turismo.

O fato de as manifestações não serem amplamente difundidas, não significa que elas estejam morrendo, devendo, assim, ser resgatadas. Muitas ações feitas em nome do “resgate” são realizadas visando à exposição de traços expressivos da tradição (música, dança, vestimentas) em eventos espetacularizados, que nada têm a ver com as motivações dos marujeiros, e normalmente nem envolvem a participação deles mesmos. Porém, os marujeiros, apesar de se sentirem participantes de algo que para eles não possui significado, se submetem a participar disso como parte das negociações e barganhas para conseguir alguma contrapartida em benefício da tradição.

Se as manifestações, datas religiosas e comemorativas serão “resgatadas”, se as festas serão financiadas pela empresa, realizadas em espaços novos e o folclore será ensinado novamente pela mineradora, a meu ver essas novas manifestações serão apenas réplicas falsas das tradições, criando grupos para-folclóricos com o intuito de trazer uma boa imagem para a empresa e talvez para a cidade, imbuídas de interesse financeiro, e realizadas muitas vezes com um intuito salvacionista e assistencial perverso.

Durante a entrevista a empresa, através do diretor Newton Viguetti, não faz nenhuma menção de que tenha consultado as comunidades com o intuito de descobrir de fato aquilo que realmente interessa para essas pessoas. O que a empresa tem feito foi determinar aquilo que ela considera mais próspero, ou seja, um suposto desenvolvimento pautado em uma ideia de progresso, ignorando todos os significados que estão inseridos nas manifestações populares da região.

Essa entrevista foi publicada na revista “Diálogo”, nos meses de setembro/outubro de 2010. No início de maio de 2013, como parte do trabalho de campo desta pesquisa, elaborei um questionário de perguntas que foi enviado para a empresa Anglo American, com o intuito de saber, dentre outras questões, se havia novos projetos da empresa em relação aos marujeiros, e se já havia ocorrido o contato entre a empresa e os membros da marujada. As perguntas foram as seguintes:

- 1 - *A Anglo American tem projetos voltados para as tradições culturais da região?*
- 2 - *Quais são esses projetos?*
- 3 - *O que já está sendo realizado?*
- 4 - *Como esses projetos estão sendo desenvolvidos?*
- 5 - *Conceição do Mato Dentro é uma cidade tradicional no estado, com uma história rica. O que está sendo feito para preservar as manifestações culturais na região?*
- 6 - *A Anglo American já participou da festa de Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato Dentro?*
- 7 - *Existem projetos da Anglo American específicos para a Marujada de Conceição do Mato Dentro?*
- 8 - *A condicionante 62 da Licença de Instalação do empreendimento Minas Rio da Mineradora Anglo American dispõe sobre os impactos gerados por esse empreendimento ao patrimônio cultural. Ressalta-se que o texto da condicionante refere-se ao patrimônio cultural, que pode ser tanto material quanto imaterial, sendo que a marujada e a festa de Nossa Senhora do Rosário são considerados patrimônio imaterial. Esta condicionante foi considerada cumprida, já que a prefeitura afirmou que “não consta em suas documentações registros de tombamento nem inventariado”. Porém todos sabemos da existência da festa de Nossa Senhora do Rosário e da Marujada, sendo que o registro da festa foi realizado pela própria prefeitura. Sendo assim, como foi exposto, o impacto da mineração sobre estas manifestações culturais não será analisado. Qual a opinião da Anglo American sobre este fato?*
- 9 - *De acordo com o programa de apoio ao turismo (documento no PG-003-AF-03-09-v0 de 16 de março de 2009 pag. 14), o empreendimento Anglo Ferrous Minas Rio Mineração poderá auxiliar financeiramente a realização de festividades que representam uma herança cultural específica da região, como as festas religiosas (na qual se inclui a festa de Nossa Senhora do Rosário). Este projeto já está sendo realizado?*

Entrei em contato com a gerente de desenvolvimento social da Anglo American com o intuito de realizar uma entrevista, porém ela me informou que os funcionários da Anglo American não estavam autorizados a realizar entrevistas em nome da empresa. Então perguntei se eu poderia enviar um questionário com algumas perguntas e ela me disse que as perguntas seriam respondidas e que ela daria o todo o auxílio necessário, mas que as respostas deveriam passar pela aprovação da empresa. Após algumas semanas de cobranças, recebi a notícia de que estava quase tudo pronto, mas como a empresa precisou mobilizar vários setores para conseguir as respostas, ainda seriam necessárias algumas semanas. Após um mês, fui informado que as perguntas estavam em vias de aprovação. Posteriormente, recebi um e-mail da gerente de desenvolvimento social informando um projeto da Anglo American de capacitação para criação e desenvolvimento de projetos culturais que será oferecido para a comunidade. O projeto se resume em:

“Capacitação e gestão de projetos culturais: instrumentalização dos grupos culturais organizados.

Através do projeto de Capacitação e gestão de projetos será oferecido à comunidade um curso prático de capacitação de criação e desenvolvimento de projetos sócio culturais realizado pela Anglo American em parceria com o poder público e instituições locais. O curso privilegiará as associações e entidades locais potencialmente capazes de gerenciar a sua produção cultural. Com duração de dez meses, estima-se que ao final das atividades, com a realização dos projetos seja demonstrada a viabilidade da geração de renda para os grupos organizados por meio da utilização deste instrumento.”²²

Sendo assim, agradeço o e-mail e cobrei novamente a resposta às perguntas.

A resposta que recebi da Gerente de desenvolvimento social em 16 de junho de 2013 foi a seguinte:

“Filipe,

Acredito que o material enviado e nossas informações lhe suportem com suas dúvidas/perguntas. Caso você tenha mais algum questionamento a respeito dos projetos que a Anglo American apóia, fico a inteira disposição para conversarmos.

Estarei em Conceição do Mato Dentro a partir de terça-feira e caso queira, podemos marcar um horário.

Abs.,

Viviane Menini

Gerente de Desenvolvimento Social/ Social Development Manager”

A pesquisa se apresenta, portanto, sem a perspectiva da Anglo American em relação às questões em discussão e, desta forma, poderei refletir apenas sobre o material que me foi enviado pela mineradora.

Considero o projeto acima citado bastante simplista principalmente por alguns motivos. O primeiro pelo fato de que a empresa nem sequer procurou saber se os próprios marujeiros tem como objetivo escrever projetos, se tornarem empresários e gerarem renda através de suas manifestações tradicionais. Posteriormente, a presunção da empresa de que seja possível em dez meses ensinar os marujeiros a escrever projetos e se tornarem empresários, já que muitos deles são pessoas idosas, e muitos também não são alfabetizados. Mesmo que em muitos grupos tradicionais no Brasil exista o interesse em aprender a elaborar projetos com o intuito usufruir da possibilidade de investimento através de leis de incentivo, o projeto da Anglo foi realizado sem que fosse desenvolvido um estudo com os membros dessa expressão cultural tradicional objetivando saber se há interesse dos marujeiros em participar e se existem reais possibilidades de se concretizar esse projeto que depende de um certo

²²E-mail enviado pela gerente de desenvolvimento social Viviane Menini em 14/06/2013, para esta pesquisa.

nível de alfabetização e escolaridade dos seus participantes. Finalmente por ser uma forma encontrada pela empresa em dar uma solução a um problema causado por ela mesma, ou seja, ensinar os marujeiros a resolver seus “próprios problemas” ocultaria em parte a responsabilidade da Anglo American que tinha como condicionante realizar um estudo sobre o impacto do empreendimento sobre o patrimônio cultural imaterial (Condicionante 62 da Licença de Instalação do empreendimento Minas Rio), o qual esta inclusa a marujada. Esse estudo seria o fator primordial para se conhecer os reais anseios do grupo, e somente assim seria possível construir um projeto social que minimizasse os impactos causados pela empresa em relação à marujada.

Outro fato interessante é que duas das perguntas do questionário são cópias da entrevista anteriormente citada com o diretor da Anglo American Newton Viguetti para a revista diálogo (perguntas 3 e 5). Logo, foram perguntas respondidas por um diretor da anglo para uma revista da anglo. Isso demonstra que essas perguntas foram escolhidas pela empresa, ou seja, são o mais simples e menos comprometedoras possíveis. Repeti essas duas perguntas com o intuito de proporcionar à empresa uma demonstração de que com uma mudança de diretoria poderia vir acompanhada de novos projetos e novos ideais.

Voltando às perguntas, algumas merecem maiores reflexões.

As perguntas de 1 a 7, além de buscar entender os projetos da empresa em relação às manifestações culturais tradicionais de Conceição, em especial à marujada e à festa de Nossa Senhora do Rosário, almejam compreender se houve um contato com os membros dessas manifestações.

Esse fato é de extrema importância, pois percebe-se que os projetos tanto da Anglo American quanto do poder público se baseiam em uma suposição daquilo que é melhor para a comunidade, sem permitir que os membros do grupo digam o que realmente é melhor pra eles.

O novo projeto da Anglo American de capacitação e gestão de projetos culturais e os antigos projetos anunciados pelo diretor Newton Viguetti, comprovam a existência de um choque cultural em que uma cultura pressupõe aquilo que é benéfico para a outra, demonstrando haver uma ideia de hierarquia entre culturas. A empresa acredita que seu projeto cultural seja algo importante sem ao menos conhecer a cultura do grupo alvo do projeto, demonstrando a ideia de que sua cultura é superior à do grupo pesquisado. Como afirma José Jorge de Carvalho:

Eis o predicamento de que falo: nós brancos, ocidentalizados, formamos parte de uma comunidade que tem uma visão de mundo centrada no ego, que é ególatra, que é egocêntrica por ideologia confessa, e é este grupo nosso que agora se aproxima, com uma atitude de voracidade, do mundo não egóico das tradições afro-brasileiras. Se quisermos falar do papel do Estado, exijamos que ele seja capaz de admitir e promover, também, uma discussão filosófica, e que ouçamos as várias vozes implicadas nesse encontro desigual. “Somos herdeiros da tradição egóica, e estabelecemos essa relação de vampirismo com pessoas que não operam com essa tradição”. Nós estamos discutindo visão de mundo. Como vamos nos aproximar de pessoas que não estão trabalhando na nossa mesma chave egóica e com quem talvez devêssemos aprender, pelo contrário, a retirar-nos dessa condição auto destrutiva e destrutiva? Ouso afirmar que em todas as variantes da religiosidade afro-brasileira a entrega da comunidade é altíssima. O que conduz a uma diferença de poder, na medida em que quem vive desses valores contra-egóicos com intensidade (sejam generalizados na devoção, ou personalizados na cura) tem dificuldade em assimilar o alto grau de individualismo que orienta nossas vidas. (CARVALHO, José Jorge de, 2004, p. 13/14).

De acordo com o Zé Geraldo, mestre da marujada de Conceição do Mato Dentro, a empresa não estabeleceu nenhum contato com o grupo com o intuito de formular ou realizar seus projetos:²³

Filipe: E o pessoal da Anglo, já chegou a te procurar, pra fazer alguma coisa?

Zé: Não. No princípio. Quando eles estavam começando a chegar aqui. Aí fizemos uns dois trabalhos pra eles, e ficou por isso mesmo. Como se tivesse recebendo eles. E depois, como se diz, virou as costas.

Filipe: Como se tivesse recebendo eles chegando, né?

Zé: Depois acabou, umas duas vezes que trabalhamos pra eles, mostramos o nosso trabalho e pronto. Mas é isso mesmo.

Filipe: Estou perguntando porque li uma vez em uma revista que eles tinham uns projetos ligados a cultura e talvez eles tivessem procurado para saber o que vocês estão precisando.

Zé: Não. Já mandei ofício pra eles. Mas eles vieram pra saber se ta precisando mesmo, aqui nunca procurou não. Não pode é parar.

A pergunta de número 9 também merece uma melhor reflexão.

Conversando com o secretário de planejamento de Conceição do Mato Dentro, fui informado que talvez houvesse uma condicionante ligada à Anglo American sobre patrimônio cultural.

²³Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

As condicionantes são procedimentos que a Anglo American deveria realizar para diminuir ou compensar os impactos ocasionados pela mineração, alvo da licença ambiental. Deste modo, é necessário que essas condicionantes sejam cumpridas para que o empreendimento possa acontecer. Existem condicionantes para cada licença, que são divididas em licença prévia, licença de instalação e licença de operação.

Analisando a condicionante 62 da licença de instalação, encontramos o seguinte texto:

“Apresentar manifestação dos poderes públicos municipais, com a devida participação dos conselhos municipais de patrimônio e da comunidade diretamente afetada, relativa aos impactos gerados pelo empreendimento ao patrimônio cultural. Tal solicitação se respalda na manifestação do IEPHA através do ofício nº 37/2008, datado de 12 de setembro de 2008.”²⁴

Deste modo, para que fosse concedida a licença de instalação, uma das condicionantes seria, a pedido do IEPHA, a manifestação dos poderes públicos municipais sobre os impactos gerados pela mineração ao patrimônio cultural, ao qual se inclui a marujada.

A superintendência Regional de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Jequitinhonha – SUPRAM JEQ, em 11/11/2010 apresentou a avaliação das condicionantes da licença de Instalação, em seu anexo III.

“A equipe técnica destaca que as discussões com relação ao IEPHA foram realizadas na resposta ao comprimento da condicionante 78 da LP (anexo II deste parecer). O empreendedor apresentou cópia do ofício (AFB-EXT:106/2010) enviado à Prefeitura Municipal de Conceição do Mato Dentro, datado de 27/05/2010, solicitando “manifestação com relação à existência ou não de registros de tombamento das referidas estruturas no âmbito municipal”. Destaca-se que o próprio ofício se inicia com a afirmação do próprio empreendedor de que “conforme avaliado no Estudo de Impacto Ambiental (EIA) do Projeto Minas-Rio, Item 4.3.2.5 - Patrimônio Cultural – Histórico, Arquitetônico e Imaterial, foi verificada a existência no município de Conceição do Mato Dentro de elementos do patrimônio cultural localizados nas áreas de influência direta e indireta do empreendimento (grifo nosso)”. Destaca-se que foi solicitado no texto da condicionante manifestação “relativa aos impactos gerados pelo empreendimento ao patrimônio cultural e não sobre a existência ou não de registros de tombamento das referidas estruturas (Engenho e Moinho de

²⁴Parecer Único SISEMA N.º002/2009. Processo COPAM N.º 00472/2007/004/2009.

Lúcio Ribeiro e à Fábrica de Cachaça) no âmbito municipal. Ratifica-se, conforme resposta dada à condicionante 78 do parecer de LI fase 1, patrimônio cultural pode ser material e imaterial e não especificamente os dois bens materiais acima citados. Em 16/06/2010 foi apresentado ofício onde a prefeitura municipal afirma que os bens acima descritos “não constam em nossas documentações registros de tombamento nem inventariado”. Ressalta-se que não ficou evidente a participação da comunidade diretamente afetada, conforme solicitado no texto da condicionante”.

O texto acima demonstra que, apesar de tanto o poder público, o IEPHA e a Anglo American reconhecerem a existência de elementos do patrimônio material e imaterial no município de Conceição do Mato Dentro, os estudos necessários sobre os impactos da mineração sobre o patrimônio cultural não será realizado, já que a condicionante foi considerada cumprida.

Inicialmente o empreendedor deveria realizar um estudo sobre o impacto do empreendimento sobre o patrimônio cultural, independentemente de haver registro ou não desse patrimônio. Em nenhum momento a condicionante vincula o estudo a ser realizado com a existência de registros dos bens culturais. Posteriormente, o patrimônio cultural pode ser material ou imaterial, e desta forma a Anglo American apenas citou o engenho e moinho de Lúcio Ribeiro e a fábrica da Cachaça como os únicos elementos do patrimônio cultural do município. Obviamente citou aqueles elementos presentes na área diretamente afetada, ou seja, na área da mina, que fica a aproximadamente 25 km (vinte e cinco quilômetros) de Conceição do Mato Dentro, ignorando que o empreendimento também afeta toda a região, a exemplo do próprio município e vários outros distritos. Finalmente, a mineradora, apenas mandou um ofício ao município de Conceição do Mato Dentro, solicitando se haveria registros do engenho e do moinho, esquecendo-se de que possam existir registros de bens culturais do Município de Conceição do Mato Dentro no âmbito estadual (IEPHA – Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico) e federal (IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

O poder público, através da prefeitura do município, informou que não ha registro nem inventariado do patrimônio cultural de Conceição, baseando-se, provavelmente, na existência ou não de registros do Moinho de Lúcio Ribeiro e da fábrica da cachaça, como foi solicitado pelo empreendedor.

A conclusão é que por descaso do poder público e da Anglo American, uma obrigação do empreendedor (transformada em condicionante), que seria fazer um estudo do impacto da mineração sobre o patrimônio cultural (ao qual se inclui a marujada), não será realizado.

Importante ressaltar que a condicionante afirmava ser necessária a participação da comunidade, fato que não ocorreu.

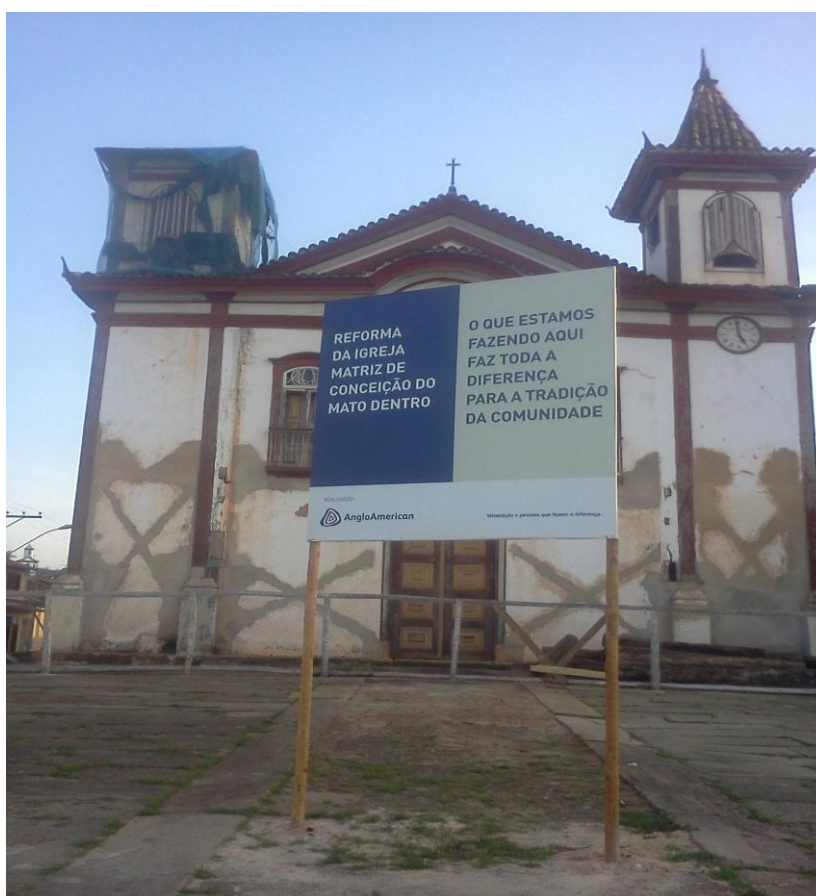


Foto 5 – Igreja Matriz de Conceição do Mato Dentro (2013)

Buscando um melhor esclarecimento do tema em questão, irei apresentar uma descrição etnográfica de certos eventos com o intuito de fornecer uma contextualização de muitos cenários em que a marujada é inserida, para percebê-los em relação aos contextos de significação da marujada tais como seus próprios atores os constroem.

Passarei, então a transcrever a pesquisa realizada em um tempo cronológico, iniciando as minhas considerações do começo, quando filmei e pesquisei a festa

extemporânea de Nossa Senhora Aparecida realizada nos dias 16 e 17 de outubro de 2010, no local conhecido como Água Santa ou Mumbuca.

No dia 16 de outubro de 2010 saí de Belo Horizonte rumo à Água Santa, região na divisa de Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, com o intuito de pesquisar a festa de Nossa Senhora Aparecida.

Um dos moradores da região, que é conhecido como “Vadinho” estava na organização da festa, e, sendo assim, as comemorações aconteceriam no quintal da sua casa. Nesse quintal foi construída uma capela improvisada onde ocorreria missa, e ao lado foi colocado um mastro para que fosse hasteada a bandeira de Nossa Senhora. Foram chamadas, também, uma banda de Córregos (distrito de Conceição do Mato Dentro) e o congado de Itapanhoacanga (distrito de Alvorada de Minas) para participarem da festa.

No dia 16, à noite, ficou programado que o Seu Geraldo, que é um líder religioso da comunidade, celebraria um ritual e, após a celebração, seria hasteada a bandeira.

No dia 17 á tarde, sairia o cortejo da casa do seu Geraldo carregando a imagem de Nossa Senhora até a capela construída no quintal da casa do “Vadinho”, onde haveria a “apresentação” do congado e posteriormente a celebração da missa pelo padre de Alvorada de Minas. Após a missa, o congado se apresentaria novamente e a banda tocaria seu repertório, e no fim haveria comida e bebida para o povo, já que um boi e muita cerveja foram doados pela empresa.

Sendo assim, no dia 16 à tarde fui até a casa do “Vadinho”. No quintal da sua casa estava a capela improvisada, o mastro, e um carrinho de cachorro quente. Ainda não havia muitas pessoas, apenas um grupo sentado ao lado da casa, perto do curral, ouvindo musica em um radio de pilha.

Fiquei alguns minutos conversando com o Vadinho sobre a mineração, já que ele estava prestando alguns serviços para a empresa. Aos poucos as pessoas foram chegando, e tudo parecia pronto para a celebração religiosa, mas o Vadinho, como organizador da festa, não havia autorizado o seu início.

Perguntei para o Vadinho porque tanto atraso, e ele me informou que estava esperando a chegada de alguns funcionários da empresa que tinham saído para buscar o boi que seria doado para o churrasco.

Enquanto o boi não chegava, o povo acabou se dividindo em dois grupos:

Os mais religiosos aguardavam sentados na capela, muitos deles impacientes, a exemplo do seu Geraldo, que parecia não gostar nem um pouco do atraso para a celebração. Já os “menos religiosos” acabavam se encontrando e proseando na cozinha da casa, onde havia algumas garrafas de cachaça com jiló, biscoito de polvilho e um pouco de fumo de rolo.

Enquanto meus pais aguardavam a missa na capela, acabei aderindo ao segundo grupo, e, como a missa foi celebrada quase às 10 horas da noite, o meu estado de embriaguez me impossibilitou de participar da missa, e o pior, só lembrei do mastro no dia seguinte.

Apesar da falha que pratiquei como pesquisador, já que não documentei o mastro, os momentos de descontração na cozinha foram de extrema importância para a pesquisa, pois lá, participei de conversas muito produtivas, e depois de algumas doses de cachaça, eu já havia esquecido o minha responsabilidade como pesquisador, voltando a ser apenas um membro da comunidade, e tudo isso me fez perceber que uma interação “um pouco mais natural” com o grupo havia se tornado algo muito mais interessante.

Escrevendo sobre este momento, acabei me recordando do que disse Bastide no prefácio do livro Dieux de Afrique:

“Os sociólogos norte-americanos inventaram um termo para designar uma técnica de pesquisa, que consiste justamente em identificar-se ao meio que estuda. É a observação participante. Mas Pierre Verger é mais que um observador participante., porque a palavra “observador” esboça, de qualquer modo, uma certa barreira, e desdobra o etnógrafo de modo muito desagradável, em “homem de fora” e “homem de dentro”. O conhecimento em Pierre Verger é fruto do amor e da comunhão”. (SILVA, Vagner Gonçalves da, 2000, p. 293).

A citação acima nos proporciona um questionamento sobre a palavra observador, demonstrando que ao observar o pesquisador não participa do evento pesquisado. Atualmente, esse pensamento objetivista que contempla a possibilidade de um pesquisador atuar completamente distante do seu objeto de pesquisa já caiu em desuso. Porém a trecho anteriormente descrito demonstra algo interessante, que vai além do reconhecimento do pesquisador de que sua presença interfere na comunidade. Ele demonstra a possibilidade e a aceitação de se realizar uma pesquisa fruto de “amor e comunhão” entre pesquisador e o grupo observado, abrindo a possibilidade de se conciliar pesquisa e valores afetivos, o que vivenciei de certa forma, ao fazer parte daquele universo.

Relatei, então, um assunto que esteve em pauta na cozinha, e que considerei de extrema importância para a pesquisa em questão.

A discussão foi referente à necessidade da contratação²⁵ da banda de Córregos e do congado de Itapanhoacanga. Algumas pessoas presentes na cozinha questionaram que seria melhor para a festa a contratação de um carro de som, já que muitos estavam mais preocupados com a festa que haveria após as celebrações. Discutiu-se também o preço da contratação do congado e da banda, que giravam em torno de 500 reais.

Percebi que para muitas pessoas ali presentes, sejam elas membros da comunidade da Água Santa ou componentes dos grupos tradicionais contratados, aquelas comemorações nada tinham a ver com a festa religiosa de Nossa Senhora Aparecida, sendo apenas uma festa promovida pela Anglo American. Ao se contratar manifestações culturais tradicionais, estas muitas vezes acabam se tornando parte de eventos espetacularizados, e essa participação muitas vezes são motivadas por questões políticas, relações de poder ou até mesmo buscando melhores condições financeiras para manutenção do grupo, que necessita de recursos para realizar suas festividades.

Além disso, algumas pessoas que estavam presentes nos diálogos realizados na cozinha da casa do Vadinho, ao se referirem sobre a contratação do congado de

²⁵A ‘apresentação’ de grupos de marujo é proposto por “contratantes” que só percebem os marujeiros como grupos artísticos profissionais que recebem uma contraprestação financeira para a realização de uma performance artística. Essa concepção é muito distante do que os marujeiros percebem de suas tradições musicais e coreográficas. Perspectivas assim parecem não vislumbrar a possibilidade de existência de outras formas sociais de práticas musicais.

Alvorada de Minas e da Banda de Córregos, afirmaram que o preço pago pelo “espetáculo” era muito alto, e seria mais bem gasto de outras formas. Isso comprova que, para os membros da comunidade da Água Santa, também se tratava de uma apresentação de grupos culturais que, ao se apresentarem em lugares e datas desvinculadas de seus significados, perdem grande parte da sua importância.

Dia 17 de outubro de 2010

Por volta de uma hora da tarde, fui até a casa do seu Geraldo, onde sairia o cortejo com a imagem de Nossa Senhora, e lá encontramos alguns membros da comunidade. Ficamos esperando por volta de uma hora a chegada do Vadinho, já que ele era o organizador do evento. Durante a espera, o seu Geraldo, que se demonstrava impaciente com o atraso, ao soltar alguns foguetes no quintal de sua casa com o intuito de anunciar a procissão, fez um comentário que me chamou muita atenção. Ele disse que deveríamos ir embora logo, que “esta festa não era nossa, era do Vadinho”.

A fala em questão deixou claro que para ele e grande parte das pessoas presentes aquela festa não era da comunidade, e sim do Vadinho, e conseqüentemente da empresa, já que o Vadinho era funcionário e representante da mineradora.

O cortejo seguiu caminhando até a capela, sob a cantoria de algumas músicas religiosas, levando consigo a imagem de Nossa Senhora.

Chegando à capela, percebi que o congado preparava sua apresentação e preparei para realizar as minhas filmagens. Conversei com um membro do congado que me disse que este grupo era novo, o que achei um pouco estranho, mas fui percebendo aos poucos que aquele grupo não tinha ligações com o antigo congado de Itapanhoacanga. Isso me trouxe uma grande dúvida quanto à legitimidade daquela manifestação. Se ela não era oriunda do antigo congado de Itapanhoacanga que tinha origem nas tradições da época da escravidão, talvez aquele congado tivesse surgido apenas com intenções comerciais, já não tendo nenhum vínculo com os significados que eu tinha intenção de pesquisar.

Conforme Timothy Rice:

A significância e o significado da música são expressos através de metáforas culturalmente específicas que a ligam a outros aspectos da experiência humana.(RICE, 2001, p. 22).

Deste modo, é possível que para o antigo congado de Itapanhoacanga, a música metaforicamente remetesse à devoção e à religiosidade, enquanto que para o novo grupo a música remetia, a primeira vista, à arte e ao entretenimento.

Apesar dessa grande dúvida, continuei caminhando na minha pesquisa, gravei o congado, e posteriormente assisti à missa que foi realizada na capela pelo padre de Alvorada de Minas.

Após a missa os membros do congado se aproximaram da capela improvisada, tocaram e dançaram algumas músicas. Posteriormente, a banda de Córregos realizou sua apresentação.

Com o término das celebrações, iniciou-se o churrasco. Nesse momento avistei uma senhora que era participante do congado. Fui até ela, me apresentei e perguntei sobre o congado de Itapanhoacanga. Ela me disse que se chamava Maria,

que era participante do congado antigo de Itapanhoacanga, mas esse congado acabou, muitos integrantes morreram, outros estão muito velhos.

Ela disse também que esse congado que ela passou a participar era novo, e era diferente do antigo, inclusive no modo de dançar. Então eu disse para ela que tinha interesse em pesquisar o povo que integrou o congado mais antigo, e ela disse que me ajudaria nessa questão.

Após a conversa com a Dona Maria, procurei o “líder” do congado. Ele é conhecido na região como “Dé”. Perguntei sobre a autoria das músicas do congado e ele me disse que criavam algumas músicas, outras eles pegavam de outros grupos congadeiros, o que me levou a refletir sobre algumas questões relacionadas aos direitos autorais, já que em se tratando de guardas de congado, os diversos grupos compartilham suas músicas livremente, trazendo uma noção diferente pertencimento das músicas quando comparada à legislação autoral vigente em nosso país.



Foto 6 – Panfleto de divulgação da festa de Nossa Senhora Aparecida, ocorrida nos dias 16 e 17 de outubro de 2010 na comunidade de Água Santa, situada nas dividas dos municípios de Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas.

Buscando analisar um projeto em atividade proposto pela Anglo American, citarei o programa de apoio ao turismo desenvolvido por esta empresa em conjunto com a secretaria de Turismo de Conceição do Mato Dentro. Na página 14, item 8.2.2 do referido programa encontramos a seguinte redação:

“Apoio aos eventos tradicionais dos municípios

Os municípios da AID ²⁶ possuem um conjunto de festividades que representam uma herança cultural específica da região, como as festas religiosas. Por suas peculiaridades, estes eventos também se tornam atrativos turísticos e, em alguns casos, têm potencial de contar com a participação de um grande número de pessoas, como acontece no Jubileu de Conceição do Mato Dentro.

²⁶ Área de Influência Direta.

Visando contribuir com a realização destes eventos, o empreendimento Anglo Ferrous Minas-Rio Mineração poderá auxiliar financeiramente a realização destes eventos. Os organizadores deverão enviar anualmente, de acordo com as datas estabelecidas, pelo empreendimento, a programação do evento, contendo o objetivo, justificativa e finalidade dos recursos solicitados. As solicitações serão analisadas por uma comissão responsável que irá determinar quais eventos receberão o apoio financeiro para sua realização.

As datas para envio dos projetos deverão ser respeitadas para que todos os projetos sejam analisados dentro da programação estabelecida pelo empreendedor.”²⁷

Como a festa do Rosário de Conceição do Mato Dentro é uma festa religiosa e conta com a participação dos marujeiros, perguntei para a Secretária de Turismo de Conceição do Mato Dentro se esse projeto está sendo realizado. De acordo com a secretária:

“Sim, o projeto de auxílio financeiro da Anglo para as festas tradicionais da cidade, esta sendo realizado, mas ainda muito precário. As exigências deles são muitas, por exemplo:

Entregar o projeto com no mínimo 90 dias de antecedência de sua execução;

Deixar a parte gráfica por conta deles, ai somente a empresa que aparece;

Valores muito baixos;

Mesmo sendo tradicional na cidade e na região eles não patrocinam alguns tipos de eventos, como o festival da Cachaça e o Rodeio do Jubileu;

Festa de Nossa Senhora Aparecida, eles fazem convênios diretamente com a Paróquia, etc.”²⁸

Este plano de turismo demonstra a existência de uma parceria entre Secretaria de Turismo e Anglo American, que tem como objetivo financiar algumas festas tradicionais do município.

E importante ressaltar a fala da secretaria de Turismo que afirma que a Anglo American além de elencar uma série de exigências, concede valores muito baixos e se preocupa bastante com a parte gráfica, utilizando essas festividades como propaganda para o empreendimento. Vimos um fato semelhante anteriormente, em que a empresa

²⁷ Anglo Ferrous Minas-Rio Mineração S.A. Plano de Controle Ambiental. Programa de Apoio ao Turismo. Documento nº PG-003-AF-03-09-v0. Data: 16-mar-09.

²⁸ Questionário respondido por escrito pela Secretária de Turismo de Conceição do Mato Dentro Regiane Ottoni, em junho de 2013, para esta pesquisa.

patrocinou a festa de Nossa Senhora Aparecida em Água Santa, e no panfleto da festa colocou sua logomarca como apoio institucional.

2.2 Prefeitura de Conceição do Mato Dentro - Cultura

Enquanto a Anglo American demonstrou, através da entrevista realizada com o diretor Newton Viguetti, em outubro de 2010, o seu interesse em resgatar as manifestações populares da região, é importante ressaltar que em 2011 a prefeitura de Conceição do Mato Dentro realizou o Dossiê de registro²⁹ da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato Dentro.

De acordo com a secretaria de Cultura de Conceição do Mato Dentro Júlia Celly:

“A tradicional festa de Nossa Senhora do Rosário ainda não é registrada. Foi feito um Dossiê de Registro Imaterial, que iniciou com uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Conceição do Mato Dentro , Conselho Municipal de Patrimônio Cultural e a equipe da empresa Plural Arquitetura LTDA.

A partir de um extenso trabalho de pesquisas, o Dossiê seguiu a metodologia sugerida pelo IEPHA/MG, em sua Deliberação Normativa de 01/2011. Este documento foi dividido em itens que abrangem o contexto histórico da Festa do Rosário, sua descrição detalhada, registro fotográfico e audiovisual. Além disso, foi apresentada análises das transformações, ficha de inventário e cópia da documentação jurídica de registro imaterial.”³⁰

Esse Dossiê encontra-se nos arquivos do Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG.

O dossiê, que é feito pela prefeitura do município, é enviado ao IEPHA para aprovação no ICMS cultural. De acordo com a lei 18030 de 2009, em seu § 1º, a parcela da receita do produto de arrecadação do Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação – ICMS será distribuída nos percentuais indicados em uma tabela presente na própria lei, conforme alguns critérios. Um desses critérios, a que se refere o § 1º, inciso VII da mesma lei dispõe sobre o patrimônio cultural, e

²⁹Dossiê de Registro Imaterial. Festa do Rosário. Exercício de 2011. Pasta quadro VI. Município de Conceição do Mato Dentro.

³⁰Questionário respondido por escrito pela Secretária de Cultura de Conceição do Mato Dentro Júlia Celly em 27 de maio de 2013, para esta pesquisa.

afirma que o IEPHA fornecerá uma relação percentual entre o Índice de Patrimônio Cultural do Município e o somatório dos índices de todos os municípios.

De acordo com o Gerente de Patrimônio Imaterial do IEPHA Luis Gustavo Molinari Mundim:

A Constituição Federal de 1988 estabelece a independência entre os entes federados, ou seja, Municípios, Estados e a União são entes que podem desenvolver suas políticas de forma autônoma e não estão subordinados entre si. Nesse sentido, as políticas e ações dos municípios podem e devem acontecer de forma independente do estado. Com ICMS Cultural o IEPHA estabelece critérios para a distribuição de parte desse recurso relativo ao patrimônio cultural e ao longo dos anos estabeleceu e tem estabelecido com suas normativas os critérios de pontuação. O que se procura é desenvolver linguagens comuns para o aproveitamento das informações e eficiência nas ações implementadas.

Por outro lado o IEPHA instrui os processos de inventário e Registro na esfera estadual, tal é o caso do Modo de Fazer o Queijo Artesanal da região do Serro, A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Chapada do Norte/MG, o inventário para fins de registro da Comunidade dos Arturos em Contagem, além dos inventários do Patrimônio Cultural do São Francisco, dos Derivados da Cana, e tantos outros. Tais inventários podem, ou não, resultar em registros de patrimônio imaterial, que geralmente são definidos pelo resultado do inventário.

O acompanhamento que IEPHA pode fazer com os municípios é o de orientação técnica, desde que manifestado pelo município. Existe também a possibilidade de instrução técnica em conjunto, todavia é necessária a assinatura de Termo de Cooperação Técnica.”³¹

Segundo o IEPHA, os dossiês das manifestações culturais são feitos pela prefeitura municipal, e o IEPHA não aprova nem reprova esses dossiês. Quando o dossiê não encaixa ao que o IEPHA considera adequado (tecnicamente ou metodologicamente), o IEPHA não aprova esse dossiê para fins de pontuação para o ICMS. Deste modo, o IEPHA somente reconhece o dossiê feito pela prefeitura para efeitos de pontuação, mas pode questionar que as informações registradas estão insuficientes.

Em Conceição do Mato Dentro o dossiê de registro imaterial foi feito em 2011 e se encontra no IEPHA, mas este último ainda não o aprovou para fins de pontuação

³¹Questionário Respondido por escrito pelo Gerente de Patrimônio Imaterial do IEPHA Luis Gustavo Molinari Mundim, em 10 de junho de 2013, para esta pesquisa.

no ICMS. O IEPHA exigiu uma complementação do registro, pois considerou que as informações contidas são insuficientes.

De acordo com Marília Palhares Machado, Diretora de Promoção do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais:

“Os motivos pelos quais o registro da festa de Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato Dentro não foi aprovado estão apontados no arquivo anexo³² que traz a análise do processo de registro feito pela Ana Paula. Nela será possível entender porque o registro não foi pontuado pois foram exigidas algumas complementações de informações. A não pontuação não significa que o bem cultural não esteja registrado, apenas que não atendeu à metodologia e a técnica indicadas pelo IEPHA/MG. A não pontuação não deve portanto ser entendida como não registro, cabendo ao município empreender as ações indicadas no Plano de Salvaguarda para a permanência do bem cultural.”³³

Sobre esta questão, a Secretária de Cultura Júlia Celly esclareceu que:

“Algumas complementações foram feitas por esta secretaria, mas ainda não foi submetido à avaliação e apreciação do IEPHA. O ano de 2012 por ter sido um ano eleitoral, dificultou a contratação de empresa especializada que faria a complementação do Dossiê na íntegra e enviar ao IEPHA, empresa própria de cunho cultural. Este ano de 2013, toda a complementação e atualização do dossiê serão realizadas por uma empresa especializada, que além de confeccionar os relatórios de ICMS Cultural ano de 2013, irá também capacitar o Conselho de Patrimônio Cultural.”³⁴

Sendo assim, o Município de Conceição do Mato Dentro, apesar de ter sua festa registrada em 2011, não recebeu o ICMS cultural para o exercício de 2012, já que a prefeitura não realizou a complementação exigida pelo IEPHA.

A secretária de Cultura também afirma que:

“A prefeitura de Conceição do Mato Dentro recebe um determinado valor referente ao ICMS Cultural, que é depositado durante os doze meses do ano junto a demais valores, o que pode ser mais bem explicado pela Secretária da fazenda/tesouraria, Isabete Pires.

³²O arquivo citado se encontra nos anexos, ao final da dissertação. Pag:122/123.

³³Questionário respondido por escrito pela Diretora de Promoção do IEPHA Marília Palhares Machado, em 10 de junho de 2013, para esta pesquisa.

³⁴Questionário respondido por escrito pela Secretária de Cultura de Conceição do Mato Dentro Júlia Celly em 27 de maio de 2013, para esta pesquisa.

Não recebemos nenhuma verba de ICMS Cultural que se destine especificamente à Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Os valores que são investidos nos grupos culturais, através de apoio, incentivo são valores próprios da Prefeitura Municipal, sendo assim, não se trata de valor do ICMS Cultural para ser investido na referida festa, o que não nos impede de utilizarmos, só que não vamos obter pontuação com este investimento.”³⁵

O grande problema do não recebimento da parcela do ICMS é que o dinheiro em questão tem como função auxiliar na salvaguarda do bem imaterial que é a festa de Nossa Senhora Do Rosário de Conceição do Mato Dentro. O próprio registro da festa elenca uma série de medidas de preservação. Este registro será apresentado na íntegra a seguir, com o intuito de demonstrar a visão da prefeitura sobre a festa, seus agentes e seus mecanismos de salvaguarda e proteção. Desta forma será possível estabelecer uma comparação entre a os objetivos da prefeitura e a do grupo pesquisado, buscando, assim, analisar se as medidas de preservação vislumbradas pela secretaria de turismo correspondem aos anseios dos marujeiros:

Dossiê de Registro Imaterial
Festa do Rosário
Exercício de 2011
Pasta quadro VI
Município de Conceição do Mato Dentro
Salvaguarda e valorização

A Festa do Rosário de Conceição do Mato Dentro teve sua 280 edição no ano de 2010 e medidas de salvaguarda são fundamentais para a continuidade do evento. Embora seja um evento de cunho religioso, há o envolvimento da população local e de turistas, que não buscam necessariamente o ato religioso da festa (missas e orações) e sim seguem o imbuídos do espírito de alegria que a festa lhes proporciona.

Mesmo diante do empenho da Irmandade em manter a tradição da festa, e levando-se em consideração que ela acontece mesmo sem a intervenção e auxílio financeiro do poder público ou da iniciativa privada, há que se preocupar com o seu desaparecimento e uma série de medidas de preservação devem ser adotadas para sua preservação.

³⁵Questionário respondido por escrito pela Secretária de Cultura de Conceição do Mato Dentro Júlia Celly em 27 de maio de 2013, para esta pesquisa.

A festa acontece nos mesmos espaços há mais de duzentos anos, mas vem perdendo público e participantes. Daí surgem algumas questões: como incentivar a participação?

Como auxiliar na organização da Festa do Rosário?

A Festa do Rosário de Conceição do Mato Dentro acontece num período do ano diferente das outras festas, coincidindo com as festas de Réveillon. Essa data tem seus prós e contras. Favorece a realização da festa no sentido em que ela acontece num dia que é feriado no país. A cidade costuma receber muitos turistas, interessados em visitar o extenso patrimônio natural do município, com suas inúmeras cachoeiras.

Por outro lado, tem sido cada vez mais comum para as novas gerações, o interesse em buscar outros rituais para as festas de final de ano. Em função da grande divulgação das festas que acontecem no litoral do Brasil, a cerimônia de virada do ano nas praias tem recebido um público cada vez maior.

Outra dificuldade tem sido na organização e confecção das vestimentas, que são onerosas, ficando o “Reinado” por conta destas despesas.

Para a salvaguarda deste bem cultural, apresentamos a seguir uma série de medidas de preservação.

1. Divulgação da Festa em mídia impressa e em rádio: Essa divulgação pode e deve ser feita tanto antes quanto depois do evento. Podem ser feitos anúncios nos jornais e revistas da região e do estado, convidando para a festa e informando sua programação, a fim de atrair devotos e turistas. Após a festa, também podem ser divulgados os acontecimentos, tanto para informar aos interessados a ocorrência desta festa, em função do calendário diferente. Essa veiculação pode e deve ressaltar o caráter tradicional da festa.

2. Instalação de espaços de apoio: O cortejo percorre as ruas da cidade e o público participante necessita de espaço de apoio como sanitários químicos e lugares para o atendimento médico de urgência, tendo em vista que o cortejo segue muitas vezes sob sol do verão.

3. Auxílio para a ornamentação e caracterização: Ajudas técnicas e/ou financeiras para a confecção de vestimentas típicas, bandeiras estandartes, e elementos que serão usados para a ornamentação da festa.

4. Transporte de participantes: Tendo em vista que alguns grupos vêm de outras cidades da região, em muitos casos é importante providenciar o transporte dos participantes à festa.

5. Confecção de mídia impressa a ser usada na festa: é importante providenciar um material de boa qualidade que será usado na festa. Aqui a palavra qualidade refere-se à veracidade das informações que serão repassadas e não à qualidade gráfica que implicam em altos custos de produção.

6. Suporte e orientação aos novos festeiros: Eleitos os Reis e Rainhas do ano seguinte, é importante que eles recebam orientações de como conduzir a organização da festa, pois eles são os responsáveis pela continuidade das tradições.

7. Auxílio na aquisição e montagem da queima de fogos: Embora essa atividade não estivesse presente nas primeiras festas, acabou por se tornar um importante momento, muito esperado pelo público.

8. Disponibilização de equipes de limpeza urbana: É importante que os espaços públicos a serem utilizados sejam preparados para receber a festa. Além disso, depois da festa, é importante providenciar a limpeza da cidade, tanto no recolhimento da ornamentação quanto na varrição das ruas, que ficam cheias de papel picado, confetes, panfletos, etc.

9. Policiamento: é importantíssimo providenciar segurança para visitantes e festeiros. Em geral, as festas de rua com aglomeração de pessoas tendem a necessitar de policiamento.

10. Atividades de educação patrimonial: É fundamental o desenvolvimento de atividades que envolvam a comunidade e principalmente as crianças. Estas atividades não devem ser restringidas a salas de aula e sim envolver a população para a continuidade dos grupos tradicionais de dança e música que compõem a festa.

Apresentamos a seguir um cronograma, que contempla cada ação de preservação, sugerindo que sejam feitas ao longo do ano:

Ações de preservação/valorização

Divulgação da festa em mídia impressa e rádio (4 trimestre de 16/10 a 14/01)

Instalação de espaços de apoio (4 trimestre de 16/10 a 14/01)

Auxílio para a ornamentação e caracterização (2 trimestre de 16/04 a 15/07)

Transporte dos participantes (4 trimestre de 16/10 a 14/01)

Confecção de mídia impressa a ser usada na festa (3 trimestre de 16/07 a 15/10)

Suporte e orientações aos novos festeiros (1 trimestre de 15/01 a 15/04)

Auxílio na aquisição e montagem da queima de fogos (4 trimestre de 16/10 a 14/01)

Disponibilização de equipes de limpeza urbana (4 trimestre de 16/10 a 14/01)

Policiamento (4 trimestre de 16/10 a 14/01)

Atividades de educação patrimonial (1,2,3,4 trimestre de 15/01 a 14/01)³⁶

Em se tratando do plano de salvaguarda também afirma Luis Gustavo Molinari Mundim:

“Em todo bem registrado existe a necessidade de elaboração do Plano de Salvaguarda, construído com os detentores do bem, onde deve constar as principais ameaças a curto, médio e longo

³⁶Dossiê de Registro Imaterial. Festa do Rosário. Exercício de 2011. Pasta quadro VI. Município de Conceição do Mato Dentro.

prazo e as formas de se amenizar tais ameaças. As ações podem ou não necessitar de recursos financeiros. Juntamente com esse Plano de Salvaguarda é desejável que se crie um grupo que fará a gestão do bem cultural. À esse grupo é incumbido a responsabilidade de estabelecer a forma de gestão do bem, qual ou quais projetos devem ser implementados naquele ano, as ações prioritárias, os investimentos, as formas de captação, etc.”³⁷

Analizando o plano de salvaguarda da festa, proponho alguns questionamentos. Será que o plano de salvaguarda em questão contempla a real necessidade dos marujeiros? Será que a “divulgação da festa em mídia impressa e em rádio” é necessária para a salvaguarda desse bem imaterial? Não considero divulgação como forma de salvaguarda na medida que não demonstra uma intenção de preservação do grupo. Os marujeiros normalmente pouco se interessam por turistas, já que não fazem “apresentação”, nos moldes do espetáculo. A instalação de focos de apoio também visam o bem estar do público, e não o grupo realizador da festa. O “auxílio na aquisição e montagem da queima de fogos” também é visto pelo plano de salvaguarda como um momento de grande expectativa do público, o que demonstra, mais uma vez, uma preocupação com o externo, e não com a expressão cultural em si.

Para solucionar essas dúvidas seria necessário que a prefeitura mantivesse um diálogo com os marujeiros para saber as necessidades desses membros da festa sob a ótica do próprio grupo. O “auxílio para ornamentação e caracterização”, por exemplo, é um elemento que depende, necessariamente, de um contato entre poder público e o os membros dessa expressão cultural tradicional.

Além disso, o plano de salvaguarda demonstra uma escassez de informações decorrentes da ausência de um trabalho de pesquisa com os membros do grupo. O referido plano se inicia com a afirmação de que a festa acontece nos mesmos espaços à mais de duzentos anos, mas não demonstra as diversas mudanças ocorridas em relação à festa, a exemplo da diminuição da duração das celebrações, que passaram de três dias para apenas um dia, como afirma o mestre da marujada Zé Geraldo.³⁸

Corroborando a afirmação acima, citarei abaixo uma resposta referente ao questionário que enviei ao IEPHA, respondido pelo Luis Gustavo Molinari Mundim,

³⁷Questionário Respondido por escrito pelo Gerente de Patrimônio Imaterial do IEPHA Luis Gustavo Molinari Mundim, em 10 de junho de 2013, para esta pesquisa.

³⁸Ver depoimento no capítulo 3.

Gerente de Patrimônio Imaterial , em 10 de junho de 2013. O assunto em pauta é sobre a importância de uma expressão cultural tradicional ser registrada e inventariada pelo IEPHA.

O inventário é o instrumento metodológico utilizado pelo IEPHA na coleta dos dados referentes ao patrimônio cultural. O inventário é, ou deveria ser, o primeiro contato com as referências culturais que se pretende patrimonializar. No caso dos bens culturais de natureza imaterial o inventário é a ferramenta importantíssima pois permite um primeiro contato institucional com o objetivo de interesse e permite também uma aproximação com os agentes praticantes daquele bem cultural. Ao inventariar um bem cultural é possível determinar o nível de proteção que se deseja para aquele bem e se é o caso de fazer o Registro como bem imaterial. O inventário demonstra um interesse do estado em se conhecer e preservar determinada prática cultural. O nível de proteção e a forma são determinadas em outro momento e são levadas em consideração outros aspectos como a própria tradição, a expectativa e ameaça de continuidade.³⁹

De acordo com a fala do gerente de patrimônio imaterial, percebe-se a ausência da realização de um inventário na realização do dossiê de registro imaterial da Festa do Rosário. A realização de um inventário possibilitaria um conhecimento detalhado das necessidades dos marujeiros, o que auxiliaria na realização de um plano de salvaguarda que realmente objetivasse a manutenção da tradição sob o viés do grupo pesquisado

Sendo assim, o município, não cumprindo as exigências do IEPHA, se priva de um direito que é o recebimento da verba do ICMS destinado ao patrimônio imaterial registrado, e o maior prejudicado é a festa de Nossa Senhora do Rosário, que provavelmente necessita dessa verba. Porém, é necessário analisar as reais necessidades da festa, e quem possui reais condições de determinar aquilo que deve ser realizado para a manutenção das tradições são os próprios marujeiros, cabendo ao município retratar essas necessidades no plano de salvaguarda presente no registro da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

É importante ressaltar que quando perguntei ao mestre da marujada sobre o registro, ele me informou que os marujeiros não participaram da sua confecção.

³⁹Questionário Respondido por escrito pelo Gerente de Patrimônio Imaterial do IEPHA Luis Gustavo Molinari Mundim, em 10 de junho de 2013, para esta pesquisa.

Com o intuito de estabelecer uma conexão entre a existência do Dossiê de Registro Imaterial da Festa de Nossa Senhora do Rosário e o capítulo antecedente, referente à Anglo American, é importante lembrar que analisamos anteriormente uma condicionante que determinava um estudo do impacto do empreendimento (mineração) sobre o patrimônio cultural. Porém, a prefeitura de Conceição do Mato Dentro informou que “não consta em suas documentações registros de tombamento nem inventariado”. Logo essa condicionante foi considerada cumprida sem que fossem realizados os referidos estudos. Porém, se a própria prefeitura, por meio de sua secretaria de cultura realizou o dossiê de registro da marujada, reconhecendo a marujada com patrimônio imaterial de Conceição do Mato Dentro, esses estudos deveriam ter sido realizados.

Para melhor esclarecimento desta dúvida, estabeleci contato através de e mail com a Diretora de Promoção do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais Marília Palhares Machado, que me alertou sobre a possibilidade do registro ter sido posterior à condicionante:

Imagino que, como o registro da Festa só nos foi encaminhado em 2012, em 2008 a condicionante deter ter sido aceita por não haver ainda esse registro.”⁴⁰

Sendo assim, no início de 2013 enviei à secretária de cultura um questionário em que uma das perguntas era referente a esse fato. A pergunta era a seguinte:

A condicionante 62 da Licença de Instalação do empreendimento Minas Rio da Mineradora Anglo American dispõe sobre os impactos gerados por esse empreendimento ao patrimônio cultural. Ressalta-se que o texto da condicionante refere-se ao patrimônio cultural, que pode ser tanto material quanto imaterial sendo que a marujada e a festa de Nossa Senhora do Rosário são considerados patrimônio imaterial. Esta condicionante foi considerada cumprida, já que a prefeitura afirmou que “não consta em suas documentações registros de tombamento nem inventariado”. Porém todos sabemos da existência da festa de Nossa Senhora do Rosário e da Marujada, e o registro da festa foi realizado pela própria prefeitura. Porém, como foi exposto, o impacto da mineração sobre estas manifestações culturais não será analisado.

Qual a opinião da secretaria de cultura em relação a este fato?

Infelizmente, assim como ocorrido com a Anglo American, essa pergunta não foi respondida. A secretaria de Cultura Júlia Celly, através do ofício número 100/2013, datado de 27 de maio de 2013 respondeu as outras seis perguntas presentes

⁴⁰Questionário respondido por escrito pela Diretora de Promoção do IEPHA Marília Palhares Machado, em 10 de junho de 2013, para esta pesquisa.

no questionário, mas não se manifestou em relação à pergunta a qual me referi anteriormente, o que me impediu de saber a opinião da secretaria sobre o impasse entre a existência do dossiê e a inexistência de estudos sobre o impacto da mineração sobre a marujada.

Independente do registro ter sido realizado posteriormente ao julgamento da condicionante, não há no texto desta condicionante a afirmação de que seja necessário a existência de registros para que seja realizada a análise do impacto da mineração sobre o patrimônio cultural. Apenas discuto a existência do registro para comprovar algo óbvio que é dizer que os órgãos públicos sabem e reconhecem que a marujada existe.

Sendo assim, tanto a Anglo American quanto a Secretaria de cultura, ao condicionarem a existência de patrimônio cultural às formalidades de um registro, tiveram como objetivo se eximir de suas obrigações, pois afirmando não haver registros de qualquer patrimônio, poderiam justificar a falta de necessidade de um estudo do impacto da mineração. Porém, independentemente de registro, tanto a empresa quanto a secretaria sempre souberam que diversos elementos do patrimônio cultural existem, a exemplo da marujada, comprovando a necessidade que estes estudos fossem realizados.

Além da existência do dossiê de registro da festa, a secretária de cultura afirma ter projetos em relação à marujada e à festa de Nossa Senhora do Rosário:

“A secretaria tem como objetivo, fortalecer, apoiar e preservar a Festa de Nossa Senhora do Rosário, 1º de janeiro, através de seus grupos culturais. Por se tratar de uma festa tradicional e ao mesmo tempo de cunho religioso, precisamos ter bastante cuidado no que tange o ponto de vista financeiro. Existe uma súmula que impede que a administração pública invista em eventos e ou festas que favoreça culto religioso.

SÚMULA 25 (PUBLICADO NO “MG” DE 14/11/87 – PAG. 29 – RATIFICADA NO “MG” DE 01/07/97 – PÁG. 21 – MANTIDA NO “MG” DE 26/11/08 – PÁG. 72 – MANTIDA NO D.O.C DE 05/05/11 – PÁG. 08)

A DESPESA REALIZADA PELO PODER PÚBLICO COM A SUBVENÇÃO DE CULTO RELIGIOSO É ILEGAL E DE RESPONSABILIDADE PESSOAL DO ORDENADOR.

Conforme a lei nos permite, pretendemos resgatar os grupos culturais, como podemos mencionar o grupo de Folia de Reis de Capitão Felizardo, Córrego da Luz, atividades culturais dos grupos de Marujada, entidades culturais sem fins lucrativos, Congado, Caboclos, Pastorinhas, Pípiruí, dentre outros. Fortalecendo e

investindo nos grupos culturais, podemos alcançar os objetivos esperados dentro da legalidade da administração pública.

Estamos trabalhando no intuito de fortalecer os grupos para buscar apoio a projetos na lei de incentivo, fundo municipal, estadual e federal de cultura e demais projetos e editais.

Esses projetos estão sendo desenvolvidos através de um Programa em parceria com a ANGLO American, que disponibilizará uma profissional para ensinar aos grupos culturais como podem buscar verbas estaduais e federais, como elaborar um projeto, captar o recurso, executar o projeto e prestar contas após a sua execução.

Além deste programa que fortalecerá os terceiros setores, incluindo a Marujada, está sendo firmado um convênio entre a Prefeitura Municipal de Conceição do Mato Dentro e os grupos culturais, onde será repassado um valor simbólico, para garantir a sustentabilidade destes grupos e manter toda a documentação atualizada.

Elaboramos um projeto que foi apresentado ao edital do Fundo Estadual de Cultura, para realizar o registro da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Se aprovado, teremos como buscar verbas próprias para a festa.⁴¹

A secretária demonstrou alguns projetos em parceria com a Anglo American, os quais já foram comentados no capítulo anterior. Além desses projetos, ela fala sobre um convênio entre a prefeitura e os grupos culturais. Atualmente esse projeto está em vigor, estando disponível para a marujada uma verba anual de dois mil e quatrocentos reais. Porém, o grupo não consegue receber a referida verba, pois a prefeitura alega que é necessário que essa expressão cultural tradicional tenha um registro como associação, e que este registro esteja atualizado, principalmente em relação à receita federal. Caso contrário, não há como esse órgão público justificar em termos fiscais a concessão do convênio. Coincidentemente, a marujada havia fundado em outubro de 2001 uma associação, quando foi realizada uma ata de fundação do Grupo Folclórico “Marujada de Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato Dentro”. Nessa oportunidade foi criado um estatuto e foi eleita a diretoria e o conselho fiscal. Essa associação, que é pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, constituída sob a forma de sociedade civil, com prazo de duração indeterminado, com sede e foro na cidade de Conceição do Mato Dentro, teve, como um de seus objetivos de criação a venda dos DVDs da marujada produzidos pela

⁴¹Questionário respondido por escrito pela Secretária de Cultura de Conceição do Mato Dentro Júlia Celly em 27 de maio de 2013, para esta pesquisa.

associação Mato Dentro em 2002. Esses DVDs, cujo título é “Marujada – Um encontro multicultural” conta a história desta expressão cultural tradicional, e sua venda tinha o intuito de angariar fundos para a construção do Quartel do Marujeiro, que seria um local destinado as necessidades do grupo. A criação dessa associação foi auxiliada por vários membros da sociedade civil de Conceição do Mato Dentro. Após doze anos da sua criação esta associação ficou abandonada, necessitando de atualizações quanto a sua presidência, diretoria, conselho fiscal e demais membros. Porém, os marujeiros estão enfrentando diversas dificuldades em resolver essas questões burocráticas, e a prefeitura não tem demonstrado interesse em prestar o devido auxílio.

2.3 Prefeitura de Conceição do Mato Dentro – Transporte

Outra questão referente à interferência da prefeitura de Conceição do Mato Dentro sobre a Marujada diz respeito, mais especificamente, a algumas ações realizadas pela prefeitura em relação ao transporte dos Marujeiros.

Os marujeiros são convidados a participar de algumas festas em diversos locais. Em grande parte são festas em devoção à Nossa Senhora do Rosário, que acontecem em diferentes datas em todo o estado, e nas quais os marujeiros são convidados tanto por outras guardas de congado quanto pelos festeiros. Apesar de serem devotos de Nossa Senhora do Rosário, não há impedimento de que participem de festas que homenageiam outros santos católicos, ou mesmo eventos sem caráter religioso.

Em alguns casos, a Secretaria de Turismo concede o transporte aos marujeiros quando estes participam de festejos ou eventos culturais realizados nos diferentes distritos pertencentes ao município de Conceição do Mato Dentro, ou até mesmo, em outras cidades do Estado de Minas Gerais. A Secretaria de Turismo não é a única responsável por essa função, sendo a Secretaria de Cultura também responsável em alguns casos pelo transporte dos grupos tradicionais para eventos culturais ou religiosos. Porém, como não há na prefeitura uma estrutura organizada em relação a esta finalidade, torna-se difícil identificar qual a secretaria que realmente assume esse compromisso, ou mesmo se o transporte fica a cargo de funcionários da prefeitura que agem individualmente.

Um exemplo concreto da interferência da prefeitura em relação ao transporte se refere à participação da Marujada de Conceição do Mato Dentro em um evento gastronômico ocorrido na Serra do Cipó. Esse evento não tinha caráter religioso e, além da gastronomia, também proporcionou ao público alguns shows de bandas de música. A prefeitura, por intermédio da Secretaria de Turismo, forneceu o transporte para o evento, mas o transporte não era suficiente para todos os membros da marujada. Além disso, os marujeiros foram levados para uma cidade próxima, por engano, atrapalhando a organização do grupo na participação da festa.

Em relação aos projetos da Secretaria de Turismo em relação à marujada, a secretária Regiane Ottoni afirma:

Projetos não existem ainda. O turismo de Conceição ficou abandonado por 6 anos com a chegada da mineradora. Há pouco mais de um ano é que estamos começando a revigorar o Turismo na cidade. Existem projetos do Circuito Turístico Serra do Cipó como por exemplo o Outono da Serra onde acontecem várias apresentações culturais. A Secretaria de Turismo por dois anos consecutivos levou os Marujeiros para participarem deste evento, oferecendo transporte e alimentação”.⁴²

Desta forma, descrevo abaixo o relato de campo em relação ao evento gastronômico da Serra do Cipó, no qual conto detalhadamente os fatos ocorridos:

Cheguei à casa do mestre da marujada por volta das duas da tarde do dia 09/06/2012. A porta estava fechada. Olhei pela janela que estava entreaberta e fui atendido por um marujeiro, que me cumprimentou e me convidou a entrar. Os marujeiros estavam se aprontando. Na sala, alguns estavam sentados no sofá. As roupas estavam na cozinha e no quarto havia crianças e adultos, trocando as vestimentas e pegando seus instrumentos. O mestre disse para que eu ficasse à vontade. Sentei-me no sofá e conversei com dois marujeiros que ali se encontravam. Um deles me contou sua história, que tinha vindo para Conceição do Mato Dentro cuidar de uma fazenda e por lá ficara.

O mestre da marujada me apresentou ao sanfoneiro, e me perguntou se eu era de Conceição. Somente aí ele lembrou quem eu era, e que eu havia feito uma visita algumas semanas atrás.

Os marujeiros começaram a tocar aos poucos, na rua, em frente à casa. Eu assisti de longe. O mestre da marujada chamou a atenção dos marujeiros e das crianças. Disse que aquilo não era brincadeira. Disse que muitos haviam faltado. Havia mais ou menos 20 (vinte) integrantes. Eles cantaram algumas músicas. O mestre da marujada me disse que após aquela celebração eles estavam prontos para partir.

Normalmente, uma guarda, uma vez formada tem que se firmar enquanto grupo que vai lidar com questões espirituais, e por isso devem cumprir rituais antes

⁴² Questionário respondido por escrito pela secretária de Turismo de Conceição do Mato Dentro Regiane Ottoni, em junho de 2013, para esta pesquisa.

de saírem para a rua. Esses rituais normalmente visam buscar a união do grupo em torno da missão a cumprir, pedir proteção e bênçãos dos santos de devoção, principalmente Nossa Senhora do Rosário, para se tornarem prontos para partir.

Eu estava assistindo tudo do outro lado da rua. Logo depois chegou o locutor da rádio de Conceição do Mato Dentro acompanhado de um outro homem. Ele cumprimentou os marujeiros, cantou, tocou pandeiro.

O mestre da marujada me perguntou se eu havia conversado com os outros marujeiros. Eu disse que havia conversado com alguns, aos poucos. Ele disse que eu tinha que conversar com todos. Então ele convocou todo o pessoal, e pediu para que eu falasse. Eu disse que estava lá porque eu tinha o intuito de realizar uma pesquisa de mestrado. Disse que essa pesquisa iria dar origem a um texto que ficaria na biblioteca da universidade (pretendo entregar uma cópia do trabalho final para eles também). Para que eu pudesse escrever esse texto eu iria precisar da ajuda deles. Disse que a pesquisa não traria lucro. O sanfoneiro e os outros marujeiros disseram que estavam de acordo. O locutor disse algumas palavras, afirmou que a pesquisa era importante e me desejou boa sorte.

Chegou a van da prefeitura para levar os marujeiros para Santana do Riacho. (Município cuja área é englobada pelo Parque Nacional da Serra do Cipó). Não couberam todos na van. Pediram-me para levar o sanfoneiro e sua mulher, um marujeiro, e a mãe de outro marujeiro que carregava uma criança de colo.

Partimos para Santana do Riacho. Chegando à igreja descobrimos que a festa não era ali, e sim em Cardeal Mota (Distrito de Santana do Riacho). Voltamos e chegamos ao local desejado.

Era um festival gastronômico. Havia barraquinhas vendendo artesanatos, barraquinhas de comida (churrasquinho, caldos, cachorro quente), e um palco onde iria acontecer uma “apresentação da marujada”, depois uma apresentação de capoeira, uma banda de chorinho e por fim uma banda cujo nome era A Fase Rosa.

Os marujeiros chegaram e por um momento ninguém apareceu para recebê-los. Depois apareceu uma menina que disse que eles se apresentariam às 19h30min. Como eram 19h00min, disse que eles poderiam ir visitar a igreja (os marujeiros haviam perguntado se daria tempo de realizar essa visita). Porém o mestre da marujada achou melhor não realizar a visita, pois o tempo era muito curto.

Esse fato merece uma maior observação pois percebe-se que a motivação da marujada é religiosa, e como estes estava fardados, aquilo que faria maior sentido no momento seria ir até a igreja rezar e cantar, o que não foi possível devido à necessidade de cumprimento dos horários do evento.

Os marujeiros se apresentaram. Perguntei se poderia filmar, e o mestre riu e disse que sim, a festa era na rua!

Durante a “apresentação” dos marujeiros, a organizadora do evento pediu para que eles circulassem no meio da platéia, com o intuito de entreter o público. Ao final da apresentação, os manipuladores de som sequer esperaram o encerramento da marujada e ligaram o som eletrônico.

Esses fatos acima descritos demonstram o descaso e falta de compreensão dos significados da marujada por parte da equipe de som e dos organizadores. Para a organizadora, o que ocorria ali era uma “apresentação teatral” e assim sendo, para ela fazia sentido pedir que os marujeiros realizassem uma interação com o público. Já os manipuladores de som não tiveram nenhum respeito com a manifestação cultural em questão, não se importando com os valores da marujada, apenas se preocupando em cumprir os horários e proporcionar o entretenimento do público.

A organização da festa distribuiu fichas de comida de bebidas aos marujeiros. O mestre da marujada disse que eu também era do grupo, mas eu não quis as fichas de comida pois eu já havia me alimentado.

Voltamos para Conceição. Chegamos por volta das 22 horas. O mestre me disse que na quarta feira seguinte iriam São Sebastião do Bom Sucesso (distrito de Conceição do Mato Dentro, também conhecida como Sapo) e que seria interessante eu ir porque lá era outro tipo de festa, que a festa seria dele, e lá eles iriam tocar outras músicas que eles não tocaram naquela “apresentação”.

Pela fala do mestre da marujada percebe-se que existe uma relação entre uma performance participativa e uma performance para apresentação. Ao considerar a festa do Sapo como uma festa sua, o mestre demonstra que essa festa possui um real sentido para a tradição. Desta forma, algumas músicas que, para a marujada, possuem um significado mais valioso com sentidos e funções específicas determinadas ritualmente, condicionadas a etapas rituais, espaços e tempos, não foram tocadas na Serra do Cipó, mas seriam tocadas no Sapo. Sendo assim o festival gastronômico da Serra do Cipó teria um caráter de performance para apresentação, já que apresenta um deslocamento de sentido da tradição, enquanto a festa do Sapo assumiria uma performance participativa, em que todos os membros ali presentes fazem parte daquela expressão cultural, o que permitiria tocar músicas de maior importância para a comunidade.⁴³

“Performance participativa é um tipo especial de prática artística na qual não há distinções entre artistas e público, apenas participantes e potenciais participantes desempenhando papéis diferentes, e o objetivo principal é o de envolver um número máximo de pessoas em algum papel na performance. Performance para apresentação, ao contrário, refere-se a situações em que um grupo de pessoas, os artistas, preparam e proporcionam música para outro grupo, o público, o qual não participa da realização da música ou da dança.” (TURINO, Tomas, 2008, p. 26).

Além das diferenças apresentadas na definição acima, outras tantas decorrem das funções, sentidos, estética e maneira de condução do fluxo musical.

Despedi-me, e dei uma carona para o calafatinho (jovem que ainda não se tornou marujeiro, sendo um aprendiz) cujo apelido é Foguinho, levando-o até a casa dele.

Na quarta feira seguinte fui até a casa do mestre da marujada, mas eles não foram para o Sapo. Disse que a prefeitura desistiu de conceder o transporte, pois precisariam do furgão da prefeitura para outra festa. Porém disse que estava feliz pois havia ganhado colchões da prefeitura. Disse que não dava pra apertar demais a prefeitura, e que era assim, “perde de um lado mas ganha de outro”.

Através do relato de campo acima, percebemos que os marujeiros estavam

⁴³ As categorias “performance participativa” e “performance para apresentação” foram definidas a título de reflexão, sendo importante esclarecer que há intercessão entre ambas, ou seja, são constantes as características de uma vertente na outra.

de acordo com a viagem para a Serra do Cipó, e essas “apresentações” realizadas pelos marujeiros (assim como ocorre com várias guardas de congado em todo o estado de Minas Gerais) em locais e dias desvinculados de seu contexto de origem, muitas vezes acontecem pela necessidade da comunidade em angariar fundos para a manutenção de suas festividades religiosas. É importante dizer que os marujeiros distinguem as performances e práticas que são da tradição, em que os sentidos se voltam ao cumprimento de preceitos rituais para a experiência e obrigação espiritual, e as performances para apresentação que fazem parte de um senso comum. A não percepção dessa distinção no senso comum dominante é que é responsável pela distorção recorrente que motivam os marujeiros a “se apresentarem para alguém”.

Então, enquanto uma análise superficial dessas “apresentações” poderia apontar para uma perda da tradição, a consulta aos participantes revela a importância da negociação – aceitar essas apresentações em troca de recursos financeiros necessários – como estratégia de resistência do grupo.

Porém, o que questiono aqui são as condições expostas ao grupo para a realização dessas “apresentações”, condições estas que eram de responsabilidade da prefeitura no caso em questão, já que a prefeitura se propôs a disponibilizar o transporte para o grupo, além de intermediar as negociações entre a marujada e esses eventos que não pertencem ao contexto da qual a marujada se insere.

No mesmo relato de campo descrito anteriormente em que descrevo o evento na Serra do Cipó, cito um episódio em que a prefeitura iria fornecer o transporte para a marujada para uma festa de Santo Antônio no dia 13/06/2012 e que iria ocorrer em um distrito de Conceição do Mato Dentro cujo nome é São Sebastião do Bom Sucesso, também conhecido como Sapo. Mas no último momento a prefeitura, provavelmente por intermédio da Secretaria de Cultura, cancelou o transporte, pois no mesmo dia iria ocorrer na cidade um evento denominado quarta cultural, e o furgão destinado para o transporte dos marujeiros seria usado para o evento.

Como o grupo depende do transporte oferecido pela prefeitura, percebemos que a prática musical e ritual desse grupo acaba sofrendo interferência direta da prefeitura, o que acaba exigindo algumas estratégias de negociação entre a comunidade e os órgãos públicos para que a manifestação se perpetue. Essas negociações demonstram uma forma de resistência da comunidade. Um exemplo concreto dessas negociações é que apesar da prefeitura ter cancelado o transporte, os

marujeiros receberam da prefeitura alguns colchões que seriam usados por eles em viagens próximas, o que causou certa satisfação para o grupo.

Os marujeiros também necessitam do transporte para manter a festa nos distritos de Conceição do Mato Dentro, a exemplo de Itacolomi e Tabuleiro, principalmente porque alguns membros da própria marujada moram nesses distritos. Lembrando que quando os marujeiros viajam para outros lugares fora do município, os integrantes que moram nos distritos necessitam se deslocar, por conta própria, arcando com os gastos de passagem, até a casa do Zé Geraldo em Conceição do Mato Dentro, local onde o ônibus ou o furgão da prefeitura inicia seu trajeto.

Esse fato é comprovado através de entrevista realizada com o Zé Geraldo:

“Filipe: E ajuda? Recebe alguma coisa pra ajudar na festa daqui?”

Zé: Não, não, não. Principalmente se a gente vai, pela roça, distrito pequeno, não tem como. Eles ta mantendo a festa pra não deixar acabar. Nossa festa aqui são oito horas, deles lá são duas horas. Então ta fazendo a festa mesmo pra não deixar a festa do lugar acabar, porque era pra ter acabado.

Filipe: Aí vocês vão para ajudar eles?

Zé: Pra não acabar mesmo, porque lá são duas horas de festa. Nosso caso são oito. Lá são duas horas de festa no máximo e acabou. Então a pessoa tem aquele gosto de fazer. Tabuleiro, Itacolomi, na região aqui é duas horas no máximo. É só o prazer de vestir a roupa e tirar a roupa fora. Não dá nem pra suar.

Filipe: Mas aí vai ajudando os outros?

Zé: Igual tem o pessoal que mora lá, me ajuda aqui. Da marujada mesmo, os marujeiros. Tem que fazer a mesma coisa por eles também.

Filipe: Então tem marujeiro nessa região toda aí? Nos distritos todos tem?

Zé: Tem. Tem uns dez aqui no cantinho, uns cinco ali, mais dois e outro ali. Eles vem pra cá, porque eu não posso ir lá? A obrigação minha é ir lá também. Uma mão lava a outra. Dar continuidade na festa. Ta sempre junto.”⁴⁴

Ao final desse relato percebe-se uma explicação para a dinâmica das festas. Quando o Zé Geraldo diz no último parágrafo que “uma mão lava a outra”, ele se refere a contratos de reciprocidade (MAUSS, Marcel, 1974) entre os grupos. Esses contratos estão ligados principalmente à fé e devoção presente nas diversas guardas, fator motivador dessa relação de ajuda mútua, que visa a continuidade das festas como um todo.

Em entrevista realizada com o mestre da marujada, perguntei como ocorria o transporte para as festividades nos distritos ou fora do município:

⁴⁴Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

“Zé Geraldo: A gente pede a prefeitura. Mas muitas vezes tem, como se diz, a palavra não. Chega naquela hora mesmo, já aconteceu com a gente, de não poder ir na festa.

Filipe: Em cima da hora?

Zé Geraldo: Não, antes. Fala que o carro tá com problema. A gente já perdeu muita festa por essa falta mesmo.

Filipe: De não ter um transporte?

Zé: Um transporte. A festa é maior do que a nossa aqui, bem maior que a nossa festa do Rosário aqui. Não poder ir porque não tem transporte.”⁴⁵

Em relação aos projetos da Secretaria de Turismo no que diz respeito ao transporte dos marujeiros, a Secretária de Turismo do município de Conceição do Mato Dentro afirma:

“Até o presente momento, contamos com o mínimo de apoio. Para este ano, estamos iniciando no próximo mês uma licitação para locação de ônibus de viagem para podermos apresentar nossas tradições em toda a região”⁴⁶

Demonstrando a falta de autonomia do grupo em relação ao transporte, descrevo um trecho da entrevista com o Zé Geraldo em que ele demonstra como seria diferente se houvesse um transporte próprio dos marujeiros, em que eles próprios decidissem seus rumos e os horários de ida e volta das festas que participam:

“Filipe: Normalmente o pessoal vem e convida? E combina direto com você mesmo?

Zé: Vem um ofício pedindo pra gente ir.

Filipe: Eles mandam o ofício para a prefeitura?

Zé: Não, manda para mim.

Filipe: Manda pra você, aí você manda para a prefeitura? Me convidaram aqui pra ir, tem como?

Zé: Porque no caso deles fica quatro viagens. Uma pro transporte vir aqui, outro transporte pra levar, depois voltar aqui e voltar o transporte.

Filipe: Verdade, tem que levar e tem que trazer de volta, né?

Zé: Pra gente ali, eles resolvem, vir embora, mais cedo ou mais tarde, vai depender deles. Então tendo o transporte da gente, fica mais fácil. Ter o horário da gente sair, horário da gente chegar na festa, ou também vir embora mais cedo também. Igual o pessoal que vem aqui, dá mais ou menos, duas horas da tarde, vai embora, e nós ficamos aqui até terminar a festa. (...) Os grupos vem e tem o compromisso de voltar mais cedo pra casa. Costuma chegar em casa meia noite. Aí,

⁴⁵Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

⁴⁶Questionário respondido por escrito pela secretária de Turismo de Conceição do Mato Dentro Regiane Ottoni, em junho de 2013, para esta pesquisa.

como se diz, no outro dia tem que trabalhar. Por que a gente não recebe nada por isso. Então tem que ir embora mais cedo para pelo menos descansar um pouquinho.”⁴⁷

Além disso, por questões de ordem política, nem sempre a escolha das festas das quais os marujeiros irão participar será um consenso entre os membros do grupo, mas sim da prefeitura.. Em grande parte dos casos, os marujeiros são convidados a participar de alguma festa, e destinam esse convite à prefeitura, com o intuito de receber algum auxílio em relação ao transporte. Em outros casos, esses convites são feitos diretamente para a prefeitura, pois normalmente estão relacionados a interesses de pessoas externas à marujada. Isso foi comprovado em uma viagem que realizei acompanhando a marujada para a festa de Nossa Senhora do Rosário de Senhora do Socorro.

Coincidentemente, as festas de Nossa Senhora do Rosário de Senhora do Socorro e a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Itapanhoacanga, ocorreram nos mesmos dias (14 e 15 de julho de 2012), sendo Itapanhoacanga distrito de Alvorada de Minas e Senhora do Socorro distrito de Conceição do Mato Dentro.

Os marujeiros se comprometeram em ir para a festa de Itapanhoacanga, mas mudaram seu destino por influência da prefeitura, detentora do transporte. Nesse caso, não posso afirmar se o transporte estava a cargo de alguma secretaria específica.

A prefeitura também havia firmado o compromisso de levar os marujeiros para Itapanhoacanga, distrito escolhido pelos marujeiros em função dos seus próprios compromissos rituais e sociais. Porém, na última hora, a Secretaria de Turismo informou que os marujeiros seriam levados para Senhora do Socorro, um distrito mais distante da cidade de Conceição do Mato Dentro, já que Itapanhoacanga não pertence a Conceição do Mato Dentro, e, além disso, a festa de Nossa Senhora do Rosário de Senhora do Socorro não contava, até o momento, com a participação de guardas de congado.

Os fatos acima mencionados serão descritos de forma mais detalhada no relato de campo a seguir:

Em meados de julho recebi o convite da marujada de Itapanhoacanga para a festa de Nossa Senhora do Rosário que iria ocorrer nos dias 14, 15 e 16 de julho de 2012. O convite fora feito pelos festeiros Samuel Reis Júnior e Larissa Simões Silva,

⁴⁷Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

através de carta enviada para a residência dos meus avós em Conceição do Mato Dentro.

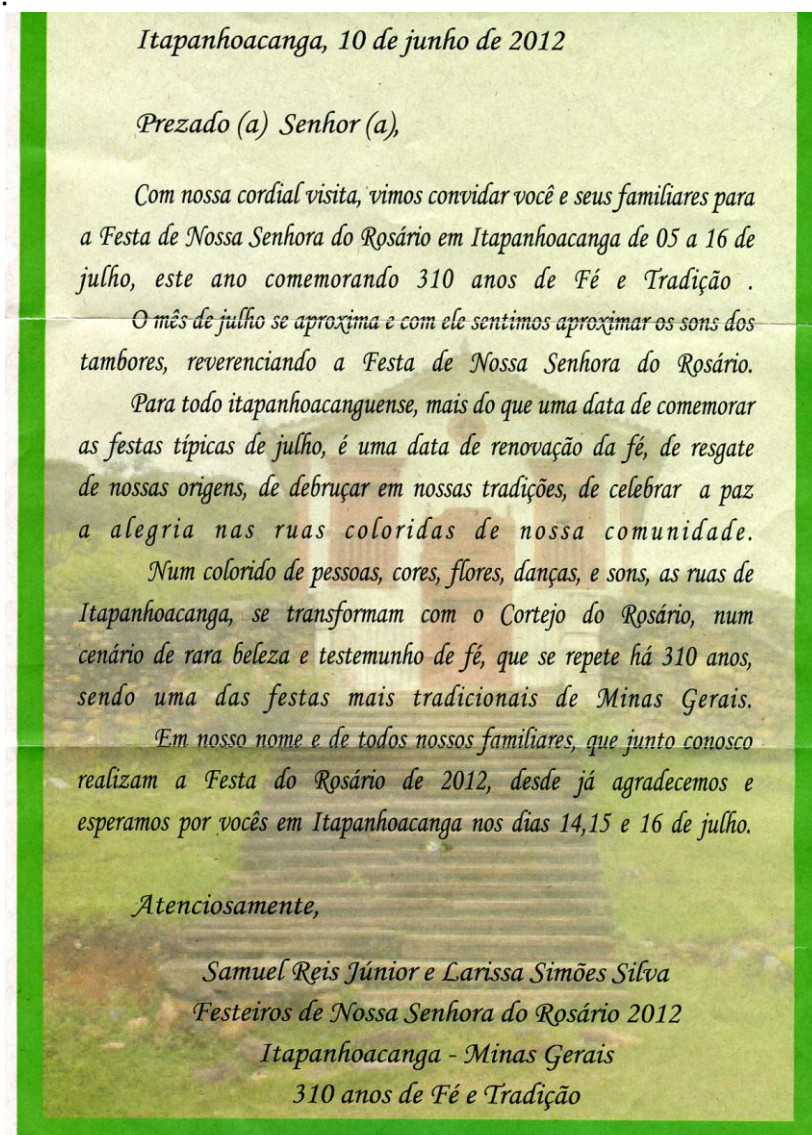


Foto 7 – Convite realizado pelos festeiros Samuel Reis Júnior e Larissa Simões Silva para a festa de Nossa Senhora do Rosário de Itapanhoacanga/MG, ocorrida nos dias 14, 15 e 16 de julho de 2012.

No dia 14 de julho pela manhã, fui para Conceição do Mato Dentro, e chegando lá fui até a casa do mestre da marujada, para saber se ele e os demais marujeiros haviam sido convidados a participar da festa do Rosário de Itapanhoacanga.

Cheguei a casa dele por volta das 3 (três) horas da tarde. Ele se encontrava do lado de fora da casa, na rua, junto com alguns marujeiros. Perguntei sobre a festa de Itapanhoacanga, e ele me informou que ele e seu grupo iriam para um distrito de Conceição do Mato Dentro, denominado Socorro. Coincidentemente, a festa do Rosário de Socorro era no mesmo dia de Itapanhoacanga mas o mestre me informou que era de sua vontade (e dos demais marujeiros) participar da festa de Itapanhoacanga. A participação da marujada na festa de Itapanhoacanga já havia sido confirmada, e a prefeitura de Conceição do Mato Dentro iria fornecer um microônibus para levar todo o grupo para a festa. Porém, poucas horas antes do

horário marcado para a realização do transporte, o mestre da marujada foi informado que ele e seu grupo não iriam mais para Itapanhoacanga, mas para um distrito concepcionense, denominado Senhora do Socorro.

A justificativa da prefeitura foi que a festa de Itapanhoacanga contava com várias guardas de congado, mas a festa do rosário de Socorro não iria ter a participação de nenhuma, devendo os marujeiros de Conceição do Mato Dentro participarem da festa de Socorro. Como o grupo dependia do transporte da prefeitura, foram obrigados a aceitar a mudança, que além de ser contra a vontade dos participantes, ia contra o que fora previamente combinado. Apesar de Itapanhoacanga ser um distrito de Alvorada de Minas, os marujeiros possuem grande afinidade com esta cidade, devido à proximidade geográfica com Conceição do Mato Dentro e a existência compromissos rituais e sociais com a festa de Itapanhoacanga que deveriam ser mantidos.

Senhora do Socorro, apesar de ser um distrito de Conceição do Mato Dentro, fica bem distante deste município, estando mais próximo à cidade de Ferros. O distrito possui uma ponte que corta a pequena cidade em duas partes. Uma parte é distrito de Ferros, e a outra parte é distrito de Conceição.

O mestre, então, me convidou para ir com os marujeiros até Socorro. Falou para eu pegar um colchão (havia vários no passeio) e buscar uma coberta. Fui até minha casa e busquei algumas roupas, coberta e materiais de higiene pessoal. Voltei para a casa do mestre por volta de 16 h.

O micro-ônibus da prefeitura já havia chegado. Colocamos as coisas no micro-ônibus, e, então, o motorista avisou que iria deixar todo o pessoal na entrada de Socorro. Então o mestre da marujada questionou o motorista, dizendo que o combinado seria deixar todos na casa onde iríamos dormir. O motorista se negou a fazer o que o mestre queria, e este último, então, ameaçou tirar as coisas do micro-ônibus e não ir para Socorro. O motorista, então cedeu. Como não cabiam todos os passageiros sentados, mesmo porque alguns marujeiros levaram alguns membros da família, o mestre da marujada, um outro membro do grupo e eu fomos em pé. A viagem durou em torno de 2 horas. O ônibus tinha condições precárias.

Na verdade, um dos marujeiros alegava não ter compromisso com aquela festa, já que o compromisso que ele havia firmado era ir para Itapanhoacanga. Isso gerou conflitos entre os membros da marujada durante todo o tempo.

O evento descrito acima é um caso concreto da interferência direta da prefeitura sobre a marujada, e como essa interferência traz impactos ao grupo, muitas vezes refletindo em conflitos internos.

2.4 Artistas da Música Popular - Direitos Autorais

As temáticas sobre Direitos Autorais estão em pauta em grande parte das discussões etnomusicológicas atuais. Isso se deve, principalmente, à diversidade de expressões culturais tradicionais no Brasil que possuem noções bastante distintas sobre alguns princípios que regem esse ramo do Direito.

Como todos sabem, a propriedade da música é um tópico complicado. Existem muitas noções de propriedade em diferentes partes do mundo e entre povos com culturas muito diferenciadas. Os índios Suiá, no Amazonas, tradicionalmente pensam que os peixes e outros animais compõem músicas, e que os músicos são somente os guardiões da música, e não os que a originam, nem seus proprietários. A noção de que uma determinada música pertence a uma família ou grupo de pessoas, consideradas como responsáveis por uma tradição musical específica, é muito comum no mundo todo. (MALM, Krister, 2008, p. 87).

Considerando a citação acima, percebemos ser possível questionar se os direitos do autor podem ser classificados como direitos da personalidade, na medida que, para algumas comunidades, algumas obras musicais são resultado da inteligência e criatividade de alguns animais e não de seres humanos.

Em se tratando de comunidades congadeiras em todo o Estado de Minas Gerais (contexto ao qual a marujada se insere), percebemos que um princípio em relação aos direitos autorais torna-se questionável. Esse princípio é o da personalidade, que determina que uma obra musical seja produto da criatividade de um único idealizador, e mesmo que uma obra seja coletiva, há como se distinguir a contribuição de cada um desses autores. Porém, no congado, percebemos que essa ideia individualista referente à criação torna-se bastante contestável.

Segundo Glaura Lucas, em texto ainda não publicado, intitulado “Música Popular Afro-mineira: conflitos étnicos e éticos de uma construção:

“não existe entre os congadeiros o sentimento de posse, ou de propriedade individual sobre as suas canções e elementos musicais. São inúmeros os valores sociais que envolvem conceitos de música e outros conceitos que circulam a música que se diferenciam dos conceitos da sociedade urbana ocidental em que se insere o artista da música popular e a indústria do entretenimento.”⁴⁸ (LUCAS, Glaura, 2006).

O problema em questão traz à tona alguns questionamentos entre a atual legislação de Direitos Autorais e as expressões culturais tradicionais, principalmente em relação ao domínio público, que pressupõe o livre o uso comercial de obras artísticas por qualquer cidadão.

⁴⁸Esse texto foi apresentado no I Encontro de Estudos da Música Popular Brasileira realizado na Universidade Federal de Minas Gerais e ainda não foi publicado.

A lei 9610/98, em seu artigo 45 determina que:

Além das obras em relação às quais decorreu o prazo de proteção aos Direitos Patrimoniais, pertencem ao Domínio Público:

1 – As de autores falecidos, que não tenham deixado sucessores;

2 – As de autor desconhecido, ressalvado a proteção legal aos conhecimentos étnicos tradicionais.⁴⁹

Antes de iniciar qualquer discussão sobre direitos autorais de expressões culturais tradicionais, a qual se inclui a marujada, percebemos que na legislação acima descrita existe uma ressalva em relação à proteção legal aos conhecimentos étnicos tradicionais. Essa ressalva demonstra o intuito do legislador em proteger as expressões culturais tradicionais do nosso país. Porém, essa proteção não possui real existência, ou seja, não foi contemplado em nosso ordenamento jurídico legislação específica sobre esse tema. Desta forma, iremos demonstrar alguns problemas relacionados a inexistência dessa proteção efetiva.

Além disso, gostaria de afirmar que em inúmeros livros relacionados aos Direitos Autorais encontrei uma correlação entre conhecimentos étnicos tradicionais e folclore, como no comentário a seguir, referente à ressalva do artigo 45, 2 da lei 9610/98, referente à proteção legal aos conhecimentos étnicos e tradicionais.

“Nesse último item incluem-se as obras de folclore, ameaçadas de verdadeiro genocídio cultural pela penetração maciça dos meios de comunicação. Além disso, elas são recolhidas, arranjadas, adaptadas, sofrendo um processo que viola sua pureza original. Sendo obras de autores desconhecidos, é óbvio que sua utilização não está fora de proteção, independente de qualquer preceito legal específico. Cabe ao estado resguardar tais obras, que constituem patrimônio cultural da nação. É o que diz, embora sem muita precisão técnica, o item 2 do artigo 45, já que se refere a conhecimentos étnicos tradicionais, sem aludir à obra de arte folclórica. (CABRAL, Plínio, 2003).

É importante dizer que tanto a citação acima quanto a que se segue, ao dar grande importância à uma pureza original do folclore, demonstra uma ideia de purismo e essencialismo, esquecendo que as tradições são dinâmicas e sofrem transformações internas.

⁴⁹Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998, artigo 45

Elisângela Dias de Menezes, em sua obra “Curso de Direito Autoral”, também versa sobre esse tema:

Por fim, quando se fala em domínio público, há que se referir ao folclore, diferenciando os dois conceitos, sob o ponto de vista jurídico. Enquanto conjunto de obras de manifestação popular e autoria desconhecida, o folclore constitui um grande acervo cultural de propriedade intelectual de toda a nação, compondo o patrimônio cultural brasileiro, cuja responsabilidade de preservação compete ao Estado.

O folclore não pode ser encarado apenas como conjunto de meras obras caídas em domínio público e, portanto, passíveis de exploração por qualquer pessoa. Ao contrário, as mesmas precisam ser preservadas, não podendo sofrer modificações em sua essência, nem devendo ser utilizadas pra fins que não tragam benefícios à cultura do país.

Trata-se de obras coletivas, que pertencem não a um ou outro autor, mas a todos os brasileiros. Nesse sentido, o direito da nação brasileira ao seu folclore é, inclusive, oponível perante outros países e seus nacionais, de modo a não permitir a apropriação externa de tais elementos, por interesses estrangeiros, como princípio de garantia da sua preservação interna, para a formação das gerações futuras. (MENESES, Elisângela Dias, 2007, p. 92/93).

Primeiramente pretendo demonstrar alguns problemas relacionados à utilização do termo folclore para tradições (dedico um capítulo às tradições nessa dissertação) e conhecimentos populares, devido ao uso constante desse termo em vários contextos com caráter pejorativo. O termo folclore é muitas vezes utilizado para designar algo mentiroso ou fantasioso, constituindo algo proveniente do imaginário humano. Em se tratando de expressões culturais tradicionais, as tradições possuem significados para seus membros, mesmo que isso possa ser considerado algo fictício para membros de outras culturas. Deste modo, alguns estudiosos utilizam o termo folclorização justamente pra designar manifestações desvinculadas de seus significados, ou seja uma espetacularização de uma manifestação cultural tradicional.

A autora Suzel Ana Reily esclarece o termo folclorização com bastante clareza:

Não há a menor dúvida de que o interesse pelo estudo das manifestações populares está crescendo, pois as teses e publicações referentes ao tema vêm aumentando substancialmente, no país, nos

últimos anos. Mas, num primeiro momento, pode-se dizer que, no nível acadêmico, os pesquisadores brasileiros interessados no estudo das manifestações expressivas da cultura popular se dividem em dois grupos principais: os assim chamados “folcloristas” e os cientistas sociais. O primeiro grupo, predominantemente ligado à área das artes, vem demonstrando maiores preocupações com a coleta e a documentação descritiva das manifestações consideradas folclóricas, sendo que esse material poderia ser, então “aproveitado” como matéria-prima para ser reelaborado por artistas eruditos. No entanto, no seu uso vernáculo, o termo “folclore” tende a se referir àquelas manifestações que não se baseiam em verdades “cientificamente comprovadas”. Assim, usa-se o termo para indicar as “curiosidades” que, por falta de maiores informações, são perpetuadas pelo “povo ignorante”. Ao mesmo tempo, percebe-se um movimento que visa a “valorização” do folclore nacional, de modo a torná-lo motivo de interesse turístico e objeto de coleção, por seu elemento exótico e “engraçadinho”.

Devido a essa conotação pejorativa que, com o tempo, o termo passou a adquirir, muitos pesquisadores fizeram questão de evitá-lo. Entre estes estão os cientistas sociais, destacando-se principalmente os antropólogos, que se dedicam à análise das manifestações populares, numa tentativa de compreender sua relação com a cultura. (REILY, Suzel Ana, 1990, p. 1).

Analizado a citação da autora Elisângela Dias de Menezes, gostaria de destacar algumas afirmações a respeito do folclore das quais discordo. Primeiramente ela declara que o folclore é um conjunto de obras de manifestação popular e autoria desconhecida. Posteriormente, afirma que “o folclore constitui um acervo de propriedade intelectual de toda a nação, (...) não podendo sofrer modificações em sua essência, nem devendo ser utilizadas pra fins que não tragam benefícios à cultura do país. Trata-se de obras coletivas, que pertencem não a um ou outro autor, mas a todos os brasileiros”.

Antes de tecer os comentários, é importante definir o termo folclore. Com esse intuito citarei a definição presente na carta de folclore brasileiro, redigida pela comissão nacional de folclore:

1 – Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora

entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos.

2 – Os estudos do folclore, como integrantes das Ciências Humanas e Sociais, devem ser realizados de acordo com metodologias próprias dessas ciências.

3 – Sendo parte integrante da cultura nacional, as manifestações do folclore são equiparadas às demais formas de expressão cultural, bem como seus estudos aos demais ramos das Humanidades. Consequentemente, deve ter o mesmo acesso, de pleno direito, aos incentivos públicos e privados concedidos à cultura em geral e às atividades científicas.⁵⁰

A definição da Carta do Folclore Brasileiro acima descrita demonstra que a afirmação da autora Elisângela Dias de Menezes sobre folclore como “conjunto de obras de manifestação popular e autoria desconhecida” parece incorreto. A carta determina a equivalência entre folclore e cultura popular, e desta forma percebe-se que a autora em questão entende como folclore aquilo que a autora Suzel Ana Reily demonstrou ser a definição pejorativa do termo, já que nem todo folclore é algo fantasioso, e portanto existe folclore com autores conhecidos.

Se a própria autora cita a definição de folclore como sendo “o conjunto das tradições, conhecimentos ou crenças populares expressas em provérbios, contos ou canções”, entende-se que elas devam pertencer ao povo ou comunidade ao qual ela é proveniente. Nem todas as tradições de uma comunidade indígena específica, por exemplo, necessariamente pertencem a todo o povo brasileiro. Os conhecimentos de povos específicos não tem como prioridade trazer benefícios para a cultura do país, e sim para a cultura de seu próprio povo, caso eles queiram, obviamente. Além disso, o

⁵⁰ Carta do Folclore Brasileiro. VIII Congresso Brasileiro de Folclore. Salvador, Bahia, 16 de dezembro de 1995. “O VIII Congresso Brasileiro de Folclore, reunido em Salvador, Bahia, de 12 a 16 de dezembro de 1995, procedeu à releitura da Carta de Folclore Brasileiro, aprovada no I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, de 22 a 31 de agosto de 1951.

Esta releitura, ditada pelas transformações da sociedade brasileira e pelo progresso das Ciências Humanas e Sociais, teve a participação ampla de estudiosos de folclore, dos diversos pontos do país, e também teve presente as Recomendações da Unesco sobre a Salvaguarda do Folclore, por ocasião da 25ª Reunião da Conferência Geral, realizada em Paris em 1989 e publicada no Boletim nº 13 da Comissão Nacional de Folclore, janeiro/abril de 1993.

A importância do folclore como parte integrante do legado cultural e da cultura viva, é um meio de aproximação entre os povos e grupos sociais e de afirmação de sua identidade cultural.”

folclore, como sinônimo de cultura popular, pode realizar modificações em sua essência, já que as tradições não são imutáveis e estáticas, sendo essas mudanças são definidas pelos membros daquela cultura, e não por todo o povo brasileiro.

Esse pensamento de que o folclore pertence a todos os brasileiros é proveniente da ideia de que ele faz parte do domínio público, primeiramente porque os Direitos Autorais não dão a devida proteção aos conhecimentos étnicos tradicionais, como foi dito anteriormente, e finalmente, porque as obras tradicionais são, em grande parte dos casos, classificadas como de autores desconhecidos, como veremos adiante.

Algumas comunidades congadeiras do Estado de Minas Gerais, semelhante aos marujeiros de Conceição do Mato Dentro, transmitem suas músicas através de um processo de oralidade e, desta forma, estes cantos se perpetuam durante várias gerações. Esse processo de oralidade é flexível. Cada membro da comunidade é livre para contribuir de alguma forma para aqueles cantos, demonstrando que não há obra fixa nesse contexto. Desta forma, todo o processo musical sofre a interferência de um coletivo dinâmico, que está sempre em mutação. Analisando esse processo musical, percebemos que há uma contradição entre o fazer musical dessas comunidades e a legislação de Direitos Autorais principalmente no que se refere à noção de pertencimento. Enquanto o Direito Autoral tem caráter personalíssimo, os congadeiros geralmente não resguardam tanta importância à um autor individual, mesmo porque os cantos não possuem rigidez em sua forma, se recriando e modificando ao longo dos anos.

Ao conduzirem a execução de um canto, os congadeiros imprimem sua personalidade à expressão através da maneira particular de interpretação da tradição. Cada execução está filtrada pela experiência pessoal e pelo modo de ser congadeiro de sua época. Alguns acrescentam contribuições ao repertório, num processo que continuamente coloca em reavaliação os limites de aceitação do grupo: “A festa começa no tempo dos velhos, e vai chegando no tempo dos mais novos.”

Nesse movimento, alguns cantos caem no esquecimento, enquanto outros vão sendo incorporados. Dentre esses últimos, estão as criações e transcrições, os cantos aprendidos em festas de outras comunidades congadeiras, e também aqueles provenientes de outras manifestações religiosas, principalmente da Igreja católica e da umbanda, os quais, por vezes, sofrem alterações em

suas letras e são adaptados aos ritmos e à dinâmica própria do desenvolvimento musical do Congado. (LUCAS, Glauro, 2002, p. 76).

Além do que foi dito anteriormente, muitas guardas de congado possuem como autores de suas músicas toda uma comunidade, já que todos os membros têm a mesma importância para a realização da manifestação, tanto os que cantam ou os que tocam os tambores, ou mesmo aqueles que realizam os preparativos para que a manifestação aconteça. Mas infelizmente, essas comunidades podem ter suas músicas classificadas como domínio público. Como bem disse Carlos Sandroni:

“(...) Algumas músicas aqui apresentadas ⁵¹ foram consideradas por seus intérpretes, como “muito antigas”, de autor desconhecido, ou de origem espiritual (como os toantes Pankararu). Isso as classifica, segundo a atual legislação de direitos autorais, no campo do chamado domínio público. Infelizmente, esta legislação ainda não prevê mecanismos de proteção para repertórios tradicionais de comunidades. Portanto, ainda não se pode penalizar legalmente seu uso indevido, ou a obtenção, por terceiros, de ganhos monetários com músicas destes repertórios. Tais ganhos e usos são, no entanto, injustificáveis do ponto de vista moral. Por isso, lembramos aos que gostariam de interpretar ou utilizar profissionalmente as músicas deste CDs: não se pode gostar de fato delas, sem gostar das pessoas e comunidades que as trouxeram até nós (...). (SANDRONI, Carlos, 2007, p. 69/70).

O fato de muitas músicas provenientes de expressões culturais tradicionais se tornarem de domínio público ocorre devido ao fato de grande parte das comunidades em questão não terem um número definido de indivíduos que possam ser identificados com exatidão. Isso ocorre porque, como foi dito anteriormente, toda a comunidade participa das manifestações igualmente, não havendo para eles a noção de autoria musical desvinculada da manifestação como um todo, já que ela envolve uma mistura de música, dança, religiosidade, e uma série de outros elementos. Além disso, como não há uma rigidez musical, havendo constante mudanças nas músicas que se transferem através de um processo de oralidade, destinar a criação de uma obra musical à um único autor se torna ainda mais difícil. Isso impossibilita a definição de

⁵¹O texto de Carlos Sandroni é uma advertência feita no texto de publicação referente à gravação de um CD que foi fruto de um ano de pesquisas e contatos com músicos e lideranças Pankararu.

uma titularidade para o Direito Autoral, e, sendo assim, desconhecido o autor, a obra passa a pertencer ao domínio público, como foi demonstrado na lei 9610/08, em que pertencem ao domínio público as obras de autor desconhecido.

É interessante dizer que a lei de Direitos Autorais prevê em seu texto as obras de autoria coletiva, cuja definição se encontra no artigo 5º , VIII, “h”, da lei 9610/98:

Art. 5º Para os efeitos desta Lei, considera-se:

VIII - obra:

h) coletiva - a criada por iniciativa, organização e responsabilidade de uma pessoa física ou jurídica, que a publica sob seu nome ou marca e que é constituída pela participação de diferentes autores, cujas contribuições se fundem numa criação autônoma;⁵²

É possível perceber que a lei considera obra coletiva uma obra que contém a participação de diferentes autores. Porém esses autores precisam ter um número definido e precisam ser identificáveis. Confirmando tal afirmativa, o artigo 88 da lei 9610/98 afirma que:

Art. 88. Ao publicar a obra coletiva, o organizador mencionará em cada exemplar:

II - a relação de todos os participantes, em ordem alfabética, se outra não houver sido convencionada;⁵³

Sendo assim, a autoria de obra coletiva prevista pela lei 9610/98 não contempla grande parte das músicas provenientes das expressões culturais tradicionais brasileiras, pois não poderei classificar como titular de direito autoral coletivo toda uma comunidade sem que sejam definidos seus membros, demonstrando o caráter personalíssimo do Direito Autoral mesmo se tratando de obras coletivas.

Se, de acordo com o direito autoral brasileiro, as obras autorais têm caráter personalíssimo, como garantir esse Direito a uma comunidade em que não há como identificar um número definido de autores para suas obras musicais? Devemos, primeiramente, estudar as comunidades em que não há um pensamento de música

⁵²Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998, artigos 5º.

⁵³Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998, artigo 88.

desvinculado ao movimento cultural, e não há um pensamento de registro, comercialização, e nem uma noção de Direitos Patrimoniais.

As dificuldades em se garantir uma proteção para discos de manifestações religiosas realizadas por comunidades congadeiras é bem retratada na citação que se segue:

A produção de discos contendo o patrimônio musical de manifestações religiosas da cultura popular enfrenta um grande problema relativo à proteção dos direitos autorais. As músicas registradas neste CD-livro são interpretações feitas pelos membros da Comunidade dos Arturos de um repertório de cantos e ritmos, compartilhado em grande parte por muitas comunidades congadeiras de Minas Gerais. Esse repertório é, portanto, percebido como um patrimônio pertencente ao universo do Congado em geral, a ser utilizado pelos fiéis, com responsabilidade e propriedade, para louvor a Nossa Senhora do Rosário e para cumprimento de obrigações rituais. Assim, mesmo que um congadeiro se declare autor de um canto, não existe uma reivindicação de propriedade individual desse canto. Trata-se de um patrimônio coletivo que se encontra em constante processo de recriação, não devendo, portanto, ser considerado meramente como domínio público, conforme previsto na atual legislação de direitos autorais. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem e a Jardim Produções, parceiras do presente projeto, se colocam à disposição para intermediar contatos com a comunidade, para que ela possa usufruir de qualquer uso comercial que se faça das interpretações deste CD duplo. (LUCAS, Glauro; BONIFÁCIO da luz, José, 2006).

Corroborando a afirmação acima, percebemos que os conceitos de música se diferenciam entre as diversas manifestações culturais presentes no Brasil. Outro aspecto que demonstra as disparidades entre a legislação vigente e o congado é referente ao fato da lei de Direitos Autorais ter como maior importância a melodia musical, considerando plágio melodias iguais com letras diferentes.

Assim, se melodias diferentes veiculam um mesmo texto, são consideradas pelos congadeiros como um mesmo canto. Um exemplo são as versões dos Arturos e do Jatobá para um canto da Missa Conga, “Vamo ouvir uma palavra santa (bonita)...” Por outro lado, uma mesma melodia pode comportar vários versos, sendo, pois, considerada um novo canto a cada texto diferente que carregue. Por exemplo, o canto escolhido pelo Capitão José Apolinário do Jatobá, durante entrevista, para ilustrar a Marcha grave do Congo – “Eu venho me confessar” – embora apresente um texto diferente, tem o mesmo contorno melódico do canto com

o qual exemplificou a Marcha lenta “eu tava dormindo.” Em suma, de acordo com os critérios culturais de equivalência e distintividade dos congadeiros,

- textos diferentes em uma mesma melodia = cantos diferentes;

- textos iguais em melodias diferentes = mesmo canto.
(LUCAS, Glaura, 2002, p. 78/79)

Existem ainda, em nosso território nacional, comunidades que não consideram a melodia como o principal elemento musical, como em algumas músicas indígenas que dão maior importância ao aspecto timbrístico de um determinado instrumento, como a flauta, considerando a melodia como algo de menor importância. Para os índios, nesse caso, o aspecto melódico demonstra uma total impossibilidade em retratar as informações que seriam realmente relevantes para os criadores dessas músicas.



Foto 8 - Verso do CD intitulado “Festa de Nossa Senhora do Rosário – Conceição do Mato Dentro – MG, produzido por Caxi Rajão.

O Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro afirma que a marujada tem sofrido alguns problemas relacionados aos Direitos Autorais, como veremos na entrevista descrita a seguir:

Filipe: Eu lembro que a gente tinha conversado também, você tinha falado do pessoal que as vezes vem aí e pega as músicas, e leva pra fora?

Zé: A gente tem o registro mas não tem assim, copia. Cópia e talvez muda as letras. Muda as letras e acaba eles sendo beneficiados e a gente não. Como a gente tem uns dois amigos, falo dois amigos porque tão bem, entendeu? Mas pegam as letras da gente e monta em cima. Já tem tudo ali dentro, a cabeça tá pronta. Opa! Essa serve pra mim! Dá pra mim montar qualquer coisa aqui.

Filipe: Dois amigos da marujada não, dois amigos...

Zé: Fora. Não pode falar contra não porque fica chato. Porque amanhã posso precisar dele. Então é um amigo.

No nosso grupo a gente tem, no Serro, Itapanhoacanga, cada um usa a sua letra. Nenhum pode apanhar as letras do outro. Quando vem o pessoal de Belo Horizonte também nenhum apanha as músicas do outro. Cada um se mantém com a sua música. Sua letra ali. E é gostoso. Cada um com a sua. E a mesma coisa, porém as letras são diferentes. Mas tem gente que já vem pra tentar crescer acima da gente. Aquilo ali costuma crescer com as letras da gente.

Filipe: Aí muda a letra, aí pode?

Zé: Os Direitos Autorais são deles? É triste falar isso mas conseguiu, né? Pensar todo mundo pensa, não tem como correr atrás, fica por isso mesmo. Devia correr, mas não podemos. Ele ganha com isso.

Filipe: Ele grava e ganha dinheiro?

Zé: Com o nosso trabalho. Inclusive nós soltamos duas músicas ano passado, aí saí com ela uma vez na rua, veio um senhor de fora com uma turminha, aí rapidinho, já pegou ela e já gravou. Espero que eles façam muito sucesso.

Filipe: Gravou a letra mesmo? Nem mudar não mudou não?

Zé:

“Fui na rua de baixo

a polícia me prende

a rainha me solta”

E assim ele pegou e foi embora. Levou e já gravou. Como a gente não tem assim, pessoas pra brigar pra gente, fazer o que, né? Vai embora. A gente tenta preservar o máximo de músicas possível pra não soltar nada mais. Apresentações pequenas que as pessoas tão, a gente solta duas ou três e pronto. Pra não ter mais apanhado da gente, acaba apanhando boas músicas que a gente tem, e leva embora.

⁵⁴

⁵⁴Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

A partir do relato acima, percebemos que o mestre da marujada, ao se referir às músicas do grupo, enfatiza as letras e não a melodia. Ele também demonstra uma estratégia de resistência da marujada. Essa estratégia ocorre quando membros do grupo identificam a presença de músicos ou outras pessoas que objetivam gravar seus cantos durante os cortejos. Ao percebê-los, os marujeiros “soltam” somente algumas músicas, com o intuito de evitar que parte de seu patrimônio cultural seja apropriado por terceiros. Isso significa que os integrantes do grupo repetem exaustivamente alguns poucos cantos e resguardam outros que possuem maior significado para seus participantes.

Assim como afirmou o mestre da marujada no trecho da entrevista acima descrita, em que alguns músicos se apropriam dos cantos pertencentes à expressões culturais tradicionais, um caso semelhante ocorreu no sertão da Bahia nos anos 80. O músico e pesquisador Bernard Von der Weid conheceu alguns agricultores dessa região do nordeste brasileiro denominada Quixabeira, e desse contato foi gravado um disco que se chamou “Da Quixabeira Pro Berço Do Rio”. Carlinhos Brown gravou uma das músicas desse disco e posteriormente a banda Cheiro de Amor, Gal Costa e Marisa Monte também gravaram-na. Como essa música é fruto de uma criação coletiva, em que não há a figura do autor individual, ela foi classificada como domínio público. A gravação desta música gerou muito dinheiro para as gravadoras e para as pessoas que gravaram essas músicas, mas a comunidade criadora das canções não recebeu qualquer retorno financeiro. Tal fato foi relatado por Carlos Sandroni, em seu texto “Propriedade Intelectual e Música da Tradição Oral.”⁵⁵

Um grande problema em torno dessa discussão é que, mesmo que houvesse a possibilidade de existir um direito autoral coletivo que contemplasse toda uma comunidade, seria muito difícil definir o titular ou representante dos titulares desse direito para a autorização, veto, ou limites para a utilização de suas obras. Se a comunidade possui um ideal de coletividade, como determinar que apenas um indivíduo receba as contraprestações financeiras das obras musicais, escolha a destino deste dinheiro, assine ou não a concessão para a utilização destas obras por outras

⁵⁵SANDRONI, Carlos. Propriedade intelectual e música de tradição oral. *Cultura e pensamento*. N.3, 2007, p. 65-80

comunidades? Além disso seria muito difícil definir essas comunidades tanto geograficamente e socialmente.

Fugindo um pouco das questões sobre Direito Autoral coletivo, mas buscando fomentar ainda mais a discussão em torno do tema desse capítulo, algumas comunidades congadeiras possuem grupos para apresentações quando são convidados a eventos que não possuem sentido para suas tradições. Um exemplo disso é o congado dos Arturos em Contagem, que criaram um grupo para “apresentação” cujo nome é Filhos de Zambi. As apresentações desses grupos podem ter o intuito de divulgar a história das tradições, ou até mesmo arrecadar recursos financeiros para possibilitar que suas tradições aconteçam. Lembrando que a marujada, apesar de não ter criado um grupo específico com esse intuito, também se apresenta em situações semelhantes aos filhos de Zambi, conforme citei no capítulo referente à secretaria de Turismo, em que descrevo a apresentação do grupo no Festival Gastronômico da Serra do Cipó

Deste modo, haveria, assim, um impasse. As músicas do congado, quando utilizadas por outras comunidades dentro de suas manifestações culturais, poderiam ser livremente compartilhadas. Porém, em casos de performances para apresentação, em que os grupos se apresentam de forma descontextualizada, fora do tempo e lugar de suas manifestações, com o intuito de receber verbas para manter suas tradições, nestas sim deveriam recair os Direitos Autorais e patrimoniais sobre outras comunidades.

Porém, isso se tornaria um impedimento para que algumas músicas pudessem ser tocadas por outras pessoas, e no caso do congado, isso poderia ser “um tiro no próprio pé”, pois várias comunidades compartilham as mesmas músicas e, se esses grupos fossem impedidos de tocar músicas de outros grupos quando realizam performance para apresentação, esse impedimento poderia levar à “morte” de várias manifestações, já que estas são realizadas muitas vezes pra angariar fundos para que suas festividades tradicionais com real significado se realizem.

Além dos problemas relacionados aos Direitos Autorais no que se refere às músicas da marujada e de outras expressões culturais tradicionais existentes no Brasil, o mestre da marujada também comenta sobre alguns questionamentos em relação aos Direitos de Imagem dos marujeiros, conforme a entrevista que se segue:

Filipe: Eu lembro que você mostrou umas fotos legais também, umas fotos bonitas que um estrangeiro que veio, não teve uma história dessa?

Zé: Teve. (Foi no quarto procurar as fotos). Você me pegou no estalo hoje, viu?

Filipe: Eu que te peguei de surpresa mesmo, sô. Se não achar também, não tem problema. Eu lembro que você tinha me mostrado isso, que tinha um...

Zé: Tem, tem, tem. Tem umas 12 fotos.

Filipe: Isso tudo?

Zé: É.

Filipe: Isso tem muitos anos?

Zé: Essa aí é 82 ou 87?

Filipe: Já tem um tempo, uai. Mas ele te passou as fotos e...

Zé: A gente tava fazendo um trabalho perto de Congonhas. Então ele vendeu uma foto para o Banco do Brasil. Foi bem vendida essa foto. Trouxe uma porcentagem pra gente que valia a pena. Recebeu por receber. Mas ela tá exposta em Belo Horizonte ainda, no Banco do Brasil. Não recorde a rua que tá, mas tá exposta ainda, num painel ainda, dentro do banco.

Filipe: Aí ele deu umas pra vocês.

Zé: Deu umas pra nós, pra deixar como lembrança, e na época deu pra gente quinhentos reais, e foi vendida por seis mil, uma foto da gente. Ele deixou com a gente aí umas doze fotos, pregada até mesmo num papelão.⁵⁶

A lei 9610/98 dispõe sobre as obras fotográficas:

Art. 7º São obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro, tais como:

VII - as obras fotográficas e as produzidas por qualquer processo análogo ao da fotografia;

Também dispõe o artigo 79 da mesma lei:

Art. 79. O autor de obra fotográfica tem direito a reproduzi-la e colocá-la à venda, observadas as restrições à exposição, reprodução e venda de retratos, e sem prejuízo dos direitos de autor sobre a obra fotografada, se de artes plásticas protegidas.

⁵⁶Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

§ 1º A fotografia, quando utilizada por terceiros, indicará de forma legível o nome do seu autor.

§ 2º É vedada a reprodução de obra fotográfica que não esteja em absoluta consonância com o original, salvo prévia autorização do autor.

Apesar de ambos os artigos versarem sobre os direitos do autor sobre sua obra fotográfica, não podemos esquecer que, quando o objeto da fotografia são seres humanos, é necessário uma autorização para que essa foto possa ser utilizada.

De acordo com o artigo 20 do Código Civil Brasileiro:

Art. 20. Salvo se autorizadas, ou se necessárias à administração da justiça ou à manutenção da ordem pública, a divulgação de escritos, a transmissão da palavra, ou a publicação, a exposição ou a utilização da imagem de uma pessoa poderão ser proibidas, a seu requerimento e sem prejuízo da indenização que couber, se lhe atingirem a honra, a boa fama ou a respeitabilidade, ou se destinarem a fins comerciais.⁵⁷

No caso descrito pelo mestre da marujada, uma fotografia dos marujeiros foi vendida e se encontra em uma agência do Banco do Brasil. Deste modo, trata-se de foto de pessoas, utilizada para fins comerciais. Apesar do autor da foto ter dado uma contrapartida financeira aos marujeiros pela venda da foto, isso não exclui a necessidade da autorização dos cidadãos que nela aparecem.

Analisando os casos concretos vivenciados pela marujada, referente aos Direitos Autorais das músicas e à reprodução da imagem de seus membros, apresento um texto que retrata um assunto que está constantemente em pauta nas discussões etnomusicológicas.

“Vivemos em um momento em que o crescente interesse pelas manifestações do Reinado tem provocado um aumento considerável de visitas às comunidades congadeiras por parte de um público externo, com objetivos os mais variados. Grande parte desses interesses envolve a apropriação do patrimônio cultural e musical das comunidades, ou a sua inclusão dentro de propostas calcadas em categorias conceituais, pertencentes a um universo externo de valores – que inclui relações mercadológicas - bastante estrangeiro ao universo de significados do Reinado. Essas situações têm levado os congadeiros a buscarem familiarização com as leis do sistema, obrigando-os a situar sua tradição na escala

⁵⁷Código Civil Brasileiro, artigo 20.

de valor de mercado. Mesmo a busca por orientação especializada para o estabelecimento de acordos justos não tem sido tarefa fácil, na medida em que as regras são ditadas pelos meios dominantes, geralmente desfavoráveis às comunidades, como é o caso da lei de direitos autorais, abordada nesse Encontro pelo Dr. Vitor de Faria.” (LUCAS, Glaura, 2008, p. 81).

Através do texto da autora Glaura Lucas, percebemos que as manifestações do Reinado vem sofrendo interferência de pessoas externas a essas expressões culturais e, analisando a legislação de Direitos Autorais, percebemos que não há uma lei específica que resolva todos os problemas referentes às peculiaridades que envolvem as obras musicais do Reinado. Esse problema do Direito Autoral também ocorre nas manifestações indígenas, mas nesse caso, existe uma portaria da FUNAI que cuida dos Direitos Autorais dos povos indígenas. Segundo Tercio Sampaio Ferraz Jr:

“uma portaria serve ao Ministro para disciplinar o comportamento orgânico no seu âmbito ministerial. Mas não serve para baixar o regulamento de uma lei”. (FERRAZ JR, Tercio Sampaio, 1988, p. 213).

Apesar de não ter força de lei, a portaria em questão demonstra a existência do Direito Autoral indígena, e, analogicamente, podemos utilizar as ideias contidas nessa portaria como uma vertente de pensamento de extrema validade para as manifestações do Reinado. Vejamos o texto contido na portaria 177 editada pela FUNAI de 16 de fevereiro de 2006:

Art. 2– Direitos autorais dos povos indígenas são os direitos morais e patrimoniais sobre as manifestações, reproduções e criações estéticas, artísticas, literárias e científicas; e sobre as interpretações, grafismos e fonogramas de caráter coletivo ou individual, material e imaterial indígenas.

§ 1º. O autor da obra, no caso de direito individual indígena, ou a coletividade, no caso de direito coletivo, detêm a titularidade do direito autoral e decidem sobre a utilização de sua obra, de protegê-la contra abusos de terceiros, e de ser sempre reconhecido como criador.

§ 2º. Os direitos patrimoniais sobre as criações artísticas referem-se ao uso econômico das mesmas, podendo ser cedidos ou autorizados gratuitamente, ou mediante remuneração, ou outras condicionantes, de acordo com a Lei N. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

§ 3º. Os direitos morais sobre as criações artísticas são inalienáveis, irrenunciáveis e subsistem independentemente dos direitos patrimoniais.

Art. 3 – As criações indígenas poderão ser utilizadas, mediante anuência dos titulares do direito autoral, para difusão cultural e outras atividades, inclusive as de fins comerciais verificados:

i- o respeito à vontade dos titulares do direito quanto à autorização, veto, ou limites para a utilização de suas obras;

ii- as justas contrapartidas pelo uso de obra indígena, especialmente aquelas desenvolvidas com finalidades comerciais;

iii- a celebração de contrato civil entre o titular ou representante dos titulares do direito autoral coletivo e os demais interessados.

§ Único – No caso da produção criativa individual, o contrato deverá ser celebrado com o titular da obra nos termos da Lei N. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Art. 4 – A Fundação Nacional do Índio participará das negociações de contratos e autorizações de uso e cessão de direito autoral indígena, no âmbito de sua competência e atendendo aos interesses indígenas, sempre que solicitada.

§ 1o. O registro do patrimônio material e imaterial indígena no órgão nacional competente é recomendável, previamente à autorização e cessão do uso de criações indígenas por outros interessados, mas não impede o gozo dos direitos de autor a qualquer tempo.

§ 2o. Cópia ou exemplar do material coletado nas atividades acompanhadas pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, desde que consentidos pelos titulares do direito, ficarão à disposição da Coordenação Geral de Documentação da Fundação Nacional do Índio - FUNAI para fins de registro e acompanhamento.⁵⁸

A portaria em questão versa sobre um assunto que envolve alguns problemas que não são apenas dos povos indígenas, mas também de outros povos que conservam suas manifestações culturais, a exemplo da marujada.

Logo, a necessidade de uma legislação específica que verse sobre as manifestações étnicas em geral, se tornou bastante eminente.

⁵⁸Portaria 177 editada pela FUNAI em 16 de fevereiro de 2006

Apesar de não ter força de lei, a edição da portaria acima citada, que trata dos Direitos Autorais Indígenas, regulamenta algumas formas de Direito Autoral Coletivo, demonstrando a urgência de que esse assunto passe também a ter um respaldo legal.

Como uma legislação sobre Direito Autoral que atenda à diversidade cultural das manifestações étno-brasileiras ainda não foi editada, creio que através do uso da analogia, deveria ser utilizada a portaria feita para as comunidades indígenas como embasamento para legitimar uma portaria sobre Direitos Autorais da marujada, ou como um ponto de partida para a criação de uma lei específica sobre conhecimentos étnicos tradicionais que verse principalmente sobre as questões de Direito Autoral Coletivo (em que os autores não são identificáveis). Com o intuito de atingir esse objetivo, a portaria sobre Direito Autoral Indígena traz alguns pontos que são de extrema importância.

O art. 2º § 1º demonstra que as obras podem ter caráter individual ou coletivo.

O art. 3º iii, demonstra que no caso de obras oriundas de criações coletivas, deve haver um representante dos titulares, e este deve celebrar um contrato civil para que as obras sejam utilizadas para fins comerciais ou para difusão cultural e outras atividades.

Além da portaria se manifestar sobre o Direito Autoral coletivo, ela também estabelece regras sobre o registro de obras individuais e coletivas. Deste modo o art. 4º, § 1º recomenda o registro das obras musicais sem que esse registro impeça o gozo dos direitos do autor.

Finalmente, a portaria também reafirma em seu art. 3º parágrafo único, a importância da autoria das obras que não são coletivas, e ainda propõe a celebração de um contrato que deva ser efetuado de acordo com a lei 9610 de 1998, ou seja, para as obras que possuem apenas um autor, a lei que deverá vigorar é a lei de Direitos Autorais.

Em alguns casos, os problemas demonstrados ao longo desse capítulo extrapolam a esfera dos Direitos Autorais. A exemplo da marujada e de outras manifestações culturais tradicionais brasileiras que envolvem valores sociais e religiosos, a reprodução indevida de certas músicas de algumas comunidades que têm

um caráter sagrado em suas manifestações deveria gerar, além de Direitos Autorais, a possibilidade de ressarcimento por danos morais

O autor Yussef Said Cahali, ao citar Dalmartello, afirma:

Parece mais razoável, assim, caracterizar o dano moral pelos seus próprios elementos; portanto, como a privação ou diminuição daqueles bens que têm um valor precípuo na vida do homem e que são a paz, a tranquilidade de espírito, a liberdade individual, a integridade individual, a integridade física, a honra e os demais sagrados afetos. (CAHALI, Yussef, Said, 2005, p. 20).

Sendo assim, podemos perceber que, em tradições como a marujada, que são repletas de significados, a reprodução indevida de suas músicas e imagens podem causar um sofrimento que extrapola o caráter material e financeiro, já que se trata de lesão aos sentimentos, crenças e culto aos antepassados.

3 Tradição

A pesquisa em questão tem como foco principal o entendimento sobre como ações empreendidas por grupos e instituições externas ao universo da marujada de Conceição do Mato Dentro causam impacto sobre suas práticas rituais; se e como essas ações provocam mudanças nos rumos da marujada, e os mecanismos de resistência e sobrevivência a que os marujeiros lançam mão para a continuidade de seus rituais, mantendo-se seus sentidos e significância. Nessa trajetória, o conceito de tradição se mostrou importante para compreender esses processos, na medida em que é utilizado pelos vários atores, na explicação e justificativa de suas ações.

Um exame mais detalhado das formas contemporâneas, no entanto, revela a sobrevivência e até mesmo o desenvolvimento progressivo dos princípios, valores e estruturas distintivos da tradição cultural. Em última análise, o conceito de tradição pode ser indispensável como um foco de intercâmbio entre antropólogos, etnomusicólogos, historiadores e de sociedades do terceiro mundo.⁵⁹ (COPLAN, David B, 1993, p. 47).

No passado, nos estudos sobre expressões culturais tradicionais, mudanças, em sua maioria, não eram bem vistas, pois inúmeros pesquisadores acreditavam que para se preservar uma determinada cultura esta deveria ser mantida em seu estado mais primitivo.

“Na primeira metade do século XX, o conceito de mudança teve no máximo um papel negativo na Etnomusicologia. De modo geral, imaginava-se que o estado normal da música não ocidental era estático, sendo que mudança era equacionada a deterioração, e o objetivo fundamental do pesquisador era preservar.

Não só na música, mas analisando algumas expressões culturais tradicionais em seus mais variados aspectos, grande parte dos pesquisadores do século XX, aos quais se incluem os etnomusicólogos, tendiam a desconsiderar o dinamismo, ou seja, não levavam em consideração que as culturas não param no tempo.

⁵⁹ A closer examination of contemporary forms, however, reveals the survival and even the progressive development of the distinctive principles, values, and structures of cultural tradition. Ultimately, the concept of tradition may be indispensable as a focus for Exchange among anthropologists, ethnomusicologists, and historians of Third World societies.

De fato, poderia descrever a atitude da profissão de etnomusicólogo mais ou menos assim: a Etnomusicologia era o estudo das músicas estáticas, que não mudavam, a não ser induzidas por forças externas, e os resultados das mudanças deveriam ser ignorados. (NETTL, Bruno, 2006, p. 13).

Ao se tratar de mudanças culturais, percebemos que elas podem ser motivadas pelo contato com outras culturas, ou fomentadas pela simples vontade de seus membros. Para muitos etnomusicólogos do início do sec. XX, caso a mudança fosse ocasionada pelo contato com outras culturas, a cultura objeto da mudança era considerada, em grande parte das vezes, de menor relevância, já que havia uma busca por essencialismos, ou seja, procuravam-se elementos musicais que não tivessem sido contaminados pela cultura dominante. Sendo assim, essas culturas deveriam manter aquilo que era considerado como sua característica de maior importância, que é não sofrer variações, mantendo-se intacta. O dinamismo de uma cultura era, para alguns etnomusicólogos da época, sinônimo de deteriorização, e, deste modo, impediam a sua preservação.

Hoje sabemos que as mudanças, sejam elas causadas por agentes externos ou internos, são foco de interesse para a etnomusicologia.

Pensando nas alterações ocorridas na marujada, procurei dar uma maior ênfase às mudanças ocasionadas pela interferência de agentes externos. Como já mencionado, isso ocorreu porque através de entrevistas realizadas com o mestre da marujada, tive conhecimento da existência de vários atores que influenciam essa expressão cultural tradicional diretamente e muitas vezes de forma negativa, já que esses agentes externos não têm agido em consonância com os anseios do grupo pesquisado.

Para Alan Merriam⁶⁰, a primeira distinção importante em uma teoria deveria ser entre a mudança influenciada pelo contato com outras culturas e a mudança resultante de fatores internos à cultura. (NETTL, Bruno, 2006, p. 15).

Isso pressupõe que também existam agentes internos na pesquisa em questão, e, provavelmente, estes agentes internos também sejam causadores de mudanças na

⁶⁰ Etnomusicólogo norte-americano (1923-1980), autor do influente livro *The Anthropology of Music* (Northwestern University, 1964)

expressão cultural tradicional estudada. Então, por que as mudanças causadas por agentes internos não são foco da pesquisa?

Diferentemente daquilo que muitos “musicólogos comparativistas”⁶¹ pensavam, na primeira metade do séc. XX, acreditamos que as culturas não são estáticas, estando em constante mudança. Quando estas mudanças são causadas por fatores internos, ou seja, de livre escolha de seus participantes, estas mudanças fazem parte do dinamismo dessas culturas, pois tem o controle consciente dos agentes que promovem a tradição. Porém, quando essas mudanças ocorrem através da interferência de agentes externos, ou seja, pelo contato e pela interação com outras culturas ou com grupos sociais que demonstram um distanciamento cultural, e estes agentes externos agem coercitivamente impondo outros padrões culturais, essas ações podem causar conflitos que geralmente levam ao término ou a perdas fundamentais na tradição, ou incitam contrarreações voltadas à resistência cultural.

É importante perceber que consideramos como algo de maior importância a vontade da comunidade que sofrerá a mudança, independente se a motivação é interna ou externa. Porém, não podemos esquecer que mesmo internamente a um grupo social, as transformações acontecem por meio de negociações entre seus membros e no diálogo com grupos culturais semelhantes, tornando-se bastante difícil distinguir aquilo que é interno ou externo, ou mesmo identificar um caráter unânime quando se trata da vontade do grupo como um todo. Para exemplificar, vamos supor que um grupo de congado passe a conhecer alguns instrumentos como a sanfona e o violão através do contato com um grupo de viajantes, e resolvam utilizar, por vontade própria, esses instrumentos, adaptando às suas músicas, e que, a partir daí, estes instrumentos passem fazer parte da tradição musical daquele grupo. Considero esse fato bastante normal, já que a tradição ainda persiste, apenas houve a ressignificação de alguns elementos, ou seja, o violão e a sanfona, que tinham um significado diferente em outra cultura, passaram a ter um significado dentro de uma outra tradição. Porém, ao analisar um fato concreto citado no capítulo 2.1, veremos um exemplo inverso ao anteriormente exposto. No capítulo em questão apresento um relato de campo sobre a festa extemporânea de Nossa Senhora Aparecida, ocorrida

⁶¹ No início do século XX não era definida a existência do etnomusicólogo, havendo apenas a figura do musicólogo que realizava suas análises através de um estudo comparativo entre sociedades.

nos dias 16 e 17 de outubro de 2010, no local conhecido como Água Santa ou Mumbuca. Nesse caso, a Anglo American, agindo por interesses particulares, modificou a data da festa, que acontece sempre no dia 12 de outubro, não somente na região referida, mas em todo o país, sendo feriado nacional, já que trata-se da padroeira do Brasil. A Anglo American também “contratou” a guarda de Congado de Alvorada de Minas e a banda de Córregos, realizou uma mistura entre missa, levantamento de mastro, churrasco e trio elétrico. A festa, conforme o relato de campo citado, não teve o mesmo significado para seus participantes, principalmente por ocorrer em data diversa da tradição, que ocorre em todo o Brasil no mesmo dia. Além disso, por ter sido uma festa com características completamente diferentes daquela que ocorre dia 12 de outubro, caso ela passe a se repetir todo ano, trata-se de uma invenção da tradição, ou seja, grupos de poder se aproveitam de uma manifestação para ideologicamente impor-lhe um elementos novos, inventando uma tradição sobre uma tradição já existente.

Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea. (HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence, 2002, p.10).

Buscando realçar as ideias expostas sobre invenções de tradições é interessante retomar uma questão apresentada no capítulo 2.1. Abordando a presença da Anglo American em Conceição do Mato Dentro, apresentou-se uma foto de uma placa colocada pela mineradora em frente a igreja Matriz. A placa contém os seguintes dizeres: “Reforma da igreja Matriz de Conceição do Mato Dentro. O que estamos fazendo aqui faz toda a diferença para a tradição da comunidade”. Embaixo dos dizeres se encontra a logomarca da Anglo American. A frase em questão não diz respeito à marujada especificamente, mas a toda a comunidade de Conceição do Mato Dentro. Sendo assim, a empresa considera que as mudanças realizadas por ela são de

extrema importância para a tradição representada pela Igreja Matriz. Porém, não podemos ter certeza se as ações da empresa visam a manutenção das tradições existentes ou criam novas tradições. Os dizeres da empresa tratam de reformas na igreja Matriz, enquanto o mais correto seria a restauração da referida igreja. O termo reforma significa mudança, modificação, o que acaba se tornando incoerente quando estamos tratando de uma tradição que se busca preservar. Já o termo restauração busca a reparação e recuperação criteriosa desse bem cultural, conforme suas características originais. Logo, a mensagem da placa afirma que as mudanças feitas na igreja podem interferir neste aspecto da tradição local, porém não há referências de que exista um cuidado em preservar as tradições existentes.

Analisando um outro exemplo que diz respeito à mineradora Anglo American, tomaremos como referência a entrevista divulgada na revista “Diálogo”, feita com o diretor Newton Viguetti, e relatada no capítulo 2.1. Como dito anteriormente, o diretor fala em desenvolver as manifestações populares em Conceição do Mato Dentro. Ele também fala em resgatar datas comemorativas, religiosas ou de cultos locais, ensinar o folclore da região, manter grupos, criar espaços para as manifestações populares.

No entanto, a Anglo American, que representa um agente externo, não consultou alguns setores da comunidade, a exemplo da marujada, com o intuito de saber se os projetos da empresa demonstram a real vontade dos grupos locais. Se os projetos em questão forem de real interesse dos marujeiros, aí sim a tradição seguiria seu curso conforme o interesse do grupo. Mas, se for algo imposto pela empresa, apenas para dar visibilidade, não correspondendo aos anseios dos marujeiros, tais projetos podem vir a se configurar como “invenção da tradição”, na medida que os interesses se distanciam dos sentidos construídos pelos reais detentores dessa tradição. Essa tradição inventada seria motivada por uma relação de poder entre uma grande mineradora e um pequeno grupo tradicional, em que a mineradora cria projetos para a marujada sem previamente consultá-la, pressupondo que seus valores culturais fossem benéficos e aplicáveis em qualquer outra sociedade. Deste modo, quando utilizo o termo “invenção de uma nova tradição”, me refiro ao conceito formulado por Eric Hobsbawm e Terence Ranger, presente no livro “The invention of tradition”. Como observou Carlos Sandroni:

A idéia de que as tradições são algo que pertence ao presente, ou na melhor das hipóteses a um passado próximo, encontrou expressão clássica no livro organizado pelos historiadores Eric Hobsbawn e Terence Ranger, *The invention of tradition*, cuja publicação original é de 1983. Trata-se certamente de uma das obras mais citadas nas Ciências Humanas e Sociais nas últimas décadas do século XX. Segundo Hobsbawn e Ranger, certas “tradições”, consideradas antigas e veneráveis possuem na verdade uma origem relativamente recente, devendo a falsa imputação de idade ser compreendida no quadro de uma análise de estruturas de poder e dominação ideológica. Este livro ajudou certamente a pavimentar o caminho de inúmeros outros trabalhos que se dedicaram desde então a demonstrar o caráter “inventado”, “fabricado” ou “socialmente construído” de diversos tipos de “tradições”. (SANDRONI, Carlos, 2011, p. 103).

No caso da Anglo American, a invenção de uma nova tradição é responsável, por exemplo, pela criação de eventos que espetacularizam tradições culturais locais, descaracterizando seu significado, criando um fenômeno denominado “folclorização”, em que ocorrerá apenas uma teatralização da manifestação cultural. O termo folclorização como teatralização da cultura foi desenvolvido no texto “tradição e Modernidade: a luta por reconhecimento no Brasil profundo” de autoria da doutora em ciência política Luiza Costa Becker. Esta autora também teve como foco de pesquisa a marujada de Conceição do Mato Dentro, porém em uma perspectiva do Turismo da Estrada Real, focando a luta por reconhecimento da Marujada em um contexto de turismo cultural.

De forma mais abrangente, a luta por reconhecimento deste e de outros grupos tradicionais do chamado “Brasil profundo” liga-se à tarefa de não deixar que a política pública de desenvolvimento do turismo no Brasil se transforme numa “indústria do turismo” fazendo desintegrar as culturas regionais por fundi-las no amálgama da espetacularização, roubando-lhes a autenticidade. Os atores – turista, comunidade, e poderes público e privado – envolvidos em projetos de desenvolvimento do turismo precisam compreender que resgatar tradições pode vir a aumentar as divisas de um município, mas também a tristeza e a exclusão daqueles que, como justificativa da própria política, se busca incluir no processo. E, no que se refere ao turismo cultural, manter a sustentabilidade de atrativos turísticos como a festa de Nossa Senhora do Rosário dos pretos e a Marujada de CMD, significa “deixar” passar o recado daqueles⁶² “a quem foi

⁶²BECKER, Luzia Costa. Tradição e Modernidade: a luta por reconhecimento no Brasil Profundo. Anais do II Seminário Nacional – Movimentos Sociais, Participação e Democracia – 25 a 27 de abril

roubado o direito de seguir sua história natural, mas, sobreviventes, têm uma outra história a contar, que foge da mera força de trabalho e sensualidade que sempre lhes foi atribuída. História permeada de mistérios, que dura cem, duzentos anos. Dura, enfim, o tempo que durar a memória”. (LAYCER, Tomas, 2000, p. 41).

Sendo assim, vários agentes externos, a exemplo da Anglo American, ou o próprio poder público, como citou a Dra. Luzia da Costa Becker, podem ter grande responsabilidade na criação de eventos culturais espetacularizados, em que manifestações culturais tradicionais passam a realizar “performances para apresentação” (TURINO, 2008), que, neste caso, se caracterizam pela perda dos antigos sentidos, uma vez que suas performances tradicionais se configuram como participativas, comunitárias, voltadas ao cumprimento de funções específicas. Em alguns casos, essa teatralização cultural implica uma nova tradição, no sentido desenvolvido por Hobsbawn e Ranger, com um significado diverso da tradição anterior, embora se espelhando exatamente na tradicionalidade da manifestação, ainda que deturpando-a.. A criação dessa nova tradição, porém, pode ser bastante nociva à manifestação cultural pois reflete uma mudança motivada por uma interferência causada por um agente externo ao grupo, a exemplo do poder público que visa criar atrativos turísticos ou uma empresa que busca “resgatar” antigas tradições, através de ações que, na verdade, as descaracterizam. Os malefícios decorrem do fato de que tanto o poder público quanto o privado, ao criarem seus projetos, muitas vezes não consultam as comunidades com o intuito de saber suas reais necessidades e anseios. Desta forma, acabam levando os grupos culturais a se adequarem a novas realidades, enquanto o mais importante seria a criação de condições para que os próprios grupos tradicionais possam manter suas próprias tradições. Conforme observou Alfredo Bosi (1987, pag. 44), não há que se preocupar em conservar a cultura popular, em si mesma, mas em conservar o povo:

Entenda-se: o importante, o fundamental aqui, são os agentes culturais. Se o sistema social é democrático, se o povo vive em condições –digamos “razoáveis”- de sobrevivência, ele próprio saberá gerir essas condições para que a sua cultura seja conservada. Não pela cultura em si, mas enquanto expressão de comunidade, de grupos, de indivíduos em grupo. (BOSI, Alfredo, 1987, p. 44).

Tomando como referência a visão dos marujeiros em relação às mudanças ocorridas na tradição, o mestre da marujada de Conceição do Mato Dentro relata algumas modificações ocorridas aos longos dos anos, quase sempre demonstrando uma visão nostálgica em relação ao passado, deixando transparecer um sentimento de preferência pelos costumes antigos, quando comparados aos atuais.

Filipe: Seu pai já era marujeiro, seu avô também?

Zé Geraldo: Já era marujeiro. Preocupação da gente é não deixar, foi dentro da geração da gente mesmo. Igual tinha três marujadas aqui. Uma aqui na Bandeirinha, uma no Largo do Rosário e outra na Santana (bairros de Conceição do Mato Dentro). Hoje, todas as três foram embora, e ficou eu de resto.

Filipe: E você acha que mudou muito de lá pra cá, de quando você era menino?

Zé: Ah, mudou! Pessoal era mais responsável, era uma turma mais segura. Eu não sei, o pessoal vinha mais a pé, não tinha aquela preocupação de carro. Era outro luxo. Na época era paletó, era um terno mesmo. Terno e gravata mesmo. Hoje não, camisinha simples e pronto. Antigamente não, nos tinha aquele gosto de colocar paletó. Não é que nem hoje não, camisinha tá esquentando o corpo. E na realidade era três dias de festa. Era dia trinta e um, dia primeiro e dia dois. Hoje é simplesmente, um dia. Então, quer dizer, vai enfraquecendo a gente. Vai só enfraquecendo. As tradições mesmo vão se perdendo no tempo. Não digo que a gente é culpado não, mas a roda ali vai começando a fechar. Não sei se é por causa de despesa, que é muito cara, fica muito cara, ou se é entusiasmo, a pessoa não tem entusiasmo com a festa. Mas o que era no princípio, era três dias. Então quem tomava posse para o outro ano era dia dois. Então o festeiro ficaria do dia trinta e um até o dia primeiro, até meia noite no máximo, pra depois no dia dois saber quem seria o próximo festeiro. Como já teve aqui uma rifa, um sorteio dos casais. Tinha que pagar pra sair. Era uma coisa que beneficiava todos os festeiros. Porque você pagava pra sair, até sair o sorteio daquela pessoa. Então uma coisa que ficou marcante nessa história pra gente aqui foi isso aí. Tinha alguém que punha os nomes, então alguém pagava pra sair. Não saia não? Ficava lá. Então se saísse a pessoa, a responsabilidade era dele. Dele não, da gente também. Mas a época gostosa foi essa época boa mesmo. Então cada um escolhe aqui, não escolhe mais, deixa enterrada a festa por uns dias. Porque não tem graça não, enterrar uma festa, religiosa ainda. Eu acho que fica incumbida a gente é na parte religiosa, do padre com a gente. Porque já tem o esteio que são os festeiros. O padre pra dar o suporte. E ainda tem o suporte do outro lado pra não deixar os festeiros sozinhos ali. Mas como era três dias e passamos para um dia, daqui a pouco passa pra meio dia. (Risos). Aí acabou a brincadeira da gente! Aí acabou a brincadeira. Se passar pra meio dia, entendeu? Podemos guardar as fardas.⁶³

⁶³Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

O depoimento acima possibilita algumas reflexões a respeito das mudanças ocorridas na tradição, que pode ser percebido através do caráter nostálgico apresentado pelo mestre da marujada em relação ao passado e pela ênfase em alguns elementos de grande importância que vão se perdendo. O mestre da marujada ressalta a responsabilidade e a segurança do grupo antigamente, que muitas vezes era refletida no uso e asseio em relação às vestimentas, pois a utilização da farda representa a devoção do grupo, já que acabar com a festa significa o mesmo que guardar as fardas. Ele afirma que a época boa era aquela de antigamente, em que a escolha dos festeiros se dava através de um sorteio entre os membros da comunidade, e aquele cidadão que não queria participar dessa escolha, pagava uma rifa para ser excluído do sorteio. Além disso ele também demonstra as dificuldades atuais em relação aos dias atuais como a dificuldade do festeiro em realizar a festa, seja financeiramente ou em relação ao entusiasmo daqueles que ao perceberem a ausência de alguns elementos que dão sentido a festa, perdem também a motivação para auxiliar na sua realização.

Subordinada ao tempo linear, a tradição passa a ser compreendida como sucessão de eventos regida por uma norma que traça um caminho do período áureo para a decadência. Por isso, tradicionais e melhores eram as festas do passado, mais honestas e confiáveis eram as pessoas do passado, e assim por diante. (...) Mas, no contexto de embates entre modelos culturais, esse aspecto de apego ao passado desempenha papel importante na cultura popular. A nostalgia pelos eventos considerados perdidos valoriza os registros de memória que destacam os seus detentores no grupo social. São eles os guardiões, os livros vivos de uma modalidade de *tradição nostálgica*, a dos eventos que marcaram a vida do grupo. (PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de M, 2000, p. 49).

Em outra conversa realizada no dia 05/07/13, com o Zé Geraldo, seu Raimundo (membro mais antigo da marujada), e Dona Maria (esposa do seu Raimundo), escutei histórias antigas da marujada sobre brincadeiras que faziam parte dessa tradição. Essas brincadeiras, que se assemelham a uma encenação, eram conhecidas como matação de patrão e rezinga. Dona Maria conta memórias sobre essas brincadeiras, das quais o Zé Geraldo tem vaga lembrança pois ainda era calafatinho (jovem marujeiro) quando deixaram de existir:

Dona Maria: A marujada hoje é mais bonita, só que falta umas coisas porque foi tirado mesmo, negócio de matação de patrão, né Zé? Rezinga... Muita coisinha foi disfarçando, porque, eles tiraram que o negócio de matar patrão eles ficou achando

que as pessoas adoeciam mais. Como morreu muito patrão na marujada eles ficou na idéia que era isso né, igual Isidoro...

Zé Geraldo: As brincadeiras mesmo acabaram.

Filipe: Como que é isso, matação de patrão?

Seu Raimundo: O calafatinho cantava a mesma coisa.

Zé Geraldo: Como no caso do foguinho. Foguinho que tinha que ajudar mesmo. Foguinho que é o principal da marujada.

Dona Maria: Eu lembro das músicas de quando matava o patrão que os calafatinhos que alisava primeiro:

Senhor patrão, senhor patrão, uma coisa eu vou falar

Que tem certos marujos que tão querendo te matar

Filipe: Era tipo uma brincadeira?

Zé Geraldo: Era brincadeira

Dona Maria: Depois falava:

Primeiro foi esse culpado do patrão fingir que é mentira tal coisa não há, tal coisa não há.

Aí o calafatinho falava:

Primeiro foi este!

Aí eles respondiam que:

É mentira, tal coisa não há.

Aí outro calafatinho respondia:

Terceiro é aquele!

Até inteirar os três, segundo é aquele, até inteirar a terceira. Agora, depois corria, pegava o patrão:

*É você mesmo, feiticeiro mandraqueiro que matou meu patrão, feiticeiro mandraqueiro!*⁶⁴

De acordo com dona Maria essas brincadeiras foram acabando conforme foram falecendo os membros mais antigos da marujada, e desta forma, o fim dessa tradição foi motivada por fatores internos já que se perderam por não terem sido transmitidos ou aprendidos pelos marujeiros mais jovens.

⁶⁴Entrevista realizada em 05/07/2013 com o Zé Geraldo (mestre da marujada de Conceição do Mato Dentro), Sr. Raimundo (membro mais antigo da marujada de Conceição do Mato Dentro) e dona Maria (esposa do Sr. Raimundo).

Dando continuidade à análise de algumas mudanças ocorridas na marujada ao longo dos anos, darei ênfase a algumas que considero de grande importância, tendo como base os depoimentos realizados pelo mestre da marujada. Algumas dessas mudanças ocorreram anteriormente ao meu processo de pesquisa, enquanto outras são foco deste trabalho, como veremos adiante.

3.1 Os Festeiros

No capítulo introdutório, mais especificamente na metodologia, em que relato meu primeiro contato com o Zé Geraldo, este último comenta brevemente sobre a participação dos festeiros na festa de Nossa Senhora do Rosário. Os festeiros, que são os Reis e Rainhas da festa, são aqueles que assumem a coroa durante um ano, e são responsáveis financeiramente pela realização dessa tradição, normalmente por devoção, agradecimento ou pagamento de promessas destinadas à Nossa Senhora do Rosário.

Sobre a festa, descrevo um trecho do livro *Conceição do Mato Dentro, Fonte da Saudade*, de Joaquim Ribeiro Costa.

“É a tradição, que deve ser mantida, de acordo aliás com o “compromisso” da Irmandade: “Haverá um Rei e uma Rainha, príncipes e toda a corte, todos pretos da Guiné, Angola e Moçambique”. Só que não há mais representantes puros ou mesmo mais próximos dessas raças. (...) Nela é que são escolhidos tanto o rei e a rainha, como também o imperador do Divino, não importando a forma da escolha, mas apenas a possibilidade de cada um em receber o encargo e dele se desempenhar de acordo como o desejo popular.” (COSTA, Joaquim Ribeiro, 1975, p. 147).

O autor folclorista retrata uma mudança ocorrida na tradição, em que reis e rainhas da festa do rosário, que antes deveriam ser apenas negros, agora podem ser qualquer pessoa da comunidade. Antigamente os estatutos traziam a importância dos reis congos, mas com o passar do tempo passou a existir o festeiro, que assume as responsabilidades pela festa por um ano, diferente do rei congo, que ainda é cargo vitalício em muitos grupos congadeiros de Minas Gerais. É interessante perceber que o festeiro, no caso específico de Conceição do Mato Dentro, normalmente convida algumas guardas de congado de outros locais para participar da festa do Rosário desta cidade. Desta forma, é comum presenciar algumas guardas que participam da festa

com seus próprios reis congos, que possuem função e significado religioso dentro do seu grupo, e que não se confundem com o rei festeiro, sendo que este último desempenha funções relacionadas à execução da festa.

Um outro livro, sobre Conceição do Mato Dentro, também retrata o surgimento do festeiro dentro da tradição da festa de Nossa Senhora do Rosário desta cidade:

“A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, depois de enfrentar muitas dificuldades, foi-se desarticulando e, hoje, a comunidade assumiu a promoção da festa do Rosário, no dia 1º de janeiro, seguindo a tradição da irmandade, com missas, procissões, congado, reisado e outras danças típicas.

No entanto, foram introduzidas alterações, como, por exemplo, a participação dos brancos, que já podem ser rei ou rainha e cooperam ativamente na festa. O critério de escolha dos soberanos também se modificou, em vez de eleitos pelos irmãos, os nomes dos festeiros são sorteados a partir de uma lista de concepcionenses, no dia 1º de janeiro, para que organizem a festa do ano seguinte, tendo ao seu encargo todas as despesas. A fim de arrecadar fundos, as pessoas que não se interessam em ser festeiros podem retirar seu nome da lista, antes do sorteio, contribuindo apenas financeiramente.” (DIAS, Maria Vitória et al, 1994, p. 49).

Considero, a partir dos relatos lidos, que a presença de reis e rainhas negros, descendentes daqueles que, nos tempos da escravidão, eram provenientes de Angola, Guiné e Moçambique foi sendo substituída pela presença de reis e rainhas brancos, normalmente externos ao universo do rosário, mas que se tornam necessários para o custeio da festa, de que também participavam. É claro que esses membros da comunidade talvez não fossem membros da marujada, mas deve se lembrar que a marujada é um elemento de extrema importância para a festa de Nossa Senhora do Rosário, mas a festa também dialoga com diferentes grupos sociais.

Porém, alguns festeiros, que nem sempre são membros da comunidade, interferem na festa de forma nociva pois, ao não saberem dos costumes que regem essa manifestação cultural tradicional, desvirtuam o significado da festa, passando a se preocupar com o status e com as vestimentas “pomposas”, como foi retratado no primeiro encontro com o mestre da marujada, descrito no capítulo introdutório, mais especificamente no item “metodologia”.

“Sobre a escolha dos festeiros, afirmou que antigamente existia uma lista com os moradores da cidade que poderiam ser os festeiros. Quem queria ter seu nome retirado da lista dava uma contribuição financeira para ter seu nome retirado. Além disso, o congado tinha influência na escolha do festeiro. Afirmou que hoje em dia alguns festeiros estão preocupados apenas em fazer uma festa bem pomposa, com belas vestimentas e adereços, se esquecendo do verdadeiro sentido do reinado.”

O mestre da marujada Zé Geraldo também fala sobre a relação entre os festeiros e a tradição da festa de Nossa Senhora do Rosário, dando maior ênfase à festa ocorrida em janeiro de 2013:

Filipe: E os festeiros? Como é que funciona? O último agora era pessoa da comunidade mesmo, não era?

Zé: Ficou uma festa mais tradicional. Ficou na parte só de negros. O Rei se preocupou também, de colocar no Reinado, só gente negra. Todo mundo achou que ia ser uma festa baixa, mas ficou uma festa a altura. Porque, quando ele se propôs a pegar essa festa, ficou em dúvida.

Filipe: Ele ficou em dúvida?

Zé: É, e a população também. Mas ele foi com garra mesmo. Acho que foi assim, teve muita festa boa, mas por ele ser uma pessoa um pouquinho abaixo da sociedade,

Filipe: Mais humilde né?

Zé: É, mais humilde, é isso. Ele fez a festa mais firme, vamos falar assim, dentro do padrão, dentro do padrão que a gente trabalha.

Filipe: Sei, muitas vezes é gente que tem mais dinheiro, né?

Zé: É.

Filipe: As vezes o festeiro.

Zé: Ou a festeira, a Rainha. No caso dele não foi, foi a população junto com ele.

Filipe: E deu certo, beleza, do mesmo jeito?

Zé: Foi uma festa assim, que tá precisando fazer. Entendeu? Que tem muita gente que tem medo de pegar essa festa, no caso da situação financeira. Tanto do grupo daqui, quanto dos grupos que vem de fora. Não são um nem dois grupos, são vários grupos. Transporte, local de ficar, despesa. Tem a área do doce, tem que se preocupar com a área do doce, que é o tradicional da festa. Se não tiver o doce não tem festa. Então, ele fez à altura, e, pra mim, foi uma festa de pobre mas ficou uma festa de rico. Entendeu? Com um rei rico.

Filipe: Quando é o pessoal mais rico, eles respeitam a tradição?

Zé: Não, costuma ultrapassar. Que se torna um carnaval. Então a festa do Rosário não pode ser um carnaval. Que é do padrão desde a África mesmo. Afro-brasileiro. Através dos negreiros, dos navios, o nosso negro, continua dando aquela sequência, e muitas vezes quer passar e não pode. Não pode passar daquela sequência não. Então dessa vez foi dentro do padrão. Do estandarte até no rei somente, entendeu? Como se diz, a bandeira grande, que nós considera como bandeira grande, é do Rosário, até no rei mais a rainha, foram dentro do padrão.

Filipe: Esse ano, é gente também da...

Zé: Dá prosseguimento, bom.

Filipe: Esse ano, já sabe quem que é?

Zé: Já, já tem os festeiros. O rei aqui perto de casa, aqui na bandeirinha. A rainha, atrás do Matozinhos. Já é uma rainha negra, entendeu? A rainha negra. Vai ser uma festa assim, um pouquinho mais alta do que essa que foi feita. Porque tem mais contato com mais pessoas. O outro já não tinha. Isso influi muito também, a influência da pessoa. Influi muito, porquê você tem amizade com um, outro que tinha do passado já não tinha. Então vai crescendo. Aí dá aquela soma e fica maior a festa, mais luxuosa. E não pode ser luxuosa. É como se diz. É pé no chão. É gostoso, é gostoso essa parte aí.⁶⁵

Tendo como referência o relato acima, concluo não ser possível afirmar que a introdução do festeiro na festa de Nossa Senhora do Rosário tenha, no passado, sido consentida pelos marujeiros. Apesar de, como eu disse anteriormente, ter sido representativa a vontade da comunidade, que é composta por diversos grupos sociais que compõem a festa de Nossa Senhora do Rosário, a fala do mestre da marujada nos leva a crer que há uma preferência por reis e rainhas de origem negra. Além disso, ele estabelece uma relação entre a presença do festeiro negro, mais humilde, e mais identificado com os sentidos históricos e culturais dos rituais, com a perpetuação da tradição.

Desta forma percebe-se uma relação entre a tradição nostálgica e a ideia do rei festeiro, evidenciando a tradição de tempos remotos.

⁶⁵Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

3.2 A Música

A música é um elemento de grande importância na tradição. Ela possui significados sociais e contextuais, e sendo assim, existem determinados cantos para momentos e lugares específicos. Algumas músicas acompanham rituais específicos, e são determinadas para o turno da manhã, tarde e noite. Além disso, existem cantos que, como estratégia de resistência do grupo que visa a preservação do seu patrimônio cultural tradicional, não são tocadas em qualquer lugar, principalmente sob a presença de músicos da cultura popular de mercado que visam a apropriação desses cantos com interesses financeiros.

Com a diminuição do tempo da festa ao longo dos anos, tornou-se necessário diminuir a duração das músicas. A redução do número de marujeiros também é um fator determinante para a diminuição do repertório musical, que se perpetua através da memória e da oralidade.

Os instrumentos também sofreram mudanças significativas. Antigamente os pandeiros e caixas eram feitos com material mais resistente. Hoje, são feitos de compensado, tendo baixa resistência quando expostos à chuva e ao sol. Também era utilizado junto aos instrumentos o “chocalho” de cascavel, por dar uma melhor sonoridade. Porém, hoje essa tradição vem se perdendo, devido a dificuldade de se encontrar esse objeto, além do fato de que hoje tem-se a consciência de que matar a cobra cascavel para se obter o chocalho é algo condenável. Sendo assim, passou a ser utilizado pena de urubu.

Em entrevista realizada com o mestre da marujada, ele cita três tipos de músicas, que ele classifica pelo ritmo, como uma sendo mais “grave”, uma “corrida” e uma “dobrada” (picada). A mais grave normalmente é mais lenta, sendo tocada na da casa do Zé Geraldo, quando os marujeiros se preparam para iniciar seus rituais, ou quando estão na porta da casa dos festeiros, lembrando que os marujeiros buscam os festeiros em suas casas durante o cortejo que segue até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Esses cantos mais graves, são usados também para descansar, já que o cortejo é longo e cansativo. Já a marcha corrida e a dobrada, são cantadas nas ruas, sendo a dobrada (picada), mais rápida do que a corrida como veremos a seguir:

Filipe: Outra coisa que eu queria saber é sobre as músicas. A gente já tinha conversado, você já tinha falado sobre as músicas, que vocês ainda fazem algumas, né?

Zé: É, mas a gente tenta preservar desde o princípio, porque se vai mudando as letras, as músicas, vai ficando perdida a memória da gente. Então já tem as músicas da parte da manhã, o período do dia até na missa, o período da tarde, e o período da noite. Tem as músicas talvez foi cuidado lá na cadeia, talvez um passê, uma pessoa da camada já tem a sua separada para aquilo ali. Só que não podemos usar ela assim, sabe? Porque de repente sai de um, recai no outro então, usando na rua, tudo tem a hora certa para aquilo ali. No dia 31 que é nosso caso aqui, que é dezembro, e de janeiro também que começa a festa. Então cada dia as músicas são diferentes. Aliás, muda de hora em hora. No caso aí, tendo mais parceiros comigo, até de 15 em 15 minutos, porque o normal da gente são 52 músicas. Se for mudando ou ficar só em uma aí o dia foi embora e não tem como mostrar o trabalho da gente. É um pouco cansativo, mas é gostoso. Quando chega de tarde a garganta tá...(Risos)⁶⁶

Filipe: E os instrumentos, vocês tão fazendo algum?

Zé Geraldo: Paramos, por falta de recurso. Recurso assim, material. Tem até umas caixinhas aí, feitas por a gente mesmo, tem umas caixas que ganharam também, pandeiro paramos de fazer também, por falta de material. Por que nosso trabalho é mais chuva. Chuva e sol. E não pode ver. A chuva não pode ver nosso trabalho, nosso material, que é descartável. Mas se fosse antigamente não, aí durava mais, que era feito da madeira mesmo. Hoje não, hoje é compensado. Feito de compensado. Então se molhou que seja, tá descartável. Vai embora, trabalho perdido, não guenta não. Principalmente os pandeiros, que é couro de carneiro. É o couro mais simples que a gente tem. É igual o chocalho de cascavel, não pode matar mais cobra. Coloca pena de urubu. Pra dar um som.

Filipe: E pra que que põe o chocalho da cascavel?

Zé Geraldo: Pra dar mais som ainda. Não acha mais, então tem que se virar com o que tem hoje. A lei já vai cortando aos pouquinhos, entendeu? Mas tá certo, se não acaba. Tanto de um lado e do outro não pode acabar. A gente precisa dos animais e nós também, de trabalhar também. Mas dá pra manter, dá pra manter do jeito que tá aí. Apesar que não é mais a original como era antes mas dá pra manter. Quem dera se fosse original como era antes. Nossa Senhora! Os tambores, os pandeiros feitos de madeira, as caixas tudo de madeira, tronco de madeira né! Hoje não, compensado, vai pondo as medidas certinhas, só cortar e tá pronto. Antigamente não, era na base da munheca mesmo você limpar um tronco. Hoje não, acabou.

Filipe: E aí tem as músicas que vocês tocam, todas vão pra rua? Todas vão pra todas as festas, ou tem umas que são de um lugar, são de outro, umas que só tocam aqui na festa dia primeiro?

⁶⁶Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

Zé Geraldo: Tem, tem. As mesmas musicas que a gente usa aqui nas festas, daqui, é as mesmas da roça. Por que o trabalho é o mesmo. A festa do Rosário é a mesma. Já fica as letras da parte do dia, como eu falei, um pouco da manhã e um pouco da tarde. O mesmo trabalho que nós fazemos aqui fazemos em qualquer outro lugar. Não tem diferença. Se não fica: Por que você fez meu trabalho diferente do outro? Aí não pode, entendeu? Aí não pode, as letras tem que manter sempre as mesmas. Ah, eu conheço a letra! Pode conhecer quinhentas vezes, mil vezes mas ela não pode sair daquele padrão não. Aquele ritmo não pode sair não. Então são três ritmos de música que a gente tem. Uma grave, uma corrida e uma dobrada.

Filipe: Uai, como é que é isso?

Zé Geraldo: É as caixas mesmo que, entendeu? Já tem sobre isso. São três músicas diferentes uma da outra.

Filipe: Uma grave, uma corrida e uma dobrada?

Zé Geraldo: Uma dobrada, que é mais corrida ainda, mais esperta ainda. A gente usa mais é pra rua. E a grave mais pra porta de casa. Pra descansar a perna também, entendeu? Então é mais lento.

Filipe: Mas como é que é? Não tem jeito de você me mostrar pra eu entender? Fiquei curioso agora! Uma grave, uma corrida e uma aguda pra eu ver.

Zé Geraldo:

Sol, sol, sol, este sol é cor de ouro

Sol, sol ,sol, este sol é meu tesouro.

Filipe: Essa é qual?

Zé Geraldo: Essa é grave. Aí já vem a marcha picada, que é mais corrida:

Viamo, viemo viemo, viemo é com muita alegria

Viamo festejar o Rosário de Maria, viemo festejar o Rosário de Maria

Nessa rua tem dendê, nessa rua tem dendê

Levanta Marujo eu quero ver, levanta marujo eu quero ver

Então já é mais acelerado um pouquinho. E assim tem várias.

Filipe: E a mais aguda, como é que é a mais aguda? ⁶⁷

Zé Geraldo: A grave?

Filipe: Você falou que tem uma grave, uma mais corrida...

Zé Geraldo. Essa aí, já passei.

Filipe: A mais grave é mais pra descansar mesmo?

Zé Geraldo: Mais pra descansar. Canta mais pro festeiro ou mesmo pra outra casa.

Como se diz: Ô quejaê,

Já é pro festeiro

chegando a hora

O festeiro já tá se preparando pra sair já, já é mais lento, até se preparar, sair lá de dentro, até chegar no quase, entendeu? Aí é mais tranquilo, Nossa Senhora! ⁶⁸

3.3 A casa de cultura e o doce

Tradicionalmente, o doce é distribuído gratuitamente no dia primeiro de janeiro todos os anos. Ele é feito na casa de cultura, local onde estão os tachos, que são os vasilhames apropriados para a confecção dos doces.

A Casa de Cultura tem por finalidade incentivar, administrar e organizar atividades culturais no município e promover a defesa do seu patrimônio histórico, artístico e cultural. Antiga casa paroquial dos padres capuchinhos, seu primeiro pavimento funcionou como armazém, sofrendo com isso modificações no seu aspecto externo para o seu uso. Onde existiam portas foram instaladas janelas, preservando-se apenas a atual porta de entrada do sobrado.

Com a mudança dos padres capuchinhos para o novo convento no alto da colina do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, os religiosos usaram o casarão como residência e alugavam para as famílias de juizes, médicos e outras

⁶⁷Durante a entrevista não percebi que grave nesse contexto não é antônimo de aguda, se referindo à gravidade, a momentos mais sérios. A outra música a que o Zé Geraldo se referiu é a dobrada, mas ele não explicou as suas características.

⁶⁸Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

personagens de passagem pela cidade.

O sobrado é de tipologia arquitetônica antiga, ainda do período colonial. O sistema construtivo é de estrutura autônoma de madeira e vedações em pau-a-pique e tijolos. As esquadrias são de madeira, com verga em arco abatido, e os forros são em esteira. Os pisos em pedras rústicas na circulação e cozinha, e em madeira nos outros ambientes do pavimento inferior e em todo o superior. O telhado da casa está construído em quatro águas, com telhas tipo “cumbuca”, com beirais protegidos por tabuado reto em cimalha.

Tem escada central e pequena circulação no segundo pavimento, distribuindo para os cinco ambientes interligados do segundo pavimento. A fachada principal apresenta um conjunto de cinco sacadas isoladas, com guarda-corpo em ferro batido em desenhos curvos. Nos fundos apresenta varanda no pavimento superior e grande cozinha aberta no pavimento inferior.

O prédio foi completamente restaurado em 2001 e 2002 e hoje abriga a sede da Fundação Casa da Cultura. A beleza e o estado de preservação o tornam uma atração à parte dentro do centro histórico da cidade.⁶⁹

Os marujeiros consideram a casa de cultura um espaço que poderia recebê-los durante a festa de Nossa Senhora do Rosário, como um suporte para a festa, principalmente por estar localizada entre a igreja Matriz e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, ou seja, um local estratégico por onde passa o cortejo durante a festa.

Além disso, questionam um grande problema atual da marujada, que é a falta de espaço para seus integrantes. A marujada não possui um local onde os marujeiros possam guardar seus instrumentos e uniformes, receber seus membros que moram nos distritos e área rural ou até mesmo receber convidados de outras guardas, ensaiar e realizar seus cultos. O Mestre da marujada discorre sobre esses fatos:

Filipe: Você estava falando também da casa de cultura que foi feita também para ajudar a marujada.

⁶⁹Plano de Desenvolvimento Sustentável Município de Conceição da Mato Dentro (2007). Autores: Ézio Dornela Goulart e Sociedade dos Amigos do Tabuleiro

Zé: Em prol. É onde é feito o doce da marujada. O doce da marujada não, o doce do povo, da população, que é o doce da rainha. Inês Emanuela que fez essa casa, Inesinha. O doce da Rainha. Onde a rainha oferece o doce para a população. Não é um quilo de doce. São quase cinco mil quilos de doce. Então é uma coisa assim, uma responsabilidade muito grande. Tanto na parte, minha não, dos festeiros, da população. Então, não sei como consegue. Acho que o mistério é tão grave porque fazer doce, em dez dias, pra esse povo todo, e ainda sobra doce, pra receber mais ainda, algum dia ainda. Muita gente leva, pra fora ainda, umas pessoas joga fora ainda, não sei se é por abuso, mas que fica uma fila imensa... Mais ou menos da casa de cultura até perto da Matriz. Pra receber o doce. Num potinho vem trezentas gramas, ou até meio quilo. Então é muito doce.

Filipe: Mas esses anos que ela tava fechada, tava fazendo ainda?

Zé: Faz.

Filipe: Todo ano faz? Se não tiver o doce não tem?

Zé: A casa foi feita pra fazer o doce. Porque lá já tem o fogão preparado pra isso. Tem a estrutura toda preparada pra isso. Eu particularmente, me preocupo. Como amanhã ou depois ela pode girar. Porque pode virar uma casa diferente depois. Apesar que a gente não pode entrar lá dentro, somente no dia da coroação, feita no dia primeiro, aí tem essa preocupação. Porque não tem um lugar de ficar. Tem uma área enorme, Nós marujeiros não temos um espaço. Não tem um espaço pra gente guardar nessa época de chuva caso chove mesmo. Onde esconder? Onde beber uma Água? Onde ir ao banheiro? O mercado perto da igreja fica mais é fechado. O banheiro químico.

Filipe: Tem o mercado, grande ali, e fica fechado.

Zé: Fechado. Coloca os banheiros lá fora, mas nem sempre a gente tá podendo ir. Porque a gente tá sempre correndo ali. Só tem uma hora de descanso. Uma hora tem que preocupar com banheiro e com o almoço. Então um minutinho que a gente tem é pequeno, é vago também. E também tem que tomar a cachacinha (Risos). Senão a garganta não aguenta.

Filipe: Tem alguém querendo criar esse espaço? Já te procuraram? A Prefeitura?

Zé: Não.

Filipe: Nunca deram muita importância, né?

Zé: Só se preocupa assim, de ter a marujada na rua. Mas ter um espaço nessa área, não existe. Existe esse espaço que eu tenho aqui, pra gente usar aqui na porta, pessoal dorme comigo aqui em casa, fica casa de família e casa de marujeiro. Deixar minha turma na rua não pode.⁷⁰

⁷⁰Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

3.4 A Farda

No início deste capítulo sobre tradição, o mestre da marujada Zé Geraldo retrata alguns detalhes sobre as mudanças ocorridas com relação à utilização das vestimentas dos marujeiros. Ele afirma que antigamente os marujeiros usavam paletó, e hoje apenas a camisa branca. Ele relaciona essa mudança com a responsabilidade dos marujeiros. Para ele, antes a festa era levada com maior seriedade em que os marujeiros vestiam terno e gravata.

O uso das vestimentas também está ligado à religiosidade. Ao vestirem as fardas, eles estão cumprindo sua devoção à Nossa Senhora do Rosário. Antigamente, ao vestir a farda deveria se seguir as ordens do patrão, e algumas normas deveriam ser respeitadas, não sendo permitido ir a bares e consumir bebidas alcoólicas. Porém hoje essas regras não são seguidas com tanto respeito. O mestre da marujada retrata a dificuldade atual de tentar manter essa tradição sem causar o descontentamento dos integrantes.

Estabelecendo um paralelo entre o uso das fardas e o capítulo 2.3 “Prefeitura de Conceição do Mato Dentro – Transporte”, gostaria de relembrar o episódio em que os marujeiros foram para o distrito de Conceição do Mato Dentro, denominado Senhora do Socorro. Conforme relatado no capítulo em questão, a viagem foi realizada contra a vontade de seus membros, que tinham firmado compromisso com a festa de Nossa Senhora do Rosário de Itapanhoacanga. Nesse episódio um marujeiro, durante toda a viagem, alegou não ter compromisso com a festa de Senhora do Socorro e, desta forma, não seguiu alguns rituais da marujada, passando grande parte do tempo em um bar da cidade.

À noite, saiu com o intuito de assistir um show que acontecia na praça de Senhora do Socorro, e voltou quase de manhã, enquanto todos os outros dormiam. Ao causar bastante barulho durante sua chegada ao dormitório, pois cantava algumas músicas da marujada, foi questionado pelo mestre do grupo sobre suas atitudes. Este último afirmou que se o marujeiro indisciplinado não passasse a respeitar os companheiros, não deveria participar da marujada.

Porém, ao vestir a farda, seu temperamento mudou, passando a respeitar as ordens do mestre e seguir os rituais do grupo, demonstrando a relação entre a

vestimenta e a devoção dos integrantes. Ao fardar ele assume o pertencimento ao grupo e à tradição, se assume marujeiro e se insere no tempo ritual.

O Zé Geraldo, mestre da marujada, comenta sobre o papel da farda como um elemento importante na tradição:

Filipe: Aí sempre que sai, sai com a farda?

Zé Geraldo: Com a farda. Antigamente o pessoal não podia entrar no boteco. Não podia sentar em qualquer lugar. Com o espaço de tempo a pessoa, não tem como. Ficar o dia inteiro em pé e não poder tomar, entendeu? Vai liberando, liberando. Só que a gente vai perdendo alguma coisinha com isso. O respeito. Libera um, daí a pouco o outro quer ir também, e assim acaba dando espaço para todo mundo. Antigamente não, não podia. Vestiu a roupa branca que seja, é só ali. Ninguém poderia sair sem ordem do patrão.

Filipe: Quando tá normal, sem farda, pode?

Zé Geraldo: Pode normal.

Filipe: Vestiu a farda...

Zé Geraldo: É outra história. Mantém ainda esta tradição. Principalmente no percurso de trabalho, tá mantendo. Mas dá um espacinho pequeno já acostuma, dá uma fugida.

Filipe: Um já dá uma desviada ali, né?

Zé: Não tem como, infelizmente. Pra manter hoje, pra manter, igual nosso caso aí, essa tradição, da marujada, tem que ser assim. Se não acaba. Se for prender, na rédea ali, não vem mais ninguém. Deixar ali pra manter.⁷¹

3.5 Fé e Devoção

A marujada tem como maior motivação a fé. Como todos os integrantes são devotos de Nossa Senhora do Rosário, essa tradição perdura ao longo dos anos. É importante relembrar que, no capítulo “1.2 Marujada”, o mestre Zé Geraldo relata a existência da “lenda” que conta que “os marujeiros buscaram a Santa no Mar”. Por se tratar da aparição da imagem de Nossa Senhora do Rosário, essa lenda estrutura a tradição.

⁷¹Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

No relato que será citado a seguir, percebemos que o mestre da marujada ressalta a tradição religiosa do grupo em entrar e tocar na igreja, demonstrando o sentido de alguns rituais como a forma de entrar e sair desse local de culto. É interessante estabelecer um paralelo entre esse capítulo e o capítulo referente à interferência exercida pela secretaria de turismo de Conceição do Mato Dentro. Neste último descrevo em um relato de campo em que os marujeiros viajam para se “apresentar” em um evento gastronômico na Serra do Cipó. Ao chegarem no evento, a primeira vontade do grupo foi visitar a igreja do local, demonstrando a fé e devoção dos integrantes, mas tal visita não se concretizou devido a dificuldade em se flexibilizar o horário determinado para a realização da “apresentação”. Ele também relata alguns outros elementos da tradição como o fato de não tocarem debaixo de árvores e em cima de pontes (loais onde os escravos eram castigados ou sacrificados), demonstrando seu respeito e culto aos antepassados. É interessante ressaltar que o mestre da marujada afirma que, assim como no passado, ainda existe resistência dos padres e da igreja em relação à essa expressão cultural tradicional, como veremos adiante:

Filipe: E são todos devotos de Nossa Senhora?

Zé Geraldo: Todos são devotos.

Filipe: E na igreja já vi que as vezes vocês entram acompanhando o festeiro e depois voltam de costas..

Zé Geraldo: É Igual na ponte. Nós não podemos cantar em cima de uma ponte. Onde foi enforcado e jogado nossos antepassados, nossos irmãos escravos. Já vem, debaixo de uma árvore também, a mesma coisa. Então na igreja, a gente entra porque a gente vai voltar. Então já sai de costas porque a gente vai voltar pra igreja de novo. O sentido da gente é sair da igreja e ir pra frente. Por que, já teve, a gente mesmo aqui, lá dentro da igreja mesmo, não deixar entrar dentro da igreja. Então o trabalho que a gente fez não valeu nada. Se de novo chegar na igreja e não entrar, não tocar um pouquinho lá dentro, pra nós não teve festa, não teve motivo nenhum, então, a única coisa que a gente tem para agradecer é somente nos cantos da gente, é entrar lá dentro. Primeira missão cumprida, é tá ali dentro da igreja. Espero até o finalzinho, até 8 horas da noite, 9 horas, pra encerrar. Como se diz, missão cumprida. Agora se a gente não entrar, aí, tem nada feito.

Filipe: É, resiste esses anos todos por causa da...

Zé Geraldo: Resistência toda por causa da igreja. Já aconteceu com a gente não poder entrar. Aí nos ficamos um pouco recolhidos, não ia sair mais, mas depois

vieram algumas pessoas, nos procurou. Não, vocês vão tocar no outro dia sim! Aí outros grupos que queriam ir embora também, tavam junto com a gente,

Filipe: O padre que não quer?

Zé Geraldo: Justamente. Não quis que a gente entrasse dentro da igreja.

Filipe: O que que eles acham?

Zé Geraldo: É por causa da igreja. As paredes. É dentro da igreja. Não fazer barulho. Mas acaba que o seguinte. Já vem a pessoa de longe. Chega aqui não poder entrar dentro da igreja! Troca de roupa, tá prontinho pra aquilo ali, missão cumprida dele, e não poder entrar? Você não volta mais. A gente tem que reparar muita coisinha. A questão da gente é dois minutos. No máximo dois minutos. Entrar e sair. Não podemos ficar lá dentro. Então já entra, já sai pra lateral, já retorna de tarde a mesma coisa.

Filipe: Vocês não podem ficar lá dentro por que?

Zé Geraldo: Por que é abafado. Tá suado. Doido pra tomar muita água, banheiro, o mais rápido possível que puder ir, então se ficar lá dentro vai ocupar o espaço de outra pessoa. Então já fica um grupo específico só pra aquilo ali. É escolhido em grupo. Que vai acompanhar a missão dele. Então fica cá fora esperando, aguardando o sinal dele pra voltar tudo, novamente, de novo. Aí começa a entrar, começa a sair tudo rapidamente de novo. Então é uma coisa pequena na verdade, mas se torna uma coisa grande. Cada um se preocupando não em fazer melhor do que o outro, mas manter sempre naquela ordem ali do festeiro.

Filipe: E o povo daqui também participava, pondo as toalhas nas ruas, né?

Zé Geraldo: Aquelas toalhas antigas bordadas, hoje algumas casas colocam. Uns vasos antigos. Colocavam uns arranjos mesmo. Hoje, vai perdendo a graça. Infelizmente vai perdendo a graça. Não tem aquele entusiasmo mais não. Não sei por causa de religiões. Por que você passa numa casa, já é de outra religião. Então não podemos falar mal não porque...

Filipe: Então porque você acha que durou esse tempo todo assim, com essas dificuldades todas, por que você acha?

Zé Geraldo: Fé. A fé, entendeu? Igual a gente tava preocupado em viajar agora pra Oliveira. Seria agora esse mês, 28. Mas como aqui não tem condições da turma vir e ficar três dias, que a turma é pequenininha, porque lá são três dias de festa, então é preferível não ir. Por que, pro nosso caso, não é cansativo. É como você vai ficar ali num lugar que a gente não conhece direito. A preocupação nossa é isso. É ir, ficar três dias, e não ter recurso também, a gente não tem recurso. Como seria a reação deles lá com a gente. A gente uma vez fomos lá. Assim fomos cedo, de tardinha já tava chegando em casa. Então essa é preocupação da gente também. Chega num dia, no outro dia tá indo embora, ótimo! Agora três dias já começa a nos preocupar também.⁷²

⁷²Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

3.6 Os Integrantes

A marujada de Conceição do Mato Dentro não possui um número determinado de integrantes. Isso ocorre porque houve uma grande diminuição dos participantes devido ao óbito dos mais antigos e as dificuldades de se integrar os jovens na tradição. Esses jovens, que são denominados “calafatinhos” abandonam a marujada devido à questões sociais atuais, a exemplo da necessidade precoce de inserção no mercado de trabalho, como veremos no relato a seguir:

Filipe: Tem os calafatinhos aí, eles estão interessados em...

Zé Geraldo: Tem. São dois. Já tem os dois espertinhos. Dá um pouco de trabalho pra gente. Tem que tá sempre de olho neles porque dá um pouco de trabalho. Gosta, entendeu? Porque a pessoa não vem, não sai da casa até aqui se não gostar. Porque muitas vezes não vai receber nada em troca. Infelizmente não recebe nada em troca. Mas vem, porque gosta. Já teve um caso aqui que nós tava com 70 elementos. Já teve cinquenta. Hoje tá com 36. A diferença caiu bastante. Apesar que um bocado já foi pro espaço, então vai perdendo. Não entra. Quando chega uma fase, criança mesmo, quatorze anos começa a sair. Tá prontinho pra trabalhar, já vem a namorada pra tirar ele da marujada. Não posso impedir não.⁷³

Filipe: Você mesmo que vai repassando para os meninos o jeito que você aprendeu? A música, as danças também?

Zé Geraldo: É. Já começa na brincadeira, pega uma coisa ou outra. Já tem os ensaios que tem novembro e dezembro, tendo boa vontade faz, não tem segredo. Tem uns segredos sim, tem uns rituais que a gente faz ainda.

Filipe: Faz antes de ir pra rua?

Zé Geraldo: É. Tem uns segredos que a gente tem guardado, só pra manter. Nem todos podem participar também. Somente os mais velhos podem participar, os mais novos, não. Aí dá continuidade. Eu gosto.

Filipe: E hoje tem quantos, mais ou menos?

Zé Geraldo: 36 total.

Filipe: E dos meninos novos só tem dois calafatinhos?

Zé Geraldo: 2. São os dois responsável. Não pode ter mais que dois não. É o tal de foguinho e mais um outro aí.⁷⁴

⁷³Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

⁷⁴Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

Um fato interessante sobre a relação entre as tradições da marujada e seus integrantes diz respeito à participação das mulheres no grupo, conforme poderemos perceber no relato a seguir:

Filipe: E hoje no grupo tem negro, tem branco...

Zé Geraldo: Misturou. Foi bom. Acabou o racismo. Melhor coisa que aconteceu foi isso. Nós tinha uma marujada aqui que começou só homem. Depois colocou o patrão, mulher no meio. Aí já não virou mais uma marujada. Ou faça uma feminina, ou faça uma masculina. Aí misturou. Só que não deu certo. Aí o pessoal tentei fazer também a mesma coisa aqui. Depois, opa, não vai dar certo. É só homem mesmo e pronto. Faz a marujada masculina e feminina pra aumentar o número.

Filipe: Quem falou?

Zé Geraldo: Pessoal mesmo, as mulheres mesmo. Pra resgatar mais, não deixar morrer.

Filipe: Mas a tradição mesmo é homem?

Zé Geraldo: É homem, mulher mesmo é só mesmo pra dentro ali e pronto. Mas se colar dá trabalho. As vezes não dá trabalho, mas a preocupação é de dar trabalho. Porque homem qualquer lugar se importa. Igual a gente dormimo junto, não tem espaço grande, como é que coloca num espaço ali, tudo junto. Igual, vem o pessoal de Itapanhoacanga, tem que alugar quatro lugares pra acomodar eles. Se não tiver espaço? É meio complicado. Eles estavam até no colégio, aí ficou uma parte em uma área, de homem, outra parte, outro grupo em outra área, só pra segurar ali, mesmo assim os cabeças tem que ficar de olho mesmo, tem que ficar vigiando mesmo. Quando já sai pra rua, tem essa preocupação, tem espaço mas dá dor de cabeça, quando mistura. A não ser que a turma é bem controlada mesmo. Mesmo assim não dá pra controlar mais não. Antigamente dava. Falava uma coisa e mantinha. Hoje, infelizmente, não tem como manter mais não. Dá pra fazer o trabalho, mas manter, na risca mesmo ali, difícil, é difícil. Eu lembro meu pai, ah se eu morasse lá eu já se via, pessoal rolava na cachaça meu pai aqui embaixo, porque ele não dava não, então pessoal aproveitava que ele saía, roubava o dele. Rígido mesmo.

Considerações Finais

Esta pesquisa buscou compreender de que forma setores diferentes da sociedade causam impacto ou interferências na maneira como os marujeiros conduzem seus festejos. Foram identificados os principais agentes externos, segundo o líder da Marujada, que provocam interferências que, de alguma forma, levam a mudanças culturais no grupo, ou motivam reações de resistência. Nesse sentido, a partir de uma reflexão sobre o conceito de tradição, foram identificados alguns aspectos do ritual em que se observaram impactos e/ou pressões para mudanças, e as reações do grupo. A pesquisa tornou-se, assim, fonte de informação e reflexão sobre as dinâmicas sociais envolvendo o grupo da Marujada de Conceição do Mato Dentro na atualidade.

Essas reflexões demonstram ter uma maior abrangência na medida que diversas expressões culturais tradicionais brasileiras compartilham problemas semelhantes, tornando-se inevitáveis as constantes negociações entre estes grupos tradicionais e os diversos atores que interferem diretamente em suas tradições.

A partir destas negociações, no caso específico da marujada, percebemos algumas divergências ocasionadas pelas contradições entre as diferentes noções de tradição e preservação existentes na perspectiva dos marujeiros e na de alguns agentes externos, sobretudo uma empresa mineradora denominada Anglo American e o poder público municipal representado pela prefeitura de Conceição do Mato Dentro. Esses agentes externos propõem projetos e impõem alguns conceitos em relação ao grupo pesquisado, sem se preocupar em conhecê-los previamente, não sabendo, desta forma, o real universo vivido por essa expressão cultural, seus valores e anseios. Esses projetos podem ser determinantes na elaboração de tradições inventadas, que não possuem vínculo de significado em relação à tradição tal como entendida e vivida pelos marujeiros, fruto da reconstrução contínua de sua memória cultural. Como vimos, esses projetos visam a criação de eventos espetacularizados, realizados em épocas e locais diversos daqueles determinados pela tradição, em que os marujeiros participam por questões políticas, econômicas (para receber fundos com o intuito de manter suas tradições) ou por meras relações de poder. Sendo assim, esses agentes externos promovem ativamente um processo de folclorização, no sentido pejorativo deste termo, de expressões culturais tradicionais, induzindo esses grupos a realizarem

“apresentações”, com um viés quase que teatral, devido à ausência de sentido e significado por parte de seus praticantes.

Ao analisar a interferência desses agentes externos percebemos como os marujeiros reagem a esta interferência, muitas vezes demonstradas por ações refletidas nas práticas rituais, a exemplo de um membro do grupo que se recusa a participar de uma festividade com a qual não tem compromisso religioso ou afetivo.

Dentre os impactos causados nessas interações sociais, estão as alterações em relação à música da marujada, sejam elas causadas pela interferência dos agentes externos ou por fatores internos ao grupo, causando mudanças na tradição.

Sendo assim, a música pode ser abordada de diferentes formas. Primeiramente tendo como foco a questão da autoria, e consequentemente as implicações no que diz respeito os Direitos Autorais. Os marujeiros compõem suas músicas e recriam as de seus antepassados em um ambiente coletivo. Porém, por não terem um grupo com um número fixo de componentes que possam ser identificados com exatidão, e pelo fato de muitas músicas da tradição circularem por outros grupos devotos do rosário, acabam tendo suas músicas classificadas pela legislação de Direitos Autorais como de autores desconhecidos, e consequentemente, de domínio público. Isso tem causado alguns problemas associados à apropriação de músicas da marujada por diversos artistas ligados ao universo da indústria cultural de mercado, e foi apontado pela liderança do grupo como uma preocupação atual.

Em consequência das ameaças em ter suas músicas apropriadas e divulgadas por cidadãos externos ao universo musical tradicional, algumas estratégias de resistência dos marujeiros ficam evidentes. Isso é percebido principalmente quando os membros do grupo evitam cantar algumas composições em determinados locais, demonstrando a preocupação do grupo em relação ao sentido e significado daqueles cantos, que possuem grande ligação com a religiosidade e devoção à Nossa Senhora do Rosário. Os marujeiros também evitam trocar de cantos, permanecendo em um único por mais tempo, quando há pessoas gravando e filmando, de tal forma a não fornecerem muitas opções para uma suposta apropriação.

Finalmente, a música também é analisada em relação às mudanças na tradição, tendo em vista que ao longo dos anos, com a diminuição da festa, os cantos também alteraram sua duração. Além disso, os instrumentos também sofreram mudanças, principalmente devido à ausência de matéria prima de qualidade como “antigamente”.

Além de ser uma fonte de reflexão sobre a marujada, a pesquisa também pode se tornar um suporte para o grupo pesquisado nos processos de defesa dessa expressão cultural e de suas tradições.

Com esse intuito, algumas iniciativas estão sendo realizadas, principalmente no campo da etnomusicologia aplicada. Estes projetos estão em andamento e provavelmente não serão finalizados até a defesa dessa dissertação de mestrado, mas merecem ser citados, já que também interferem na marujada. Apesar de não haver nenhuma garantia de que eles se concretizem no futuro, eles demonstram uma preocupação do pesquisador em trazer algum benefício para o grupo, sempre tendo como foco a vontade e opinião dos marujeiros.

A atuação da Etnomusicologia Aplicada, área ainda pouco explorada aqui no Brasil, é muito frequentemente considerada como paralela à da pesquisa em si, como uma resposta concreta ao imperativo ético de se dar um retorno aos grupos “pesquisados”. Analisando a literatura desta área, podemos observar que ela é diretamente ligada (às vezes, quase se confunde) com aquela da pesquisa sobre folclore. Com essa área, me parece, compartilha as ideias dominantes relativas ao “campo de estudo” (a “música tradicional”) e os objetivos de preservação, defesa da “tradição”, fortalecimento de algo “a risco”. São muito poucos os exemplos de projetos de “etnomusicologia aplicada” desenvolvidos no meio urbano e entorno de práticas musicais populares. (CAMBRIA, Vincenzo, 2004, p. 2).

Conforme foi relatado ao final do capítulo intitulado “Secretaria de Cultura e IEPHA”, os marujeiros possuem um registro de fundação de uma associação denominada “Grupo Folclórico Marujada de Nossa Senhora do Rosário – Conceição do Mato Dentro”, que foi realizado em 5 de outubro de 2001 e atualmente buscam regularizar as documentações desse registro com o intuito de estabelecer uma parceria com a prefeitura de Conceição do Mato Dentro, pra recebimento de uma verba destinada para auxiliar o grupo na manutenção de suas tradições.

Juntamente com o auxílio da vereadora Flávia Mariza Magalhães S. Costa (até o momento vice presidente da associação) e da contadora Antônia Aparecida Costa, realizamos, no dia 17 de julho de 2013, uma reunião com alguns marujeiros visando reorganizar institucionalmente o grupo folclórico “Marujada de Nossa Senhora do Rosário de Conceição do Mato Dentro”. Os objetivos da reunião foram estabelecer algumas metas, assim definidas:

Atualizar a diretoria e o estatuto social, abrir uma conta bancária, atualizar a procuração eletrônica junto à Receita Federal e realizar uma pesquisa fiscal e cadastral junto à Receita Federal, conforme ata de reunião extraordinária em anexo.

Desta forma, no dia dezenove de agosto de dois mil e treze, realizou-se outra assembléia extraordinária, em que foram escolhidos os membros da diretoria e conselho fiscal. Fui convidado pelo mestre da marujada Zé Geraldo a fazer parte da diretoria, convite que aceitei com grande satisfação. Atualmente ocupo o cargo de tesoureiro.

As metas estabelecidas na reunião do dia 17 de julho de 2013 ainda não foram cumpridas em sua totalidade, mas estão em andamento, sendo provável que a parceria entre prefeitura e marujada se concretize até o fim do ano de 2013.

Outra ação que está sendo desenvolvida é referente à realização da I Conferência Municipal de Cultura de Conceição do Mato Dentro, realizada pela Secretaria de Cultura e Patrimônio Histórico de Conceição do Mato Dentro realizada no dia 9 de agosto de 2013. Dentre seus diversos objetivos, a conferência teve como foco:

Propor estratégias de articulação e cooperação institucional com demais entes públicos municipais destes com a sociedade civil, povos indígenas e povos e comunidades tradicionais que dinamizem a participação e controle social na gestão das políticas públicas de cultura para implementação e consolidação do Sistema Municipal de Cultura, envolvendo seus respectivos componentes;

Discutir a cultura local nos seus aspectos de identidade, da memória, da produção simbólica, da gestão, da sua proteção e salvaguarda, da participação social e da plena cidadania;

Propor estratégias para proporcionar aos fazedores de cultura locais o acesso aos meios de produção, assim como propor

estratégias para universalizar seu acesso à produção e à fruição dos bens, serviços e espaços culturais.

Após determinados os objetivos, a conferência foi separada por temas, que estão em consonância com aquilo que determina o Plano Nacional de Cultura. Esses temas possuem diversos itens. Citarei apenas aqueles que considero mais importantes para a pesquisa que desenvolvo.

II – Produção Simbólica e Diversidade Cultural – Foco: O fortalecimento da produção artística e de bens simbólicos e da proteção e promoção da diversidade das expressões culturais, com atenção para a diversidade étnica e racial.

4. Valorização do patrimônio Cultural e proteção aos conhecimentos dos povos e comunidades tradicionais.

IV – Cultura e desenvolvimento – Foco: Economia Criativa como uma estratégia de desenvolvimento sustentável.

4 – Direitos Autorais e Conexos, Aperfeiçoamento dos Marcos Legais Existentes e Criação do Arcabouço Legal para Dinamização da Economia Criativa Brasileira.

Devido a proximidade dos temas expostos e a pesquisa que desenvolvo, participei dos grupos II e IV, tendo como foco, principalmente os sub eixos acima citados. O Zé Geraldo, mestre da marujada de Conceição do Mato Dentro também participou do grupo II. Enfatizamos, durante as discussões no grupo II, algumas das dificuldades da marujada, principalmente relacionadas ao transporte e à ausência de um espaço físico onde o grupo possa se estabelecer, guardar as fardas e instrumentos, ensaiar e receber as guardas visitantes. No grupo IV questionei algumas questões vividas pela marujada e por outros grupos tradicionais relacionados aos Direitos Autorais, como vimos no capítulo referente à esse assunto.

Posteriormente às discussões, foram eleitos delegados para a etapa estadual, de acordo com um percentual do número de participantes. Felizmente fui eleito em uma das duas vagas de delegado de Conceição do Mato Dentro.

Desta forma pretendo utilizar de forma prática as experiências vividas e o conhecimento adquirido ao longo da pesquisa, buscando representar os anseios das diversas expressões culturais de Conceição do Mato Dentro na Conferência Estadual

de Cultura, demonstrando que o trabalho realizado pode trazer bons resultados mesmo posteriormente ao término da dissertação.

Bibliografia

Anglo Ferrous Minas-Rio Mineração S.A. Plano de Controle Ambiental. Programa de Apoio ao Turismo. Documento nº PG-003-AF-03-09-v0. Data: 16-mar-09.

ARAÚJO, Samuel. Música e políticas públicas para a juventude: por uma nova concepção de pesquisa musical. *XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM)* Brasília – 2006.

BECKER, Luzia Costa. Tradição e Modernidade: a luta por reconhecimento no Brasil Profundo. *Anais do II Seminário Nacional – Movimentos Sociais, Participação e Democracia – 25 a 27 de abril de 2007, UFSC, Florianópolis, Brasil*. Núcleo de Pesquisa em movimentos Sociais – NPMS.

BOSI, Alfredo. Cultura Como Tradição. In: BORNHEIM, Gerd; BOSI, Alfredo; PESSANHA, José Américo Motta; SCHWARZ, Roberto; SANTIAGO, Silviano; DUARTE, Paulo Sérgio. (ed) *Tradição Contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

CABRAL, Plínio. *A nova lei de Direitos Autorais*. Comentários. Ed Harbra, 2003.

CAHALI, Yussef Said. *Dano Moral*. 3. ed. rev., ampl. e atual. Conforme o Código Civil de 2002. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2005.

CAMBRIA, Vincenzo. “Etnomusicologia aplicada e ‘pesquisa ação participativa’”. Reflexões teóricas iniciais para uma experiência de pesquisa comunitária o Rio de Janeiro”. *Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular*, 2004.

CARVALHO, José Jorge de. As Artes Sagradas Afro-Brasileiras e a Preservação da Natureza. Departamento de Antropologia- - UNB. O texto ao qual foi retirada a citação é reflexo escrito da palestra proferida por José Jorge de Carvalho no Centro de Cultura Popular, no dia 4 de dezembro de 2004.

Código Civil Brasileiro, artigo 20.

COPLAN, David B. Ethnomusicology and the Meaning of Tradition. In: BLUM, Stephen; BOHLMAN, Philip V.; NEUMAN, Daniel M. (ed) *Ethnomusicology and Modern Music History*. Illinois: Illini Books edition, 1993.

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Conceição do Mato Dentro Fonte da Saudade*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1975.

Diálogo. Ano dois. n 8 – Setembro/outubro de 2010.

DIAS, Maria Vitória (et al). *Mato Dentro: Viagem através dos tempos e contratempos de Conceição*. Dossiê: Agência de Investigação Histórica. Belo Horizonte, 1994.

DIAS, Paulo. A outra festa negra. In: JANCSÓ, István & KANTOR, Íris (org). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. Vol II. São Paulo: EDUSP, pp. 859-888, 2001.

Dossiê de Registro Imaterial. Festa do Rosário. Exercício de 2011. Pasta quadro VI. Município de Conceição do Mato Dentro.

FERRAZ JR, Tercio Sampaio. *Introdução ao Estudo do Direito – técnica, decisão, dominação*. São Paulo: Atlas, 1988.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Belo Horizonte. Editora Itatiaia LTDA, 1975.

HOBSBAWN, Eric; RANGER Terence. *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

LAYCER, Tomas. *Da senzala à capela*. tradução de John Penney – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998, artigos 5º, 45 e 88.

LUCAS, Glaura, BONIFÁCIO da Luz, José (org). *Cantando e Reinando com os Arturos* – CD Livro. Belo Horizonte: Ed. Roma, 2006.

LUCAS, Glaura. Diferentes perspectivas sobre o contexto e o significado do Congado mineiro. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; QUEIROZ, Ruben Caixeta de. (ed) *Músicas Africanas e Indígenas no Brasil*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008.

LUCAS, Glaura. Música Popular Afro-mineira: conflitos étnicos e éticos de uma construção. *I Encontro de Estudos da Música Popular Brasileira*. Belo Horizonte, Escola de Música da UFMG, 2006.

LUCAS, Glaura. O Ritual dos ritimos no congado mineiro dos arturos e do jatobá. *XII Encontro do ANPPOM*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1999.

LUCAS, Glaura. *Os Sons do Rosário. O Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MALM, krister. A Expansão Dos Direitos de Propriedade Intelectual e a Música – Uma Área de Tensão. In: ARAÚJO, Samuel; PAZ, Gaspar; CAMBRIA, Vincenzo. (ed) *Música em debate: Pesperctivas interdisciplinares* Mauad Editora Ltda, 2008.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp, vol.II, pp. 37-178. 1974.

MENESES, Elisângela Dias. *Curso de Direito Autoral*. Belo Horizonte: Ed. Del Rey, 2007.

NETTL, Bruno. O estudo comparativo da mudança musical: Estudos de caso de quatro culturas. *Revista ANTHROPOLOGICAS*, ano 10, vol 17(1), 2006.

NETTL, Bruno. *The Study of Ethnomusicology – Twenty-nine Issues and Concepts*. University of Illinois Press, 1983.

Parecer técnico do SISEMA 001/2010, PA COPAM nº 472/2007/004/2009, Referente à mineradora Anglo Ferrous Minas-Rio Mineração SA.

Parecer Único SISEMA N.º002/2009. Processo COPAM N.º 00472/2007/004/2009.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de M. Inúmeras Cabeças - Tradições Afro-Brasileiras e Horizontes da Contemporaneidade. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). (ed) *Brasil Afro Brasileiro*. Editora Autêntica. 2000.

Plano de Desenvolvimento Sustentável Município de Conceição da Mato Dentro (2007). Autores: Ézio Dornela Goulart e Sociedade dos Amigos do Tabuleiro.

Portaria 177 editada pela FUNAI em 16 de fevereiro de 2006.

REILY, Suzel Ana. Manifestações populares: Do “aproveitamento à reapropriação. In: REILY, Suzel Ana; DOULA, Sheila M (orgs). (ed) *Do folclore à cultura popular. Encontro de pesquisadores nas ciências sociais*. Universidade de São Paulo, 1990.

RICE, Timothy. Reflections on music and meaning: metaphor, signification and control in the Bulgarian case. *British Journal of Ethnomusicology*. Vol. 10/1, 2001.

SANDRONI, Carlos. Propriedade intelectual e música de tradição oral. In: GARCIA, Ana; SANDRONI, Carlos; HOLANDA, Heloísa Buarque de; PASINI, Leandro; FISHER, Luís Augusto; CESARINO, Pedro de Niemeyer; COHN, Sergio; PIMENTEL, Spensy; GARCIA, Walter. *Coletânea Cultura e Pensamento n 3*. Brasil: dezembro de 2007.

SANDRONI, Carlos. Tradicionalidade e suas controvérsias no maracatu de baquevirado. V *ENABET – Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia*. Belém – 2011.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Observação participante e escrita etnográfica. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org). *Brasil Afro-brasileiro. 1ed*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

TRAVASSOS, Elizabeth. Revista Brasileira (revista quadrimestral da academia brasileira de música) número 1, janeiro de 1999. ISSN 1516-2427. Texto: Repente e música popular, a autoria em debate.

TURINO, Tomas. *Music as Social Life: the Politics of Participation*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro, 1947 - 1964*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1997.

Entrevistas e questionários:

E mail enviado pela gerente de desenvolvimento social Viviane Menini em 14/06/2013, para esta pesquisa.

Entrevista realizada em 05/07/2013 com o Zé Geraldo (mestre da marujada de Conceição do Mato Dentro), Sr. Raimundo (membro mais antigo da marujada de Conceição do Mato Dentro) e dona Maria (esposa do Sr. Raimundo).

Entrevista realizada em 23/04/2013 com o Zé Geraldo, mestre da Marujada de Conceição do Mato Dentro, para esta pesquisa.

Questionário respondido por e mail pela Diretora de Promoção do IEPHA Marília Palhares Machado, em 10 de junho de 2013, para esta pesquisa.

Questionário respondido por e mail pelo Gerente de Patrimônio Imaterial do IEPHA Luis Gustavo Molinari Mundim, em 10 de junho de 2013 para esta pesquisa.

Questionário respondido por escrito pela Secretária de Cultura de Conceição do Mato Dentro Júlia Celly em 27 de maio de 2013, para esta pesquisa.

Questionário respondido por escrito pela Secretária de Turismo de Conceição do Mato Dentro Regiane Ottoni, em junho de 2013, para esta pesquisa.

Anexos

ICMS PATRIMÔNIO
CULTURAL - 2013DIRETORIA DE PROMOÇÃO
GERÊNCIA DE COOPERAÇÃO
MUNICIPAL

CULTURA

Quadro VI – Registro do Patrimônio Imaterial

1 - MUNICÍPIO: Conceição do Mato Dentro		1.1 - DISTRITO: sede		
2 - BEM REGISTRADO: Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos		[x] Complementação		
[x] Celebrações [] Formas de Expressão [] Saberes [] Lugares [] Outros				
ANÁLISE (Itens em negrito são pré-requisitos)		Não Entregue	Aceito	
			Sim	Complementar Não
3 - Introdução: Apresentação e motivação do pedido de registro.			X	
4 - Ficha técnica.			X	
5 - HISTÓRICO DO BEM CULTURAL CONTEXTUALIZADO NA EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO				
5.1 - Histórico do Local (distrito, povoado, comunidade).			X	
5.2 - Trajetória Histórica do Bem Cultural (quando e como surge no município e sua evolução).			X	
5.3 - Depoimentos.			X	
6 - LUGARES				
6.1 - Identificou o ambiente onde se concentra e reproduz as práticas culturais.				
6.2 - Evolução dos espaços (modificações no ambiente onde ocorre a manifestação).				
6.3 - Descrição das práticas coletivas (importância no contexto do município, como ela se reproduz, informe se a mesma ocorre em outros locais).				
6.4 - Cartografia com levantamento urbanístico e arquitetônico.				
6.5 - Identificação dos atores sociais.				
6.6 - Fotos com legendas (mín. 50).				
6.7 - Audiovisual.				
6.8 - Justificativa de a prática cultural ocorrer no local.				
6.9 - Diferenças da ocorrência do bem cultural no município comparada com outros locais onde o mesmo acontece.				
6.10 - Explicação da permanência da prática coletiva.				
6.11 - Avaliação arquitetônica e urbanística do lugar.				
6.12 - Avaliação da interdependência entre pessoas e/ou organização com as práticas.				
6.13 - Riscos de seu desaparecimento.				
7 - SABERES, CELEBRAÇÕES E FORMAS DE EXPRESSÕES				
7.1 - Descrição detalhada de cada etapa.			X	
7.2 - Descrição dos locais (decoração, agenciamento do espaço).			X	
7.3 - Mapa.			X	
7.4 - Identificação dos atores sociais.			x	
7.5 - Demonstrou a organização do grupo de executantes.			X	
7.6 - Descrição dos <u>meios</u> necessários para a permanência do bem.				
7.7 - Descrição dos materiais necessários:	Celebrações: Instrumento, indumentárias, cantos, poemas e similares.		X	
	Formas de Expressão: Enviou o exemplar do bem produzido.		-	
	Saberes: Relação de Matérias Primas e modo de preparar.		-	
7.8 - Fotos com legendas (mín. 50 - 5 de cada aspecto).			X	
7.9 - Audiovisual.		X		
7.10 - Justificativa de a prática cultural ocorrer no local.			X	
7.11 - Avaliação da interdependência entre pessoas e/ou organização com o lugar e as práticas.			X	
7.12 - Riscos de seu desaparecimento.				
8 - PLANO DE VALORIZAÇÃO E SALVAGUARDA				
8.1 - Identificação dos riscos de desaparecimento.			X	
8.2 - Diretrizes e/ou medidas para a sobrevivência junto à comunidade (ações de valorização e de salvaguarda do bem).			X	
8.3 - Apresentou meios de difusão e transmissão para as futuras gerações.			X	
8.4 - Cronograma.			X	

Continua..

ANÁLISE (Itens em negrito são pré-requisitos)	Não Entregue	Aceito		
		Sim	Comple- mentar	Não
9 - DOCUMENTAÇÃO				
9.1 - Cópia da proposta de registro dirigida ao Conselho Municipal.		X		
9.2 - Cópia da ata de reunião do Conselho Municipal autorizando a instauração do processo.		X		
9.3 - Cópia do comunicado em que o Conselho autoriza a instauração do processo de registro.	X			
9.4 - Cópia do parecer do Setor.		X		
9.5 - Cópia da análise e parecer do Conselho sobre o processo instruído.		X		
9.6 - Cópia da divulgação que dê possibilidade de manifestação quanto ao registro.	X			
9.7 - Cópia de eventuais manifestações.	-	-	-	-
9.8 - Ata do Conselho com decisão FINAL.	X			
9.9 - Cópia da inscrição do bem no livro de registro (QUANDO PARECER FAVORÁVEL).			X	
9.10 - Cópia dos recursos (QUANDO PARECER CONTRÁRIO).	-	-	-	-
9.11 - Cópia da mensagem à comunidade informando a inscrição do bem cultural no LIVRO DE REGISTRO MUNICIPAL.	X			
10 - CONCLUSÃO:				
Complementar os itens abaixo observados.				
COMENTÁRIOS / OBSERVAÇÕES DO ANALISTA:				
Na inscrição do bem imaterial no livro de registros, não ficou claro em qual dos livros (celebrações, forma de expressão, saberes ou lugares) a festa foi registrada. Além disso, o nome do bem não está corretamente inscrito. Está registrada a festa de Nossa Senhora dos Pretos. Deveria ser a festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, conforme o dossiê apresentado. Corrigir item 9.9. Não foi apresentada a ata da reunião do Conselho com a decisão final do registro. Apresentar os itens 9.3, 9.6, 9.8 e 9.11. Análises anteriores (ex. 2011 e 2012) pediram para reapresentar toda documentação. Ao reapresentar uma documentação, esta deve ser feita nos moldes da deliberação vigente, no caso CONEP 01/2011. Neste exercício de 2013, foi apresentado o mesmo texto do exercício 2011, com fotos atualizadas e em número maior. No entanto, sem as adequações referentes à descrição da festa e à identificação dos atores. Complementar no próximo exercício, aprimorando a descrição de cada etapa da festa, descrevendo os momentos, as apresentações, cada grupo participante, como se vestem, o que cantam e dançam, como participam, como se comportam, suas relações com a comunidade. Fazer uma observação participante da festa e registrar as impressões de cada momento, a forma como os grupos se organizam, e não apenas os horários da programação. Aprimorar também a identificação dos atores e a organização do grupo executor da festa, apontando quem é responsável por cada etapa, há quanto tempo; identificar as pessoas envolvidas na organização, sua relação com os festeiros, espectadores e devotos; como cada um se comporta, qual a medida do envolvimento, qual a função deles. Complementar os itens 7.1, 7.4, 7.5, 7.7. O registro audiovisual não foi encaminhado. Enviar audiovisual com imagens dos momentos da festa, da sua organização. Não é preciso filmar toda a celebração nem fazer edição profissional. Por exemplo, registrar um pouco de cada etapa mostrando os detalhes, o ambiente, as apresentações dos grupos, a participação das pessoas, suas emoções, alguns depoimentos dos participantes. Tente captar o "clima da festa". Apresentar item 7.9. Fazer análise do bem cultural avaliando a interdependência entre a festa e a comunidade. Trabalhe aspectos como identificação simbólica, sociabilidade, pertencimento, estranhamento, reciprocidade, rivalidades, sagrado/profano, ritos, etc. Complementar item 7.11				
PONTUAÇÃO [x] 0,0 [] 2,0				
Analista / MASP: Ana Paula Trindade Gomes 1153632-3		Data: 02/04/2012		

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
MESTRADO EM MÚSICA
Dissertação de Curso

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

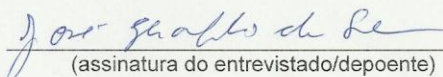
Pelo presente documento Jose Geraldo da Silva, RG: M-3.836.943, emitido pela Secretaria de Segurança Pública de Minas Gerais, CPF: 533.236.376-15, domiciliado/residente à Rua Oliveira Santos, número 300, Bairro Centro, Conceição do Mato Dentro/MG, Cep 35860-000, declaro ceder ao Pesquisador:

Filipe Generoso Brandão Murta Gaeta, CPF: 063.848.596-70, RG: MG 12.928.286, emitido pela Secretaria de Segurança Pública de Minas Gerais, domiciliado/residente à rua Ceará, número 1695 apartamento 702, Bairro Funcionários, Belo Horizonte/MG, Cep 30150-311,

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador/entrevistador aqui referido, na cidade de Conceição do Mato Dentro, Estado de Minas Gerais, em 23/04/2013, como subsidio à construção de sua dissertação de Mestrado em Música na Universidade Federal de Minas Gerais. O pesquisador acima citado fica consequentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Local e Data:

Conceição do Mato Dentro, 23 de agosto de 2013


(assinatura do entrevistado/depoente)